

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA  
NÚCLEO DE SAÚDE  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

EDNA MÔNICA DA SILVA WOBETO

**O FEMININO E A VIOLÊNCIA NUMA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA**

PORTO VELHO

2013

# **O FEMININO E A VIOLÊNCIA NUMA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA**

**EDNA MÔNICA DA SILVA WOBETO**

Texto apresentado à Banca de Qualificação, como parte dos requisitos para a defesa e conclusão do Mestrado em Psicologia da Universidade Federal de Rondônia

Linha de Pesquisa: Saúde e Processos Psicossociais.

Orientador: Dr.<sup>a</sup> Melissa Andréa Vieira de Medeiros

**PORTO VELHO**

**2013**

FICHA CATALOGRÁFICA  
BIBLIOTECA PROF. ROBERTO DUARTE PIRES

W837f

Wobeto, Edna Mônica da Silva

O feminino e a violência numa perspectiva psicanalítica / Edna Mônica da Silva Wobeto. Porto Velho, Rondônia, 2013.  
190f.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) Fundação Universidade Federal de Rondônia / UNIR.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Melissa Andrea Vieira Medeiros

1. Psicanálise 2. Repetição 3. Feminino 4. Violência 5. Devastação  
I. Medeiros, Melissa Andrea Vieira II. Título.

CDU: 159.922.1-055.2

Bibliotecária Responsável: Ozelina Saldanha CRB11/947

**FOLHA DE APROVAÇÃO**  
**O FEMININO E A VIOLÊNCIA NUMA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia - MAPSI da Universidade Federal de Rondônia como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Psicologia.

**Linha de Pesquisa:** Saúde e Processos Psicossociais

**Orientador:** Dr<sup>a</sup> Melissa Andréa Vieira de Medeiros

**BANCA EXAMINADORA**

Dr<sup>a</sup>. Maria Lúcia Tiellet Nunes

Instituição: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Programa: PUC/RS

Assinatura: 

Dr. José Juliano Cedaro

Instituição: Universidade Federal de Rondônia

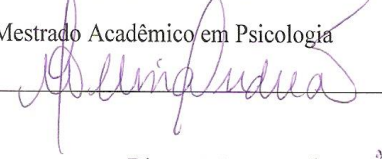
Programa: Mestrado Acadêmico em Psicologia (MAPSI)

Assinatura: 

Dr<sup>a</sup>. Melissa Andrea Vieira de Medeiros (Orientadora)

Instituição: Universidade Federal de Rondônia

Programa: Mestrado Acadêmico em Psicologia

Assinatura: 

Dissertação aprovada em: 26/08/2013

## AGRADECIMENTOS

Ao programa do Mestrado Acadêmico em Psicologia – MAPSI – e à Universidade Federal de Rondônia, por propiciarem singular e valiosa experiência que possibilitará adentrar e compor o campo da docência e da pesquisa.

Em especial a todos os professores do MAPSI que sonharam e idealizaram a edificação desse programa e não mediram esforços para mantê-lo em constante construção.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que viabilizou a realização dessa pesquisa e pelo incentivo às pesquisas na região norte do país.

A minha orientadora Dra. Melissa Andréa Vieira Medeiros, pela acolhida, compreensão e dedicação; sempre paciente e disposta a instruir e ajudar na construção e no progresso do presente trabalho. Suas contribuições no desafio da produção deste texto foram determinantes para a concretização desta dissertação. Agradeço ainda pela amizade, carinho e pelo café nas manhãs de estudo.

À Dra. Maria Lúcia Tiellet Nunes e Dr. José Juliano Cedaro, pela aceitação do convite e disposição para participar da banca desta dissertação.

À Dra. Vanessa Aparecida Alves de Lima, membro de minha qualificação; agradeço sua disponibilidade e atenção e pelas valiosas contribuições.

Ao Centro de Atendimento à Mulher Vítima de Violência Doméstica (CAM), na pessoa da coordenadora Janaína Pagangrizo, pela amizade, parceria, compreensão e pelo seu apoio incondicional em não medir esforços, viabilizando que a pesquisa acontecesse.

A todos os membros da equipe do CAM, em especial a Romilda, pela colaboração, interesse e disponibilidade dispensada durante os momentos em que foi solicitada.

Pelo amor, carinho, compreensão e dedicação dispensados durante esses dezessete anos, e mais especificamente durante o mestrado: sem seu apoio e sua parceria seria impossível realizar esse sonho. Muito obrigada, *Maciel Albino Wobeto*.

Agradeço a vocês pela paciência, compreensão, apoio e muito amor, pois fazem a minha vida ter brilho, energia e muita luz, anjos que Deus me confiou:

*Vinicius Wobeto* anjo lindo, presente de Deus.

*Biara Wobeto* ternura, amor e encanto em minha vida.

à sapeca *Emanuela Wobeto* sempre surpreendendo, carinho e muito amor.

À minha mãe, Rita Maria da Silva, por me incentivar no universo das descobertas, pelo suporte nas noites de terça-feira. Aos meus irmãos: Deusodete pela cumplicidade no universo acadêmico, sempre disposta; à Nilta Raquel, que juntamente com sua família me acolheu de forma muito carinhosa durante esses dois anos; à Simoni Regina, luz e energia em minha vida, apesar da distância, sempre a me incentivar o intelectual; ao Carlos Henrique, pelo apoio e carinho. A todos vocês, com amor e carinho, obrigada por fazerem parte do enredo da minha vida.

À Maria Freire, irmã que a vida me presenteou, por mais essa parceria acadêmica, amizade e apoio neste e em todos os outros momentos. Que possamos repetir nossas parcerias de amizade e acadêmica.

À Marinalva Cardoso do Vale, pelo apoio incondicional, pelo olhar carinhoso e crítico com minha escrita antes mesmo da entrada no mestrado.

Aos amigos do mestrado, com carinho à Débora e Locimar em especial, por compartilharmos angústias, descontentamentos e conquistas vivenciados nesse período.

Aos profissionais da biblioteca da UNIR, em especial àqueles de Vilhena que carinhosamente me acolheram nas manhãs de estudos, sempre cuidadosos e zelosos para que o ambiente fosse de fato funcional.

De forma especial, àquelas que possibilitaram que este trabalho acontecesse – Érica, Sara e Eva, as três pacientes que compartilharam suas dores, alegrias e as histórias de suas vida durante esses dois anos. Proporcionaram-me crescimento e desenvolvimento no âmbito profissional, acadêmico e na relação com o outro.

## RESUMO

WOBETO, E. M. da S. **O Feminino e a Violência numa perspectiva Psicanalítica**. 2013. 190 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Programa de Pós Graduação em Psicologia. Núcleo de Saúde. Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2013.

O presente estudo discute as parcerias amorosas devastadoras que se repetem. Objetiva averiguar, no campo subjetivo, os motivos pelos quais mulheres vivenciam de forma recorrente relações violentas e, mesmo conhecedoras de seus direitos, não rompem com essa condição. Para tanto, recorri ao Centro de Atendimento à Mulher Vítima de Violência Doméstica (CAM), na busca por compreender a repetição nas relações devastadoras, através de três casos clínicos, adotando como critério de inclusão as pacientes terem recorrido ao suporte da instituição pelo menos duas vezes e não terem rompido com a condição de agredida, e ainda, sua disposição à psicoterapia. A pesquisa fundamenta-se no aporte psicanalítico como ferramenta teórico-metodológica para a condução da clínica, bem como para a leitura dos dados recolhidos, pois esse aporte acolhe a demanda apresentada pelas mulheres de forma a analisar sua singularidade a partir da concepção do que é violência pela perspectiva de quem a vivencia. Inicialmente optei por versar sobre relações de poder e gênero, adentrando no campo da construção sociocultural da mulher contemporânea que galga degraus, mas no entanto, repete a postura de assujeitada diante do Outro. Busquei, a partir da contribuição Freudo-Lacanianana, estudar a edificação do feminino, recorrendo à pré-história edípica da menina, ao complexo de Édipo e de castração e à devastação na relação mãe e filha, bem como nas parceiras amorosas, entrelaçando a temática da repetição, compulsão à repetição e pulsão de morte. Foi possível perceber que a repetição no assujeitamento a relações amorosas devastadoras denuncia um jeito de ser mulher, de vincular-se assujeitada ao Outro. Repete de forma compulsiva sinalizando o caráter dúbio das pulsões e pulsão de morte.

**Palavras-chave:** Psicanálise. Repetição. Feminino. Violência. Devastação.

## **ABSTRACT**

WOBETO, E. M. da S. **The Feminine and the Violence in a psychoanalytic perspective.** 2013. 190 p. (Master's Degree in psychology )Post graduate program in psychology. health nucleus. Rondonia Federal college, Porto Velho 2013.

The following research proposes a discussion about the repeated devastating relationships , aiming to verify on the subjective field, the reasons why women experience in a recurrent way violent relationships, and even despite knowing about their rights, cannot break through that condition. For that, I recurred the women victim of domestic violence centre, (Centro de Atendimento à Mulher Vítima de Violência Doméstica – CAM), through three clinical cases, adopting as a criteria of inclusion the patients having recurred the support of the institution at least twice, and having not broken with the abused or beaten condition, and more, their readiness to psychotherapy . The research is based on the psychoanalytic contribution which has worked as a theoretic-methodological tool to the clinical drive , as for data reading, believing it is the best supply for supporting the needs presented, aiming to analyze its singularity from the conception of what is violence by the victim's perspective. In accordance with the previous said, I initially opted to discuss about power and gender relations, craving for getting into the “social and cultural modern women that progresses” field , in spite keeping the passive posture in relation the significant other. That Way, I sought through Freudian and Lacanian contributions enter the feminine construct, reviewing the prehistoric oedipal of the girl, Oedipus' complex and castration and the ravages in mother-daughter relations, as in the love affairs , connected to the repetition theme, repetitive compulsion and death pulsion. In that sense, it was possible to perceive that the repetition of the passive posture is not restricted to the marital partnerships, which exposes a way of being women subjected by the Other.

**Keywords:** Psychoanalysis. Repetition. Feminine. Devastation. Death Drive/ pulsion.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>1. O MÉTODO.....</b>	<b>17</b>
1.1. Sobre o Lugar da Pesquisa .....	17
1.2. Sobre as Participantes .....	18
1.3. Sobre o Método de Pesquisa .....	20
1.3.1. Clínica Psicanalítica .....	21
1.3.2. O Método Psicanalítico .....	23
1.3.3. Transferência na Clínica.....	24
1.4. Análise Interpretativa a Partir da Psicanálise .....	27
<b>2. RELAÇÃO DE PODER E O FEMININO. ....</b>	<b>29</b>
2.1. Da cultura à lei – a mulher num discurso social e jurídico.....	29
2.2. Mulher, Direitos e violência.....	43
<b>3. DEVASTAÇÃO E O FEMININO.....</b>	<b>47</b>
3.1. Sobre o Feminino, o Amor e as escolhas objetais em Freud.....	47
3.2. O Feminino e a Devastação em Lacan .....	58
<b>4. REPETIÇÃO .....</b>	<b>75</b>
4.1. Primeira Tópica - Repetição .....	75
4.1.1. Repetir e Recordar .....	77
4.1.2. Transferência e Repetição em Psicanálise.....	81
4.2. Segunda Tópica – Repetição e Compulsão à Repetição .....	83
4.2.1. Repetição em Ato .....	85
4.2.2. Pulsão de Morte e o Par de Opostos Sadismo Masoquismo .....	91
4.2.3 Escolhas Amorosas.....	96
<b>5. INTRODUÇÃO AOS CASOS.....</b>	<b>98</b>
Érica.....	101
5.1 Devastação e Repetição .....	101
5.1.1 Análise dos Dados .....	115

5.1.1.1 Parcerias Amorosas e Devastação.....	115
5.1.1.2 Amizade e Devastação.....	127
Sara.....	132
5.2 Pulsão e Devastação.....	132
5.2.1 Análise dos Dados.....	144
5.2.1.2 A Máscara e a Feminilidade.....	144
Eva.....	157
5.3 Devastações como forma de Relacionar-se.....	157
5.3.1 Amor e Dor.....	157
5.3.2 Análise dos Dados.....	168
5.3.2.1 Devastação no Amor e na Dor.....	168
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	176
REFERÊNCIAS .....	184
7. APÊNDICE.....	189
7.1. CARTA DE APROVAÇÃO DO CEP/NUSAU.....	190

## INTRODUÇÃO

Dados da Fundação Perseu Abramo (2010) revelam alto índice de incidência e reincidência de mulher em situação de Violência: a cada dois minutos cinco mulheres são espancadas no Brasil; dentre essas, uma em cada dez recorre ao suporte que o Estado oferece como forma de enfrentamento (ABRAMO, 2010). Das mulheres ouvidas pelo DataSenado em 09 de julho de 2013, 30% acreditam que as leis do país não são capazes de protegê-las da violência doméstica; outras 23,3% não denunciam os companheiros à polícia por supor que eles não serão punidos (ABRAMO, 2013).

Dados semelhantes a estes me levaram a pensar as conquistas no âmbito jurídico e social concernente ao universo feminino e em como são perpassadas por argumentos que mantém a mulher num lugar que se repete em relações de assujeitamento à violência no âmbito doméstico.

Pensando nestas questões sobre a violência de gênero, os discursos ideológicos que colocam a mulher como “vítima” desse contexto, e despertada por relatos de mulheres, que se diferenciam e contrastam, pude perceber a contrariedade e ambivalência presente no *setting* terapêutico em circunstâncias como a da paciente que adentra a instituição, portando seu notebook e discorre calorosamente sobre as ameaças de morte que vem sofrendo do ex-marido. Tão logo o áudio de seu equipamento é ligado, transcorre um período de 50 minutos de uma gravação telefônica em que, paralelo, ela argumenta enfaticamente *tratar-se de ameaças de morte* feita pelo ex-marido. No entanto, percebo que somente nos últimos segundos da gravação após mais de 49 minutos em que ela o provoca, é que o “agressor” confirma: “*então tá, eu vou te matar*”.

Diante de episódios como esse e de tantos outros que se assemelham, senti-me instigada a buscar no universo feminino da clínica psicanalítica, analisar os motivos pelos quais mulheres vivenciam de forma repetitiva o assujeitamento a relações devastadoras, e até que ponto elas próprias se colocam nessas situações.

A dialética discursiva, que comparece em tais relatos remeteu-me a outros que se confundem: são realidades que se assemelham, se repetem de forma única na individualidade e na singularidade de cada uma que desvela algo presente num jeito de ser mulher na relação com o outro. Essas mulheres recorrem à instituição, que atua junto à prevenção e ao combate

à violência doméstica, o Centro de Atendimento à Mulher Vítima de Violência Doméstica (CAM), com relatos nos quais compartilham das mesmas mazelas, mudam os personagens, mas as peculiaridades como se relacionam com o outro permanecem. E em muitos casos a violência é demandada por elas; como abordar tal fato?

Nesse sentido, busquei analisar quem são estas mulheres que chegam à clínica do CAM, que repetem a forma de relacionar-se com parceiro violento. Quem são essas autorizadas a conquistar espaço público, a liderar uma nação, que adentram ao mercado e à economia, para além das funções consideradas extensão dos afazeres domésticos, que gozam de direitos e leis que as vêem como frágeis e necessitam de amparo legal diferente daquele que é concedido ao homem? No entanto, elas vinculam-se de forma devastadora ao outro, assujeitam-se de alguma maneira, ao menos no tocante à violência. Em outras palavras, essas mulheres que outrora tinham sua liberdade cerceada pelas leis, pela cultura e pela sociedade, comparecem-me hoje “aprisionadas” à relações devastadoras, em um espaço em que a lei não consegue alcançar, que diz sobre o jeito de ser mulher psiquicamente enredada pelo outro.

O caminho aqui percorrido buscou sinalizar e desvelar essas mulheres. Para tanto, na primeira seção recorro às contribuições psicanalíticas, almejando embasar o presente estudo; aproprio-me de seus subsídios concernente ao método de investigação dado a sua função em ser capaz de contemplar o significado do fenômeno investigado.

Dessa forma, discorri sobre os caminhos percorridos durante sua edificação, desde o despertar do meu interesse, minhas inquietações diante dessa temática, e ainda, apresentar como esse trabalho se desenvolveu, o contato com a instituição, os percursos pautados na ética, no sigilo e no respeito com as três participantes que possibilitaram que o presente estudo acontecesse.

Nessa perspectiva, busquei observar o quanto a pesquisa clínica psicanalítica auxilia a desvelar a mulher presente no *setting* terapêutico do século XXI e quão necessária é essa busca diante da demanda que se apresenta nas relações devastadoras que as mulheres repetem de forma compulsiva.

As técnicas que constituem a clínica psicanalítica embasaram a busca pela compreensão dessas mulheres, por fazer emergir o significado da demanda por elas apresentadas. Nesse sentido, a relação transferencial empresta o caminho para acessar o inconsciente e desvelar o significante das relações de assujeitamento à violência.

Diante dos fatos que despertaram a motivação para o presente estudo, optei na segunda seção por recorrer ao aporte que versa sobre a construção sociocultural do feminino subsidiado pela psicanálise. Nessa seção a discussão foi pautada pela perspectiva de gênero, que almeja compreender as relações entre homem e mulher como sendo de poder do masculino sobre o feminino, de sujeito e assujeitado.

Dessa forma, percorri a construção social da mulher, na qual pude perceber um discurso que fala do desejo feminino na perspectiva do masculino, arraigado na natureza culturalmente modelada, que revela a construção política e cultural das relações de gênero num modelo de poder delineado pelo homem.

Constatei ainda que por volta do final de século XIX e início de século XX, há uma construção social que delimita as potencialidades femininas ao âmbito doméstico e à sexualidade. No entanto, essa realidade desperta a percepção da desconstrução de lugares tanto do feminino, como do masculino em seus papéis sociais e sexuais (KEHL, 1998). Tais lugares foram considerados parte da natureza do homem ou da mulher, como se fosse o “instinto feminino”, as necessidades biológicas, físicas e psíquicas perpassadas pela construção sociocultural do ser. A maternidade e o ambiente doméstico eram considerados como fazendo parte da estrutura feminina.

É necessário desconstruir essa “natureza feminina” que outrora foi moldada segundo os interesses sociais e econômicos de uma minoria detentora do poder; é imprescindível permitir que a mulher fale para além de ser falada. Nesse sentido, observa-se que os desejos do feminino despertam a construção de um aporte teórico – a psicanálise – que a autoriza falar, e ela falou de seus desejos, do amor, do ódio e da culpa. Freud impulsionado em saber sobre o que seria específico do feminino, deu voz aos anseios e angústias, a clínica psicanalítica lhe serviu de cenário no qual pode desenrolar o enredo de suas descobertas.

No entanto, observa-se que esse lugar do feminino ainda persiste, pois a mulher repete consigo o assujeitamento ao Outro, em suas relações e na educação daqueles que a ela compete, perpetuando seu lugar referendado no querer e nos desejos do outro. Portanto, para Aran (2006), é necessário descolonizá-la culturalmente, para que haja um deslocamento do lugar de objeto para o de sujeito desejante.

Nesse sentido, discorro sobre o tornar-se mulher submetida a um conjunto de experiências perpassadas por interesse econômico, político e social de uma cultura.

A partir dos imbróglios que me inquietaram, dispus-me na terceira seção a adentrar os percursos trilhados por Freud concernentes à primazia do falo, e de Lacan quando ele postula, para além do impasse da sexualidade feminina, concebida a partir da idéia da inveja do pênis, na busca por compreender sua estruturação. Para tanto, fez-se necessário o amparo em conceitos como o complexo de castração, o complexo de Édipo e a fase que o antecede, almejando refletir sobre a construção do lugar da mulher na condição de objeto do desejo do outro e sua repetição, que atravessa os vínculos, perpetuando o assujeitamento.

Recorri ainda ao aporte psicanalítico Freudiano-lacanian para pensar a estruturação do feminino e as relações devastadoras que se repetem compulsivamente num assujeitamento ao outro. Nesse contexto, a fase pré-edípica norteia o diálogo sobre o vínculo entre mãe e filha, aclarando o significado da inserção do pai, sua importância como interventor junto à mãe e representante da lei. É através da sua função – função paterna – que a relação mãe-filha pode ser rompida, permitindo à menina ser significada, referendada como mulher, e ainda, que ela possa simbolizar a falta.

O conceito metáfora paterna, bem como seu fracasso, serão abordados nessa reflexão, considerando a devastação como consequência, ou um dos nomes para o fracasso da metáfora paterna (LACAN, 1957-1958 [1999]).

Penso a sexualidade feminina ligada ao amor, ao complexo de Édipo e de castração, ponderando que a percepção da menina como inflexivelmente ligada a sua pré-história com mãe, o que despertou Lacan (1957-1958 [1999]) a pensar o feminino como um ser que não se submete inteiramente ao Édipo e à lei da castração.

Diante de tal percepção, Lacan (1972-1973 [1985]) propõe abordar a sexualidade feminina a partir da diferença entre o gozo fálico e o Gozo Outro, o gozo suplementar, ilimitado. Analisa ainda a identidade feminina a partir de um recuo ao princípio freudiano do primado do falo para analisar as diferenças entre os sexos no inconsciente, através do postulado da inexistência de um significante que defina a mulher.

Assim, diante da inexistência de um significante que defina a mulher, da não submissão inteiramente ao Édipo e à lei da castração, e do gozo feminino ilimitado, Lacan (1972-1973 [1985]) conceitua a devastação como um caminho que a mulher encontra para relacionar-se. Recorro ao semblante e ao real como conceitos que se fazem presentes nas relações devastadoras.

Na quarta seção, interessada em averiguar no campo subjetivo a repetição nas relações com vínculos devastadores: Optei por averiguar o que demanda mulheres conhecedoras do amparo que o Estado lhes oferece permanecer nessa condição? Para tanto, trilho ao percurso feito por Freud concernente aos conceitos de repetição, compulsão à repetição e pulsão de morte, presentes na clínica psicanalítica.

A repetição é tomada a partir de sua potencialidade em sinalizar e comunicar a existência de um conflito e simultaneamente como instrumento terapêutico, por ela ser o ato pelo qual a pulsão permanece oculta. Recorro ao seu caráter dúbio, que é adotado como a que obstaculiza, bem como a que revela o conflito. Nessa perspectiva, me disponho-me a pensar o que a repetição na violência, perpassada pela devastação, esconde e o que ela comunica.

O aporte freudiano concernente ao sonho, ao brincar e à relação transferencial serviram de suporte nesse processo de busca por clarificar aquilo que repete na clínica do feminino. Nesse sentido, o conceito de compulsão à repetição foi discutido em seu caráter pulsional, identificado inicialmente através do brincar, em que, ao atuar em oposição ao princípio de prazer, dá a aparência de uma força demoníaca.

E ainda, através da análise do fenômeno da compulsão à repetição, subsidiada em Freud (1920 [2006]), busquei entender os processos de origem inconsciente, seu caráter pulsional, como aquele que opera a vida psíquica antes do princípio de prazer – pulsão de morte.

Os conceitos de pulsão de vida e pulsão de morte foram tomados como aqueles que almejam algo em comum, mas que realizam sua busca por caminhos diferentes, ambas são forças conservadoras no esforço por resgatar o equilíbrio perdido com o surgimento da vida. Dessa forma, o conceito de pulsão de morte foi considerado em sua relação com o par de opostos sadismo/masochismo, em seu caráter conservador e desestabilizador.

Diante do exposto, busquei refletir sobre a mulher que repete de forma compulsiva o assujeitamento às relações violentas que a devasta. No entanto, a repetição sinaliza a existência de um conflito.

Na quinta e última seção apresentei os três casos que edificam esse trabalho: cada mulher, nesses dois anos de acompanhamento psicoterápico no CAM, revelam-me um jeito de ser mulher, um jeito de se relacionar, que logo percebi como semelhantes, todas se relacionam

de forma devastadora com o Outro. Entretanto, quando me aproximei, com o caminhar das sessões, percebi revelar-se a particularidade: cada uma, *uma a uma*, a sua maneira, desvelou suas relações, sua forma de se assujeitar ao outro e se colocar perante a violência.



## **1 O MÉTODO**

Nesta pesquisa, optei por estudar a repetição nas escolhas amorosas de mulheres em interface com a violência nos seus relacionamentos, a partir da observação e do atendimento psicoterápico daquelas que a vivenciam. Desta maneira, tomei como critério de inclusão para o presente estudo a reincidência experienciada por mulheres no contexto conjugal. Este trabalho propõe averiguar no campo subjetivo por que mulheres que vivenciam a violência doméstica de forma recorrente e mesmo sendo conhecedoras de seus direitos, não rompem com essa condição de assujeitamento e repetição.

Essa pesquisa subsidia do anseio por compreender estas mulheres na sua singularidade, para tanto, optei por analisar, referendada no aporte psicanalítico, a concepção do que é violência pela perspectiva de quem a vivencia.

Nesse sentido, o CAM configurou-se como lugar propício para compreender essa singularidade diante dos objetivos aqui almejados.

### **1.1 Sobre o Lugar da Pesquisa**

A presente pesquisa foi realizada no CAM, localizado no município de Vilhena, no extremo-sul do Estado de Rondônia. Instituição que disponibiliza seus serviços, objetivando prevenção, apoio e combate à violência doméstica.

Trata-se de um órgão ligado à Secretaria Especial de Políticas Públicas para a Mulher e à Secretaria de Assistência Social do Município – SEMAS. Inaugurado em 17 de março de 2005, acolhe os programas de combate à violência contra a mulher, contra a criança e adolescente, e de erradicação da prostituição infantil. É a única instituição com essa estrutura no interior do Estado, localizado em um município pólo e funciona como suporte aos municípios das imediações do Estado, bem como, do Estado vizinho do Mato Grosso.

Quanto à sua estrutura física, há uma recepção, onde se coleta e registra os procedimentos das mulheres, três salas onde são realizados os atendimentos técnicos,

psicossocial e jurídico e um auditório, onde são realizados os cursos, oficinas e atividades lúdicas com a clientela atendida pelos programas acima mencionados.

Com relação aos serviços que o CAM disponibiliza, tem-se o suporte social, inicialmente, com um profissional técnico, seguido de apoio jurídico com uma advogada e o atendimento psicológico, que está estruturado pela abordagem clínica e que ocorre em um primeiro momento de forma individual. Nesta oportunidade, realiza-se a triagem por meio de entrevistas, configurando orientações e encaminhamentos ao atendimento em grupo aberto, com o número de dez participantes, ou ao atendimento clínico individual.

A equipe de profissionais é composta por uma coordenadora, uma auxiliar administrativo, uma auxiliar de serviços gerais, um motorista, uma advogada, uma assistente social, três psicólogas. Dessa maneira, uma realiza o atendimento lúdico com as crianças que apresentam a demanda do programa; outra desenvolve o trabalho com o foco psicossocial e em grupo, e finalmente o atendimento individual na clínica de orientação psicanalítica.

## **1.2 Sobre as Participantes**

Diante da proposta de compreender estas mulheres em sua singularidade, optei por recorrer ao acompanhamento clínico de orientação psicanalítica com três pacientes que vivenciam violência doméstica e que haviam recorrido à rede de apoio no mínimo duas vezes. Essas mulheres, mesmo sendo conhecedoras de seus direitos, permanecem no contexto da violência conjugal.

O aporte psicanalítico possibilitou a ascensão e a articulação de recortes teóricos da psicanálise sobre o feminino e a repetição da violência sofrida pelas mulheres da pesquisa. O diálogo estabelecido entre os conceitos psicanalíticos e os dados da pesquisa clínica desvelou uma realidade que mostra, além dos aspectos subjetivos singulares, uma transmissão de certo modo sociocultural de ser mulher, que não há como negligenciar, pois somos seres humanos indissociados da cultura.

A aproximação a essa realidade foi propiciada através do CAM, local onde as acompanho clinicamente há aproximadamente dois anos.

Adotei como critério de seleção, primeiramente, a disposição em estar e permanecer em psicoterapia, considerando a evolução prática de cada caso. Também foi critério a reincidência nos últimos cinco anos; ainda, que a mulher tenha procurado a Delegacia de Defesa da Mulher (DDM) e registrado pelo menos dois Boletim de Ocorrência (BO), e não tenha recorrido ao suporte psicossocial; ou que tenha recorrido somente ao suporte psicossocial duas vezes ou mais e recusado o suporte jurídico. E por fim, mesmo que tenha recorrido a toda a rede de apoio, jurídico, psicossocial e à DDM, ainda permanecesse em situação de violência doméstica.

Tais critérios foram adotados tomando como referência os registros do movimento das mulheres diante dos suportes que lhes são oferecidos através do Estado. Sustentam-se também na percepção da evolução das políticas públicas de prevenção, apoio e combate à violência no âmbito doméstico. A partir das conquistas mencionadas na segunda seção do presente trabalho, bem como, da evolução no enfrentamento à situação de violência, observei que a repetição na violência, fator propulsor desse estudo, vai além das propostas desenvolvidas pelo Estado no anseio de prevenir e combater essa realidade.

Recorri à clínica psicanalítica como um caminho possível para elucidar a temática. Nesse sentido, os excertos aqui apresentados foram coletados em sessões individuais, realizadas semanalmente.

Atendendo aos preceitos éticos, as pacientes foram identificadas com nomes fictícios como forma de resguardar a identidade de cada uma. A primeira dentre elas recorreu a todo o suporte que o Estado disponibiliza: Érica, encontra-se com 53 anos, tem quatro filhas e atualmente está separada pela quarta vez; em todas as relações vivenciou escolhas amorosas em interface com a violência. Coursou apenas as séries iniciais do Ensino Fundamental, considera-se sem profissão e há oito anos é beneficiária do INSS<sup>1</sup>.

A segunda é Sara, casada uma única vez, mãe de quatro filhos, sendo uma adotiva. Mora com o esposo, uma filha e o neto. É autônoma, com Ensino Fundamental incompleto. Encontra-se com 48 anos e há 34 anos mantém um casamento perpassado pelas mais diversas formas de violência com o mesmo companheiro. Sara optou apenas pelo atendimento psicoterápico.

---

<sup>1</sup> Instituto Nacional de Serviço Social.

Eva, a terceira participante, vivenciou três relacionamentos conjugais, todos com tempo de aproximadamente um ano cada, experienciou outros relacionamentos amorosos sem caracterizar união estável. Em todos eles experienciou a violência conjugal, às vezes de forma velada, noutras, bastante explícitas. Encontra-se com 30 anos, tem um filho pré-adolescente, mora só, é autônoma, tem segundo grau completo. Após o décimo registro de Boletim de Ocorrência Policial – BO e diversas tentativas mal sucedidas de romper com as relações violentas, Eva chega até à psicoterapia.

Diante dessas realidades, considero o método clínico psicanalítico capaz de acolher o significado da violência doméstica a partir daquela que a vivencia, e a técnica psicanalítica capaz de desvelar o que demanda a repetição de escolhas objetais em interface com a violência.

### **1.3 Sobre o Método de Pesquisa**

O desenvolvimento teórico-metodológico do presente trabalho embasa-se numa abordagem clínica qualitativa referendada no aporte psicanalítico. Dessa forma, a coleta e análise interpretativa foram feitas segundo os preceitos da psicanálise.

A opção fundamenta-se em uma leitura psicanalítica, cujo interesse é a significação que um sujeito ou grupo atribuem a determinado evento, ou a um dado fenômeno, em outras palavras, é o sentido concedido a um episódio a partir daquele que o vivenciou. Proponho aqui averiguar o significado atribuído ao fenômeno da violência. Para tanto, amparo-me nas contribuições psicanalíticas como método de investigação, considerando-a, segundo Freud, como:

[...] o nome de (1) um procedimento para a investigação de processos mentais que são quase inacessíveis por qualquer outro modo, (2) um método (baseado nessa investigação) para o tratamento de distúrbios neuróticos e (3) uma coleção de informações psicológicas obtidas ao longo dessas linhas, e que gradualmente se acumula numa nova disciplina científica (FREUD, 1923-1922 [2006], p. 253).

Dito de outra forma, essa opção se deu por considerar a função originária da teoria e, principalmente, sua capacidade de permitir o acesso a processos mentais, praticamente

inacessíveis por outros métodos de investigação, justamente porque a psicanálise permite a relação afetiva e de proximidade com o profissional durante a análise.

Dentre os instrumentos utilizados pelo pesquisador psicanalítico, o vínculo transferencial é tomado como fundamental na realização do atendimento clínico. É através da transferência que se faz possível a escuta do sujeito e de seu inconsciente.

A coleta dos dados tomou como embasamento as contribuições de Nogueira (2004) referente a essa temática: a psicanálise solicita a escrita como o melhor caminho para a elaboração das questões que surgem no *setting*. E ainda, possibilita apreender o contexto em que as palavras são proferidas, o silenciar-se, o não verbal, as expressões, gestos e posturas diante do que é dito no ambiente terapêutico.

Desta maneira, após cada atendimento, as sessões eram cuidadosamente relatadas com maior legitimidade possível, considerando a fala da paciente e da psicoterapeuta, e possíveis observações acerca da sessão para posterior análise e diálogo dos dados com o aporte teórico.

Para essa escuta, optei por percorrer caminhos antes trilhados por aqueles que construíram e ainda contribuem com o crescimento, fortalecimento e inovação do método de pesquisa clínica psicanalítica. Além de Freud, recorri aos subsídios de Elia (1999), Herrmann, F. (1991, 1992, 1993, 2004), Herrmann, L. (2004), Lowenkron (2004), Rea (2004), Nogueira (2004)<sup>2</sup> e Mezan (1993). Para tanto, foram delineadas as contribuições de teoria, da técnica e do método psicanalítico na pesquisa clínica.

### **1.3.1 Clínica-psicanalítica**

Optei por considerar o conjunto de técnicas, métodos e procedimentos presentes na clínica, com intuito de contemplar o sentido e significado a partir daquele que vivencia o fenômeno da violência no âmbito doméstico.

---

<sup>2</sup> Em sua aula proferida em 1999 no contexto da disciplina “Metodologia Científica em Psicologia Clínica”, tendo sido publicada – online – pelo instituto de psicologia da USP em 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65642004000100013](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642004000100013)>. Acesso em 29 de abril de 2012.

Na pesquisa clínica-psicanalítica, o pesquisador aguarda no campo o sujeito que vem procurá-lo e o momento da coleta é sinalizado pelo *timing*<sup>3</sup> do paciente em deixar emergir o conteúdo inconscientemente armazenado. O que Herrmann, F. (2004, p.74), denomina de “arte de interpretar”, na qual deve haver disposição do pesquisador em deixar surgir esse material, possibilitando que ele possa emergir no momento propício.

Nessa perspectiva, o método psicanalítico embasa-se nas regras e técnicas da teoria que o denomina. A atenção flutuante, a escuta psicanalítica e a leitura flutuante são tomadas como recursos capazes de possibilitar a transformação do material bruto na associação livre, na interpretação e na transferência. Desta forma o material da clínica psicanalítica irá emergir na pesquisa clínica, de acordo com a necessidade do paciente, na qual a análise consentirá uma maior apreensão dos fenômenos em seu universo psíquico.

Quanto à renovação teórica e a efetivação do aporte psicanalítico, Herrmann, L. (2004) considera que a pesquisa com o método psicanalítico busca o desvelar do estudo das relações humanas, as estruturas mais profundas que determinam o campo. Para tanto, o pesquisador deve ser exímio conhecedor do aporte que o ampara para propiciar emergir o sentido do campo transferencial do não dito, algo que se presentifica nas relações sociais como um todo e que pode obstaculizar o avanço na análise, bem como na pesquisa clínica.

Nesse sentido, o pesquisador acolhe as angústias e ansiedades do paciente colaborador de seu estudo, o que o torna único por serem de foro pessoal e tal acolhida só é possível, segundo Lowenkron (2004), se o pesquisador for também analista.

O pesquisador como instrumento vem acompanhado das teorias e dos próprios autores que o embasam. É o alicerce de sua pesquisa. A delicadeza desse método concentra-se em ser o pesquisador o sujeito que participa da relação interpessoal, do movimento clínico, e que tem como seu objeto de estudo outro ser humano. Nesse sentido, ele é o pesquisador que participa da coleta dos dados, a qual só se faz possível a partir da sua habilidade como psicoterapeuta-pesquisador.

---

<sup>3</sup> *Timing* “Sensibilidade para o momento propício de realizar ou de ocorrer a algo, ou senso de oportunidade quanto à duração de um processo, uma ação” (AURÉLIO, 2004, p. 1951).

### 1.3.2 O Método Psicanalítico

Para conhecer o método de pesquisa em psicanálise e adentrar em suas nuances é necessário o retorno às suas raízes, ao aporte que sustenta todo seu processo de construção.

Dentre as três definições dadas por Freud (1923-1922 [2006]), ao termo psicanálise, aqui será abordada aquela referente ao método de investigação, por considerar sua função originária da teoria e, principalmente, sua capacidade de permitir o acesso a processos mentais, praticamente inacessíveis, por outros métodos de investigação, justamente por este consistir em uma relação afetiva e de proximidade com o profissional durante a análise.

Dessa forma, ao trabalhar com a pesquisa psicanalítica, busquei, primeiramente, aproximar-me de seu aporte teórico, somado a uma experiência empírica e a um conhecimento prévio da prática na clínica psicanalítica. Nessa perspectiva, a junção da teoria e da prática possibilita novas descobertas no âmbito da psique à luz da psicanálise (HERRMANN, 1991).

Todavia, o percurso feito por Freud, na constituição de sua teoria, vai das experiências às ideias abstratas para empreender o entendimento dos fenômenos e é nesse movimento que tais ideias se solidificam ou não, dada sua importância no campo transferencial. Nesse sentido, o caráter empírico da pesquisa possibilita uma variedade de achados, de hipóteses, que, quando consolidadas, originam novas descobertas no campo teórico.

Partindo das experiências clínicas, Freud, no decorrer de sua obra, sinaliza o caminho para a construção da ciência psicanalítica: o início na descrição, seguido pelo agrupamento, à classificação e correlação do fenômeno pesquisado. Posteriormente, uma formulação de conceitos, na qual não há qualquer rigidez em seu tratamento e definição, toma como base a flexibilidade diante de tal processo. Nesse contexto, Lowenkron (2004) e Herrmann (1992), concluem que a experiência psicanalítica é o norte, o alicerce da pesquisa em psicanálise: a partir da empiria freudiana, surge e sustenta a pesquisa capaz de revelar o real.

Na relação psicanalítica, a transferência caracteriza-se como a técnica que desvela o sentido humano e psíquico do inconsciente.

### 1.3.3 Transferência na Clínica

Nos preceitos psicanalíticos freudianos, o sujeito é qualificado de sujeito do inconsciente e é convocado a aparecer por caminhos da associação, dos significantes, das recordações e do recalco; segundo Elia (1999), Freud espera a palavra, mas é tomado de surpresa em ato, afeto e em transferência considera que o inconsciente se diz em ato.

Dessa forma, deparo-me diante do saber psicanalítico, com característica investigativa no âmbito da subjetividade. Tal saber é da esfera do inconsciente e exige a transferência como modo de acessá-lo, é por meio do fenômeno transferencial “que o sujeito pode vir, a saber, a que elemento significativo ele encontra-se assujeitado” (ELIA, 1999, p.11). Esse é o caminho pelo qual o sujeito pode vir acessar o significativo de seu assujeitamento à violência com aquele com quem mantém vínculo, relação de afetividade e amorosidade.

Freud (1937 [2006]), ao versar sobre a transferência e experiência na edificação da teoria, considera que:

Nossa experiência demonstrou que a relação de transferência, que se estabelece com o analista, é especificamente calculada para fornecer o retorno dessas conexões emocionais. É dessa matéria-prima – se assim podemos descrever – que temos de reunir aquilo de que estamos à procura.

Estamos à procura de um quadro dos anos esquecidos do paciente que seja igualmente digno de confiança e, em todos os aspectos essenciais, completo (FREUD, 1937 [2006], p. 276).

Freud percebeu que, através da relação transferencial na clínica, o analista tem acesso ao que foi “esquecido” pelo paciente, retorna ao que foi armazenado e que configura o revelar dessas conexões emocionais.

Nesse sentido, recorro às contribuições de Nogueira (2004) para adentrar essa temática, primeiramente considerando que o fenômeno da transferência, que é um fenômeno humano, ocorre justamente nas relações entre os falantes, e na clínica é tomado como o caminho de acesso ao inconsciente.

Ao versar sobre pesquisa em psicanálise, reporto-me à relação analítica, ao tratamento com o desvelar dos achados no âmbito psicanalítico, em que a teoria é o sustentáculo de tais



descobertas. Assim, referendada nos aportes freudianos, percebo que cada analista é um pesquisador e tem como campo de pesquisa o inconsciente.

Em seu artigo *Sobre a Psicoterapia*, Freud (1905-1904 [2006]) considera que a terapia psicanalítica “não pretende acrescentar ou introduzir nada de novo, mas antes tirar, trazer algo para fora, e para esse fim preocupa-se com a gênese dos sintomas e com a trama psíquica da idéia patogênica, cuja eliminação é sua meta” (p.247). Ele compara o analista ao escultor: a estátua esculpida já estava lá; o trabalho do escultor é retirar o excesso; e o mesmo, faz o psicanalista frente ao material trazido pelo analisando. Freud diferencia o fazer do pintor *per via di porre* e o do escultor *per via di levare*, comparando a psicanálise a este último, que diferente do primeiro, que apenas joga a tinta na tela incolor e faz surgir partículas coloridas que antes não estavam ali, esculpindo a peça dá forma à sua obra, como o analista faz na ‘personalidade’ do sujeito, vai tirando o excesso, dando forma. O escultor desvela o que há de interno; o pintor atua, projeta na tela, joga a tinta para ver o que surge; o escultor vai desvelando o que já está ali.

Frayse-Pereira (1998, p.128) considera o escultor como “aquele que apesar de ‘divino’, fica coberto de pó ao extrair da matéria tudo que encobre a forma. E é pela particularidade da matéria com a qual trabalha (pedra e realidade psíquica) que escultor e psicanalista podem aproximar-se”.

Em *Construção em Análise*, Freud (1937 [2006]) compara o analista com o arqueólogo que edifica seu trabalho a partir de um alicerce já existente, “assim também o analista procede quando extrai suas inferências a partir dos fragmentos de lembranças, das associações e do comportamento do sujeito da análise” (FREUD, 1937 [2006], p.277).

Para Nogueira (2004) o inconsciente é a noção que Freud criou com o intuito de dar conta dos fenômenos da linguagem – atos falhos, sonhos, esquecimentos e sintomas, considerados manifestações objetivas, caracterizados como efeito, e não como inconsciente. Nesse sentido, a psicanálise propõe ouvir a expressão do sujeito do inconsciente, dos fenômenos da linguagem inacessíveis por meio de outras ciências – e almeja a compreensão do significado do que é dito.

Ante a disposição do pesquisador psicanalítico em escutar o sujeito do inconsciente, considerando a transferência como meio de acessá-lo, Elia (1999) enfatiza a importância da

transferência para a pesquisa psicanalítica como um fenômeno fundamental para que haja a análise que faça emergir o conteúdo a ser analisado. Tal condição independe do diagnóstico clínico, ou seja, ainda que haja indicação para análise, faz-se necessário a relação transferencial no encontro entre analista e analisando.

Dessa forma, as mulheres que vivenciam relações de assujeitamento a vínculo conjugal violento ao recorrerem à rede de apoio, muitas vezes são motivadas por conteúdos emocionais despertados no ápice de uma discussão, momentos em que estão emotivas e sensibilizadas. Entretanto, tal motivação não se sustenta, tão logo se acalmam, recuam diante da busca.

Deve-se considerar que o fato de estarem diante do psicólogo proveniente de indicações governamentais, não é suficiente para estar em psicoterapia, e daí a escolha dessas três pacientes que recorrem à psicoterapia motivadas por interesses próprios, chegaram a instituição e permanecem realmente em análise.

Rea (2004), ao versar sobre a singularidade desse encontro, recorre a recursos da técnica freudiana, almeja lapidar, por intermédio da associação livre, os dados do encontro analítico, do qual nasce algo inédito, uma nova significação entre psicoterapeuta e paciente, em que a singularidade desses encontros possibilita a construção inédita do mesmo. Dessa forma, a psicanálise não é apenas o corpo conceitual para a compreensão do fenômeno, mas o instrumento metodológico para o trajeto de construção do conhecimento.

O fazer psicanalítico deve ser considerado na singularidade e individualidade de cada caso, a necessidade de criar e recriar de acordo com a dor, o sofrimento e a angústia do outro que recorre à clínica, e ainda estar preparado para o outro e não para si, como mero repetidor de interpretações e análise prévia.

Deve ainda, considerar que a mulher inserida no contexto de violência traz consigo para a análise a vulnerabilidade feminina, algo que lhe foi transmitido como o jeito de ser mulher na relação com o outro, desvelando as representações do que significa ser mulher, e ser homem, no seu meio social.

Nessa perspectiva, recorro a Elia (1999) ao considerar que a transferência é o instrumento pelo qual a vertente real do sujeito do inconsciente faz sua aparição no contexto

da experiência psicanalítica. Nesse sentido, a clínica é o local de pesquisa psicanalítica, do encontro com o objeto, é o lugar onde o sujeito se manifesta viabilizando a relação transferencial possível de ser analisada.

A clínica propicia o vínculo e a relação transferencial, fenômeno necessário para a escuta do sujeito, para fazer emergir o que o assujeitamento à situação de violência pode significar, permite ainda, aflorar a percepção enquanto sujeito ou objeto na conjuntura da violência com intuito de compreender o significante que permanece vazio de experiência de significação.

Assim, a partir da relação transferencial, da escuta do sujeito do inconsciente na busca por desvelar na clínica psicanalítica a repetição na situação de violência, deparo-me com a análise clínica, com a leitura embasada num aporte teórico que me autoriza versar sobre a violência doméstica na perspectiva de quem a vivencia.

#### **1.4 Análise Interpretativa a partir da Psicanálise**

Diante dos objetivos almejados no presente estudo, busquei compreender no campo subjetivo por que mulheres, que vivenciam violência no âmbito doméstico, repetem o assujeitamento a essa condição? A psicanálise é a possibilidade de promover o diálogo entre seus preceitos e o que é descoberto na clínica, permitindo a discussão ampliada no âmbito do assujeitamento à violência e das questões do feminino e da repetição.

Os excertos, verbalizações apresentados são fragmentos coletados nas sessões à luz do aporte psicanalítico e analisados segundo a junção com o arcabouço teórico apresentado nas seções subsequentes. Tal estrutura foi construída almejando contemplar os conceitos no que concerne à devastação, repetição, pulsão de morte e ao feminino sob a óptica da psicanálise freudo-lacaniana.

Por conseguinte, o material da clínica psicanalítica foi analisado com apoio no método interpretativo da psicanálise, tendo como base a proposta de análise do que emergiu no *setting*, os gestos, silenciar-se, o não dito, o discurso verbal e não verbal.

Para tanto, após seu término, cada sessão foi imediatamente registrada, proporcionando um ponto de apoio seguro para a teia das interpretações, assegurando maior riqueza de detalhes possíveis concernente aos conteúdos verbais e não verbais. Posteriormente os dados foram organizados e cuidadosamente analisados segundo o aporte aqui apresentado.

## **2 RELAÇÃO DE PODER E O FEMININO**

### **2.1 Da cultura à lei – a mulher num discurso social e jurídico**

As desigualdades existentes entre homens e mulheres vêm sendo reproduzidas e ressignificadas de diferentes formas no decorrer da história, e estão circunscritas na cultura, refletidas nos discursos, nas representações sociais, biológicas e sexuais. A partir de um conjunto de atributos, funções, predicados e restrições, a feminilidade é desenhada tomando como base a “natureza feminina”, em que a mulher como objeto de uma produção discursiva é falada através do discurso do homem. Em outras palavras, culturalmente a feminilidade retratava o discurso que se refere à docilidade, ao recato e ao papel social de mãe e esposa atribuído às mulheres. Para Kehl (1998), tratava-se de “um discurso consistente cuja função é indicar às mulheres um único lugar - a família - de acordo com sua verdadeira natureza, a feminilidade” (KEHL, 1998, p.60).

Observa-se que essa noção de feminilidade desconsidera a singularidade do sujeito, revela uma organização na qual o ser feminino é pensado segundo uma reprodução de lugar.

Diante dessa reprodução e resignificação que edifica as desigualdades entre homem e mulher a partir da diferença entre os sexos, Bourdieu (1998 [2011]) versa sobre a relação sexual como uma relação social de dominação:

[...] construída através do princípio de divisão fundamental entre o masculino, ativo, e o feminino, passivo, e porque este princípio cria, organiza, expressa e dirige o desejo – desejo masculino como desejo de posse, como dominação erotizada, e o desejo feminino como desejo da dominação masculina, como subordinação erotizada, ou mesmo, em última instância, como reconhecimento erotizado da dominação (BOURDIEU, 1998 [2011], p. 31).

Desde o processo de organização social a partir das diferenças entre os sexos está delineada uma relação de mando e subordinação, de sujeito e assujeitado, de ativo e passivo na constituição dos papéis que competem ao homem e à mulher na dimensão de poder e de submissão.

Neri (2005) aborda as relações entre o feminino e o masculino numa perspectiva de poder; observa que a organização social a partir da diferença sexual almeja atender a demanda do processo de modernização da sociedade. Tal processo tomado a partir de século XVII

desvela o surgimento das ciências sexuais: observa-se o adestramento do corpo e da sexualidade ambicionando a construção subjetiva do novo modelo de família, a família burguesa centrada na figura do homem, que exerce autoridade sobre a mulher e os filhos. Até o século XVII a mulher não se reconhecia como sujeito capaz de fruir e de exercer seus direitos.

Ao homem era concedida autoridade sobre a mulher e os filhos, poder de decisão sobre a individualidade de cada um. Nessa perspectiva, Neri (2005) identificou uma construção política e cultural de tais relações, um modelo de poder, o qual se revela em saber-poder produzido pelas ciências sexuais que incidiu sobre o corpo feminino, o saber do médico, do filósofo que diz sobre este corpo, suas necessidades, desejo e papéis.

As relações sociais, o lugar do homem e da mulher é edificado a partir da composição saber-poder, diante da qual Bourdieu (1998 [2011]) versa sobre o modelo de dois sexos que legitima as relações de poder, uma construção social que toma como norte o que é culturalmente constituído para falar do feminino e do masculino, e não a partir das características biológicas. Nesse sentido, procurei identificar o que é natural e o que é cultural no processo de diferenciação do gênero humano – o que é característico de cada sexo, e o que foi culturalmente edificado a partir de um campo de interesse.

Kehl (1998) ao abordar as questões referentes ao masculino e ao feminino, recorre à definição do conceito de gênero: considera-o como aquele que inclui o sexo biológico imbuído de valores e atributos que a cultura lhe confere. Seguindo esse raciocínio, Colling (2010) explicita que o ser humano é um ser biológico e eminentemente cultural, resultado da construção histórica de seu tempo. Essa construção se dá conforme a cultura, desenhando o lugar de cada sujeito nesse processo.

Nessa perspectiva, Santana (2010) enfatiza que:

A história das mulheres está estreitamente ligada ao surgimento do conceito de gênero, criado como categoria de análise histórica e utilizado para teorizar a questão das diferenças sexuais. O conceito de gênero possibilitou problematizar a relação entre os sexos, afirmando que esta não é natural, mas construída e remodelada no interior da dinâmica social. Assim, a teoria de gêneros passa a analisar criticamente a posição da mulher, afirmando que a sua condição não está determinada pela natureza, pela biologia ou pelo sexo, este é um construto cultural e político (SANTANA, 2010, p. 3).

A partir da elaboração do conceito de gênero, a posição da mulher passa a ser considerada segundo a teoria da diferença sexual, atendendo ao que era priorizado pela cultura e pela política androcêntrica – centrado no homem. A construção desse modelo cultural se deu como correlata da construção da identidade masculina, nessa perspectiva, introduzir o feminino na cultura conduz a transformação, a organização do lugar do feminino sem, no entanto, substituir o binarismo existente – ou só o homem, ou só a mulher no poder.

Segundo Simone de Beauvoir (1967) o que configura a natureza e a conduta feminina é a cultura, fala-se da natureza culturalmente modelada e não biologicamente constituída, daí seu aforismo “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade: é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino” (BEAUVOIR, 1967, p. 9). Em outras palavras, tornar-se mulher, é ser ordenado, modelado por esse conjunto da civilização.

Colling (2010) lembra ainda a importância de diferenciar gênero de sexo: o primeiro pertence à categoria biológica, enquanto o segundo é identificado como a expressão culturalmente determinada pela diferença sexual. Nessa perspectiva, versar sobre a “natureza feminina” é, pois, abordar o discurso que fala do desejo daquele que diz o lugar da mulher nesse discurso, de alguns homens com o poder de decidir – o político, o cientista – que edificam esse lugar a partir do seu desejo, teorizam, discutem e determinam sobre o desejo da mulher (KEHL, 1998).

Ao abordar a temática concernente a relações de gênero, é imprescindível lembrar que a representação da diferença sexual deve muito pouco à ciência e quase tudo à política e à cultura, embora a sociedade sempre lesse a mulher a partir de seu corpo, fechando-a na reprodução e na afetividade (KEHL, 1998). Tais características possibilitaram delimitar seu lugar, desconsiderando suas necessidades, bem como suas habilidades e seu potencial para além da maternidade.

Nessa perspectiva, a mulher moderna desempenha papéis que culminam com a maternagem como sendo correlatos de seu cerne, da essência da fêmea humana. Para tanto, é restrita ao ambiente privado, às atividades domésticas, sendo a maternidade considerada como sua única vocação. Para Aran (2006), aos poucos a mulher foi sendo especialmente modelada

para o privado, sendo considerada incapaz de desempenhar de forma eficaz as funções no espaço público.

Soler (2005, p. 29-30), ao discorrer sobre a construção do lugar do feminino, aponta que “[...] tudo o que se diz da mulher seja enunciado do ponto de visto do Outro e mais se refira a sua aparência que a seu próprio ser, permanecendo este como o elemento “foracluso” do discurso. [...] A mulher é uma invenção da cultura, “histórica”, que muda de feição conforme as épocas.” E ainda considera que essa sujeição ocorre em função da demanda inerente à relação social de cada época.

Segundo Kehl (1998), o lugar da mulher pode ser culturalmente identificado a partir da origem do modo de vida burguês, da produção discursiva que aborda o campo do imaginário feminino. Tal lugar desvela a construção da superioridade masculina sustentando a prática discursiva do homem como um ser superior, na formação social do sujeito moderno.

Observa-se então o delinear da composição: de um lado o homem e do outro a mulher, a partir da qual o discurso predominante definiu-o como forte e viril; por outro lado, ela é apresentada como respeitadora e conservadora das normas sociais, dócil e delicada (ARAN, 2006).

Com isso, emerge o discurso segundo os interesses da economia capitalista com foco na construção da família nuclear burguesa. O nascimento dessa família se dá a partir do processo de urbanização, industrialização e da modernidade, com tais processos surge a necessidade de estabelecer a divisão entre espaço público e privado, e tais mudanças correspondem ao surgimento de um novo tipo de sujeito, o sujeito moderno.

Entretanto, a constituição do sujeito moderno se contrapunha à ideia de feminilidade tradicional. Para Kehl (1998), os ideais de submissão feminina contrariam àqueles de autonomia de sujeito moderno. Segundo Aran (2006), a domesticidade contradiz a liberdade e a igualdade. Dito de outra forma, a edificação do feminino voltado para a maternidade e para a submissão ao casamento refuta os ideais modernos de cada sujeito escrever seu próprio destino.

Esse discurso sustenta uma posição subjetiva, social, expressando a dificuldade da mulher em deixar de ser assujeitada, conduzindo-a a permanência em seu estado de subordinação e de submissão ao outro. Recorrendo às contribuições de Bourdieu (1998



[2011]), Kehl (1998), Neri (2005) e Aran (2006), observo que se ela é dócil, delicada e respeitadora das ordens, e ainda, se não lhe é autorizado levantar-se contra, rebelar-se ou discordar daquele que diz sobre seu lugar, dificilmente lhe será concedido versar sobre, construí-lo e estruturá-lo, tomando como referência seus anseios e desejos.

Desta forma, as representações que são atribuídas aos papéis feminino e masculino são desenhadas pela cultura, pelos costumes da sociedade, enfatizando a necessidade de resguardar o papel da mulher versus o do homem, de assujeitado versus sujeito. Nesse sentido, vê-se o reforço da desigualdade culturalmente construída, das diferenças e das hierarquias no que concernem tais papéis, singularizando o direito do homem sobre a mulher.

Ao recorrer às contribuições de Simone de Beauvoir (1967, p. 9) observei “Entre meninas e meninos, o corpo é, primeiramente, a irradiação de uma subjetividade, o instrumento que efetua a compreensão do mundo: é através dos olhos, das mãos e não das partes sexuais que apreendem o universo”. O sujeito apreende o seu universo, o que ocorre ao seu redor de forma subjetiva, através do processo de comunicação no qual dispõe dos seus sentidos, tal apreensão independe das partes sexuais.

Segundo Kehl (1998, p.38) esse sujeito “[...] não nasce evidentemente pronto, definido em seus contornos, tal como o conhecemos hoje.” Ele vai sendo acentuado a partir de suas conquistas no âmbito jurídico, e diante dos conflitos íntimos e familiares, surgem a necessidade particular e a singularidade para enfrentá-los, a cada experiência, novos registros na edificação, novos contornos e novos delineamentos.

No entanto, paralelo a esse delinear, observa-se a permanência do lugar retrógrado, no que concerne a sexualidade feminina, um novo ser com velhos costumes, uma estruturação que a limita, reprime e a restringe à função de procriar.

Ao vivenciar sua sexualidade com esse único designo, fez-se um investimento longo, duradouro e repressor para que a mulher pudesse tomá-la para si, como algo da sua essência. De forma sutil, a ela foi dito sobre, e modelados sua sexualidade e seus desejos, os quais eram submetidos à nova condição que lhe era imposta ao experienciar sua sexualidade restrita à maternidade.

Observo que por muitas gerações ela foi educada para conter seus impulsos, seus desejos, anseios e suas vontades, considerada como ameaça à organização social, à

sexualidade. Com o passar das gerações, essa contenção passa ser vivida como algo “natural”, o que levou a mulher a experienciar a frigidez como sendo um estado normal, comum entre as senhoras casadas. Esse estado passa então a ser tido como virtude (ARAN, 2006). Ela é levada a vivenciar a ausência de desejo ou de prazer sexual, o que é tido como sinônimo de recatada, comportamento digno das senhoras de família que deveria ser reproduzido na educação da mãe para a filha (COLLING, 2010).

As meninas eram educadas para a frigidez, a sexualidade era moldada com tabus, qualquer atitude ou comportamento que contrariasse esses ensinamentos eram severamente repreendidos.

Diante desse lugar reservado à sexualidade feminina, a seus anseios e desejos, e de uma educação para a frigidez, deparei-me com o desvelar de um processo de colonização da mulher, para além da linguagem, não lhe permitido à fala, assim como não lhe foi autorizado experienciar sua sexualidade além da função de procriação. Segundo Kehl (1998), a sexualidade feminina, reduziu-se à sexualidade de segunda mão, destinada a atender e subservir ao prazer masculino.

A sexualidade feminina, por muito tempo foi considerada ameaçadora para o homem. Por isso, deveria ser reprimida desde cedo, com uma educação que possibilitasse, por um lado, que ela despertasse a virilidade masculina e, por outro, que desempenhasse com eficácia os papéis de mãe e esposa. O que se esperava paralelo ao que lhe era permitido foi aos poucos denunciando uma natureza modelada, algo cuidadosamente construído, com escolhas devidamente orientadas (BOURDIEU, 1998 [2011]).

Kehl (1998), ao discutir sobre a subjetividade feminina, apresenta que a mulher é definida por essa natureza; no entanto, contrariamente, a mesma necessita ser domada, reprimida para adequar-se ao que lhe está reservada. Dessa forma, apresenta-me um sujeito desejante, que tem seu desejo silenciado, restando-lhe a necessidade de adequar-se, amoldar-se. O recalque de suas pulsões sexuais é o caminho encontrado para estar no lugar do desejo do outro. No entanto, trata-se de um caminho ambíguo que, por um lado, a ajusta socialmente, mas por outro, a adoece simultaneamente.

Em outras palavras, o corpo feminino foi aos poucos patologizado pela histericização para adequar-se ao que esperava da sua sexualidade. Um corpo nervoso, com uma sexualidade perigosa, em que o útero determina o comportamento moral, social, bem como o lugar da

mulher, o que motivou sua exclusão do espaço público. Ao dizer sobre a “natureza feminina”, o discurso androcêntrico desencadeou o início da patologização da mulher, revelado pelos sintomas histéricos. Ela é definida a partir de seu próprio corpo.

Dessa forma, a família surge como o único lugar seguro, capaz de prover segurança e proteção a um ser frágil, desprotegido e indefeso como a mulher. Tal lugar retira da mulher a expressão de suas necessidades, gerando incertezas para ela.

Diante do exposto, desperta-me uma provocação, uma reflexão para pensar o lugar da mulher do século XIX e a do século XXI. Observo o quanto há de resquícios dessa mulher oitocentista, como um ser frágil, indefeso, que perpassa a edificação da mulher contemporânea. Diante dessa observação, retomo as contribuições de Kehl (1998), ao versar sobre o insigne aforismo de Simone de Beauvoir (1967, p.9), de que “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”; ao tornar-se, submete a um conjunto de experiências perpassadas por interesse econômico, político e social de uma cultura. “[...] o que despertou um deslocamento, ainda que sutil, da naturalização da condição feminina oriunda dos séculos XVIII e XIX e expandiu as possibilidades para pensar o que o sujeito pode tornar-se, sendo (também) mulher” (KEHL, 1998, p.15).

A feminilidade como construção resultante da produção discursiva numa perspectiva lacaniana desvela-se sobe duas formas de alienação – política e da fala, como percurso almejado para manter a mulher no lugar de objeto. Dessa forma, a alienação política implica em impedir seu acesso ao poder, não tendo participação na esfera pública, não lhe é permitido externar seu posicionamento no processo de construção e organização social. Já a alienação da fala, refere-se ao campo da subjetividade, do assujeitamento da mulher ao discurso androcêntrico (KEHL, 1998).

Essas duas formas de alienação tendem a perpetuar o lugar da mulher, que segundo Pereira (1999), desde 2000 a. C. , a mulher era colocada em situação de inferioridade quando comparada ao homem. O autor lembra ainda que, na Grécia antiga, a ela era destinada a inércia, a inferioridade, a alienação e o não acesso ao poder na esfera pública. O poder da fala que constitui socialmente o seu lugar, bem como falar de seu próprio desejo, de suas vontades e necessidades é algo que não lhe era permitido e que, na atualidade, ainda é algo a ser conquistado tanto na esfera pública, como privada.

Pereira (1999, p.84) historia que, nesse período, a influência da mulher e sua participação eram quase nula, ela “Tinha vontade, mas era impotente, portanto, privada de capacidade jurídica. Consequentemente, na organização familiar, a chefia era indiscutivelmente do marido. Este era também o chefe da religião doméstica, e como tal, gozava de um poder absoluto”.

Alienada, a mulher de outrora não acessava ao poder, ela estava situada fora da ordem, por outro lado, o papel masculino é “do lado da ordem, culturalmente construída contra a fusão original da natureza materna e contra o abandono ao *laisser-faire* e ao *laisser-aller*, às pulsões e aos impulsos da natureza feminina” (BOURDIEU, 1998 [2011], p. 90). A ordem, a cultura, compete ao homem do lugar da lei, da autoridade, de limitar.

Ao discorrer sobre o lugar do homem, Bourdieu (1998 [2011], p.90) aponta que “o carrasco é também vítima”. Dito de outra forma, a palavra do pai arrisca-se, pelo próprio poder, à probabilidade transformada em fatalidade. Ao impor a ordem compete ao homem as consequências de tal imposição; por outro lado, a mulher permanece na postura passiva, isenta das implicações designadas àquele que detém o poder de mando.

Nessa perspectiva, o discurso psicanalítico comparece na articulação do desejo à lei, a instância paterna conjugada no masculino. Por outro lado, o feminino é apresentado como anticultura, em que a passagem da matrilinearidade – momento de transmissão passiva de autoridade ou propriedade pelo lado feminino, ao patriarcado – da ausência de ordem para caracterizar o progresso na civilização, descaracteriza o lugar da mulher como aquele considerado “natureza feminina”, antes de ser construída por tal processo civilizatório (PEREIRA, 1999).

Tem-se a lei e a ordem – algo que foi construído, para dizer de uma “natureza”, a ela não compete falar sobre sua “natureza”, sobre aquilo que a edifica como ser. Kehl (1998) conclui que se não lhe é dado o direito à fala, se ela não tem voz nem na esfera pública ou privada, ela não existe psiquicamente, “a mulher não existe para o inconsciente, por não inscrever sua fala, sua experiência no campo simbólico” (KEHL, 1998, p. 48). Se ela não existe, então, dela nada pode ser dito.

Observa-se que, na contemporaneidade, o patriarcalismo ganha roupagem nova, que o difere do período colonial, não limitado apenas ao poder político organizado independente do Estado, mas será naturalizado nas relações de poder do homem sobre e contra a mulher que o

legítima. De forma sutil, quase invisível, a própria mulher sustenta o lugar de mando do homem, este com sua atitude deliberativa sobre a mulher, contribui, pois, com a construção social da subjetividade feminina.

Na tentativa de manter e sustentar o lugar tanto da mulher como do homem moderno surge o discurso que visa promover igualdades, a lei se torna necessária como forma de conduzir a vida do indivíduo em sociedade, primando pelo bem-estar e harmonia coletiva, disciplinando e garantindo o exercício das normas, visando assegurar que o indivíduo possa gozar de sua liberdade, devendo o Estado garantir e assegurar o cumprimento legal.

O papel do Estado surge na construção da igualdade, amparado em dispositivos legais que possam garantir e assegurar os direitos. Entretanto, ao recorrer ao aporte anteriormente apresentado, é possível apontar que esse lugar foi construído a partir de discurso de poder, que, como tal, discorre sobre a constituição de relações de igualdade numa perspectiva do autor da preleção.

Para tanto, Bourdieu (1998 [2011]) considera o papel do Estado como autor da perpetuação do lugar da mulher:

[...] o papel do Estado que veio ratificar e reforçar as prescrições e as proscricções do patriarcado privado com as de um patriarcado público, inscrito em todas as instituições encarregadas de gerir e regulamentar a existência quotidiana da unidade doméstica. [...] os Estados modernos inscreveram no direito de família, especialmente nas regras que definem o estado civil dos cidadãos, todos os princípios fundamentais da visão androcêntrica (BOURDIEU, 1998 [2011], p.105).

Percebo que o Estado, na contemporaneidade, surge como aquele que cria ferramentas e elementos para prevenir e coibir a violência no âmbito doméstico. No entanto, tais subsídios assumem a mulher como o ser frágil da relação, como alguém que necessita ser cuidado, nesse sentido, repete o lugar do ser frágil e indefeso designado à mulher oitocentista. Em outras palavras, sustenta o discurso que a mantém na perspectiva da vítima, como aquela que passivamente não participa da construção de sua história, que necessita ser cuidada, protegida e amparada pelo outro.

O excerto da lei 11340 desvela essa sustentação:

§ 1º O poder público desenvolverá políticas que visem garantir os direitos humanos das mulheres no âmbito das relações domésticas e familiares no sentido de

resguardá-las de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

§ 2º Cabe à família, à sociedade e ao poder público criar as condições necessárias para o efetivo exercício dos direitos enunciados no caput<sup>4</sup>.

Ser entendida como vítima, referendada como tal, não provoca na mulher uma tomada de consciência do lugar que ocupa, e ainda, a mantém numa condição de alienada. A partir desse discurso da vitimização da mulher o Estado corrobora com sua permanência no papel passivo na relação com o cônjuge. Ao ser vista em sua fragilidade, ela assume uma postura passiva no enfrentamento à violência, permanecendo no lugar de outrora.

Estado comparece referendando-a como *vítima*, como mencionado nas normas técnicas que viabilizam o funcionamento da instituição de prevenção, apoio e combate à violência doméstica.

A experiência da violência se constitui em um momento de crise para a vítima [...]. Dessa forma, com o objetivo de evitar que a mulher volte a ser vítima, o Centro de Referência oferece aconselhamento jurídico e acompanhamento nos atos administrativos de natureza policial e nos procedimentos judiciais, informando e preparando a mulher em situação de violência (BRASIL, NTU, 2006b, p. 10-11).

Diante desse suporte que é oferecido à mulher por intermédio das Normas Técnicas de Uniformização dos Centros de Referências de Atendimento À Mulher em Situação de Violência – NTU e da lei 11.340/2006 (BRASIL, 2006a), o Estado comparece como aquele que apresenta caminhos para o enfrentamento da violência. No entanto, apreende-a na perspectiva que a isenta da reflexão quanto ao seu papel nas parcerias amorosas violentas. Não a identifica como alguém que participa das situações de violência, ora de forma ativa, ora passiva, e ainda, como sendo capaz de exercer o autocuidado, o que é delegado à família, à sociedade e ao Estado.

Com isso, o lugar de vítima assegura à mulher a condição de fragilidade e de passividade, isenta-a da parcela de responsabilidade em romper com a situação de violência.

---

<sup>4</sup> Súmula da Lei 11.340/2006. BRASIL, Presidência da República, Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. **Lei Maria da Penha Lei nº 11.340 de 7 de agosto de 2006** – Coíbe a violência doméstica e familiar contra a mulher. Brasília: A Secretaria, 2006a. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>> Acesso em: 10 jan. 2012.

Ao conceder à mulher esse lugar, o Estado lhe assegura a permanência da produção discursiva que a perpetua numa posição.

Considero que, mesmo em sua função de perpetuar o lugar de passividade e de assujeitamento da mulher através do patriarcalismo, o Estado tem avançado, começa dar voz à mulher, a permitir que algumas mulheres ou mesmo homens falem da necessidade da desconstrução do lugar de assujeitamento, da “natureza feminina”, de garantir que os direitos e deveres de mulheres e homens possam ser assegurados (KEHL, 1998).

Foi necessária a criação de leis, que auxiliassem a destituição e reconstrução de novos papéis nas relações de gênero. Tal processo provocou uma evolução em termos legais, quando se compara os séculos passados, embora ainda, em início do século XXI se fez presente uma equivalência de atitudes entre esses dois momentos históricos. Quais sejam, os homens agrediam as mulheres nos séculos passados por acreditar em seus discursos naturalizados na inferioridade feminina - o cérebro menor, órgão reprodutor e fragilidade dos nervos, incapaz de pensar por si só, o fazia e faz atualmente, sustentando um imaginário sociocultural a respeito da posse exclusiva do homem sobre a mulher, da virilidade sobre a fragilidade (SOUZA, 2009).

Na atualidade, o homem, nos mais variados contextos sociais e muitas vezes de forma velada, acredita que a mulher é sua propriedade, “de papel passado”, resguardado pela certidão de casamento, acredita ser ela incapaz de pensar por si só, necessitando de sua força, virilidade e, principalmente, de seu poder de decisão.

A Lei Maria da Penha – 11.340/2006 – (BRASIL, 2006) é considerada a mais recente conquista feminina no Brasil, que almeja desqualificar a crença no domínio e comando do masculino e assegurar a integridade física da mulher diante da desconstrução do lugar de poder do homem sobre a mesma. Essa lei estabelece penalidades a quem comete crime de violência contra a mulher, e ainda, a estruturação da rede de prevenção, apoio e combate a tais crimes. Para tanto, regulamentou a criação de Delegacias Especializadas – Delegacia de Defesa da Mulher – DDM, criou ainda, diversos programas de assistência sociojurídica como os Centros de Referências de Atendimento à Mulher em Situação de Violência.

A referida lei - 11.340/2006 visa:

Criar mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos de § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a

Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências.<sup>5</sup>

Verifica-se por esses termos que a lei supracitada alterou drasticamente os instrumentos legais, até então vigentes, redefinindo os rumos da legislação, trazendo conceitos e definições de violência. Com isso, sinaliza um novo lugar na relação de poder entre feminino e masculino. Nesse contexto, tem-se no Capítulo II, art. 7, que a mesma considera a violência física, psicológica, sexual, patrimonial e moral, entendida como qualquer conduta que cause dano à saúde corporal, emocional, que constranja a presenciar ou a manter relação sexual não desejada, que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, ou ainda que calunie, difame ou injurie a pessoa. Considera ainda não ser um crime de menor potencial ofensivo.

Analizando esse avanço jurídico, Souza (2009) avalia que as punições mais severas não irão diminuir a violência contra as mulheres, acredita na reeducação do agressor como o caminho para combater a violência contra a mulher, e acrescenta que além das mudanças legais, há a necessidade de mudanças na mentalidade dos agressores e das agredidas, para que as mulheres possam ser vistas como pessoas de direitos expostos na Constituição Federal.

É importante para pensar que homens e mulheres necessitam do artifício da lei, para que seus direitos básicos possam ser garantidos, e que raramente tais artifícios são suficientemente eficazes para dar conta dessa demanda. Nesse sentido, as leis existem para domar os desejos – sempre egoístas, do sujeito e de certa forma garantir a proteção dos mais frágeis, no entanto, ela não consegue resolver a intimidade desse sujeito, coisas pequenas do seu dia a dia. É como se não alcançasse entre quatro paredes. Por isto, acredito que não se trata apenas de construir leis, mas também de desconstruir lugares.

Souza (2009) observa que essa relação de poder funciona quase que de forma espontânea, podendo ser acionada inclusive pela própria mulher que o sustenta. É através da repetição com maior ou menor frequência dos papéis do patriarcado na educação dos filhos e

---

<sup>5</sup> Súmula da Lei 11.340/2006. BRASIL, Presidência da República, Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. **Lei Maria da Penha Lei nº 11.340 de 7 de agosto de 2006** – Coíbe a violência doméstica e familiar contra a mulher. Brasília: A Secretaria, 2006a. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>> Acesso em: 10 jan. 2012.



filhas, segundo a lei do pai, que ela perpetua esses lugares. O que compete à menina e ao menino que seguem repetindo essa relação.

De acordo com Colling (2010, p. 10), além de muitos homens assumirem a posição de defender a extensão da cidadania às mulheres, em momentos distintos da história, como na revolução industrial, “muitas delas assumiam o discurso masculino como seu e defendiam que o único lugar seguro e digno para si era o lar. Afinal, lá elas eram consideradas rainhas e deusas, lugar concedido como privilégio por serem passivas e submissas. Estas relações de dominação e de submissão Bourdieu (1998 [2011]) denomina de:

[...] violência simbólica, violência suave, insensível e invisível as suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou em última instância, do sentimento. [...] a lógica da dominação, exercida em nome de um princípio simbólico conhecido e reconhecido tanto pelo dominador quanto pelo dominado, (BOURDIEU, 1998 [2011], p. 7-8).

Observa-se que a violência simbólica acontece de forma sutil, imperceptível inclusive àquele que a vivencia, em que a relação entre dominador e dominado desenvolve-se de forma implícita, velada dificultando inclusive que o sujeito tenha consciência de sua condição de assujeitado.

Nesse sentido, Bourdieu (1998 [2011]) ao versar sobre a relação de dominação, considera como aquela que só funciona por meio de cumplicidade:

[...] depende, profundamente, para sua perpetuação ou para sua transformação, da perpetuação ou da transformação das estruturas de que tais disposições são resultantes (particularmente da estrutura de um mercado de bens simbólicos cuja lei fundamental é que as mulheres nele são tratadas como objetos que circulam de baixo para cima) (BOURDIEU, 1998 [2011], p.55).

Dessa forma, a partir da posição de dominador e dominado, observa-se que através da linguagem o sujeito se inscreve numa ou noutra posição na ordem simbólica homem mulher. A condição de linguagem inscreve o sujeito num desses grupos com o qual têm características em comum, Kehl (1998, p.27) considera-a “não num sujeito isolado, mas na massa dos falantes em cada época e em cada cultura são relativamente permeáveis as intervenções dos sujeitos, assim como modificável ao longo do tempo em função de novas configurações sociais que demandam expressão”.

A língua é considerada a parte social da linguagem, a diferença entre ambas possibilita certa mobilidade no que concerne às mudanças no destino dos sujeitos. Porém, é a fala que faz evoluir a língua, ela é sempre individual, momentânea e depende da vontade e da necessidade do falante.

Desta maneira, é através da fala que teóricos como os da psicanálise, vislumbram a possibilidade da participação da mulher na construção do discurso que fala de si. No entanto, ela segue repetindo na não inserção no campo da linguagem, mas através da linguagem materna repete na inserção do filho no mundo em que o discurso que predomina ainda é o discurso do patriarcalismo.

A construção da identidade feminina desvela um processo em que a mulher é objeto de desejo do Outro. Bela, sedutora, encantadora para satisfazer o desejo do autor do discurso que a constituiu. Porém, segundo Kehll (1980) a mulher desloca-se minimamente no decorrer da vida, da posição originária de objeto para a de sujeito desejante, de assujeitada e a de sujeito portador da identidade feminina.

No decorrer dessa construção a mulher passa pelo trabalho de representação, que faz com que ela se assuma pelo olhar do outro. Isso explica porque as mulheres, maioria da população, que parem filhas e filhos, e são responsáveis pelos primeiros cuidados, são na sua maioria atendentes do ensino pré-escolar e também na maioria professoras do ensino fundamental, não conseguem realizar um trabalho de desconstrução dos papéis sexuais e sociais de homens e mulheres (COLLING, 2010).

Para Bourdieu (1998 [2011]) é necessário reconstruir o olhar da mulher sobre si e sobre o outro, que ela possa perceber-se como ser desejante, com necessidades e anseios que diferem do que foi constituído. A mulher inaugura a psicanálise, e essa lhe autoriza o direito à fala, no entanto, o discurso de outrora permanece, ela fala de si na perspectiva do outro, há uma conquista, porém, perpassada por antigos preceitos. É preciso que a mulher seja descolonizada culturalmente, que haja um deslocamento do lugar de objeto para o de sujeito pensante e desejante para que se possa falar na construção da identidade feminina.

Nessa perspectiva, é possível versar sobre mudanças e conquistas concernentes ao universo feminino, algo que sinaliza uma construção social e subjetiva voltada para a sua demanda. Entretanto, há ainda uma carência condizente a medidas mais eficazes que possam despertar na mulher a tomada de consciência, e percepção de si e do outro.

Concomitantemente devem-se considerar as limitações do alcance da lei, que por si só, não coíbe o que sustenta a violência do homem contra a mulher, bem como a permanência e a repetição de tais relações.

Contudo, proponho aqui pensar esses direitos e conquistas que desvelam o início da construção desse novo lugar do feminino, no que reportar-se às políticas públicas, às leis e programas governamentais como uma iniciativa na constituição desse papel no contexto social.

## ***2. 2 Mulher, Direitos e Violência***

Houve momento na história em que um episódio de infidelidade conjugal praticado pela mulher caracterizava-se ser suficiente para amparar legalmente a prática do homicídio do homem contra a mulher – matava-se em nome da honra. No entanto, as conquistas no âmbito jurídico e das políticas públicas, alavancadas pela Secretaria Especial de Políticas para a Mulher e pelo Ministério do Desenvolvimento Social – MDS assinalam-se o desvelar de novos lugares tanto na perspectiva do feminino, quanto do masculino.

Observa-se que tais políticas emergem a partir da demanda e das necessidades do sujeito e da sociedade contemporânea. Nesse sentido, disponho discorrer sobre essas conquistas que edificam os elementos oferecidos pelo Estado na prevenção e no combate à violência doméstica.

Início o diálogo a partir de 1993, momento em que, com a promulgação da Lei nº 8.742, Lei Orgânica da Assistência Social – LOAS, que regulamentou os aspectos da Constituição Federal de 1988, foram estabelecidas normas e critérios para organização da assistência social no Brasil. Foi a partir da deliberação da IV Conferência de Assistência Social prevista na LOAS, que o Sistema Único de Assistência Social - SUAS teve suas bases de implantação consolidadas por meio da Norma Operacional Básica – NOB/SUAS (BRASIL – MDS, 1993).

Desde então, o SUAS gerencia essas políticas de modo sistêmico, descentralizado, objetivando que os serviços socioassistenciais no país tenham um viés de gestão participativa, almejando executar e financiar as Políticas de Assistência Social - PNAS. Para tanto, tal modelo, envolve diretamente as estruturas de gestão dos governos Federal, Estadual,

Municipal e Distrito Federal, visando melhor alcançar o desempenho das metas de atendimento em âmbito nacional.

Trata-se, portanto, de um sistema coordenado pelo Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome - MDS, com representação do poder público e sociedade civil, que atuam em um processo de gestão compartilhada, cujas ações são integradas e complementares, com objetivos, tempo e áreas de abrangência bem definidas, para que não haja sobreposição de atividades. Assim, as ações do SUAS se dividem nas esferas de proteção social: básica (com objetivo da prevenção do risco) e especial (atuando na intervenção).

Propõe-se aqui adentrar a esfera de proteção social especial que abrange o programa de proteção e combate à violência doméstica:

A Proteção Social Especial (PSE) destina-se a famílias e indivíduos em situação de risco pessoal ou social, cujos direitos tenham sido violados ou ameaçados. Para integrar as ações da Proteção Especial, é necessário que o cidadão esteja enfrentando situações de violações de direitos por ocorrência de violência física ou psicológica, abuso ou exploração sexual; abandono, rompimento ou fragilização de vínculos ou afastamento do convívio familiar devido à aplicação de medidas.<sup>6</sup>

Observa-se, portanto, que a proteção social especial tem uma característica protetiva, suas ações necessitam de acompanhamento individual e familiar, contando com maior flexibilidade, sendo organizada de acordo com os níveis de complexidade em média ou alta, conforme a realidade vivenciada pela família ou pelo indivíduo, almejando garantir seus direitos em uma gestão mais complexa e compartilhada entre o poder judiciário, o MDS, e demais gestores governamentais.

Visualizando atender o que está previsto na LOAS, foi criada a Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, em 2003, por meio da Lei nº 10.683/03, cuja competência é assessorar, direta e imediatamente, na formulação, coordenação e articulação de políticas para mulheres junto à Presidência da República. E ainda articular as campanhas educativas, elaborar o planejamento nas três esferas de governo, com vistas na promoção da igualdade. Além disso, programar e cooperar nas ações de órgãos nacionais e internacionais, públicos e privados, voltados à implementação de políticas para as mulheres (BRASIL – NTU, 2006b).

---

<sup>6</sup> BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome – MDS. *Sistema Único de Assistência Social – SUAS*. Disponível em <[www.mds.gov.br/assitenciasocial/suas](http://www.mds.gov.br/assitenciasocial/suas)> Acesso em: 20 de jan. de 2012.

O que se apresentou anteriormente almejava cumprir o caráter de obrigatoriedade atendendo às políticas internacionais, que teve seu início a partir da Declaração de Viena de 1993, primeiro instrumento a expressar os direitos humanos da mulher, preconizando em seu artigo 18, Parte I que: “os direitos humanos das mulheres e das meninas são inalienáveis e constituem parte integrante e indivisível dos direitos humanos universais”<sup>7</sup> (BRASIL – NTU, 2006b).

A Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher – também conhecida como Convenção de Belém do Pará, representa um marco contextual e conceitual para a violência de gênero, uma vez que define, em seu artigo 1º, o conceito de violência contra a mulher. O que significa, nesses termos, “qualquer ato ou conduta baseada no gênero, que cause ou passível de causar morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher”<sup>8</sup> (BRASIL – NTU, 2006).

O Brasil como signatário dessas políticas externas, desenvolveu políticas internas, através da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, dos movimentos feministas e demais movimentos sociais para implementar o Plano Nacional de Políticas para Mulheres, com intuito de apoiar os atendimentos e demais ações de prevenção e combate às formas de violência feminina.

Para operacionalizar essa política, foram criados os Centros de Referência Especializada em Atendimento Social – CREAS que são unidades públicas estatais que ofertam os serviços de proteção especial, especializados e continuados, de forma gratuita (CREPOP, 2007).

Tais Centros comportam as principais estruturas do programa de prevenção e enfrentamento à violência, pois, buscam promover a ruptura dessa situação, a construção da cidadania por meio de ações globais e de atendimento interdisciplinar de apoio – psicossocial e jurídico, de orientação e informação.

Esses atendimentos são resultados das parcerias entre as esferas do governo, mencionados anteriormente, e objetivam exercer o papel de articuladores dos serviços e

---

<sup>7</sup> Texto extraído do manual de **Norma Técnica de Uniformização** Centro de Referência de Atendimento à mulher em Situação de Violência. Secretaria de Políticas para as Mulheres Presidência da República: Brasília, 2006b.

<sup>8</sup> Idem item anterior, p.09.

organismos governamentais e não governamentais que integram a rede de apoio às mulheres em situação de vulnerabilidade social, principalmente, em função da violência doméstica. Portanto, observo que na última década, houve um avanço considerável na estruturação dessas instituições, somando-se à construção de instrumentos de amparo na esfera jurídica.

Diante de tal observação, proponho aqui trilhar caminhos outrora sinalizados por Freud e Lacan para dizer sobre o feminino, sobre desenvolvimento psicossocial da mulher. Na busca por compreender a mulher que comparece na clínica psicanalítica do século XXI, nos CAM, que tem acesso aos elementos e instrumentos que o Estado oferece, e ainda, aos avanços consideráveis em tais instituições. No entanto, de forma recorrente, repete o assujeitamento a relacionamentos devastadores.

Para tanto, na seção seguinte, procuro articular o aporte teórico da psicanálise, considerando-o numa perspectiva freudo-lacaniana para discorrer sobre o lugar da mulher que origina a clínica psicanalítica e que comparece, ainda hoje no *setting* terapêutico. Nessa perspectiva, busquei amparar-me em conceitos psicanalítico que desvalem o feminino desde a fase pré-edipiana, passando pelo complexo de castração, complexo de Édipo, a importância da função paterna, bem como as consequências de quando essa função falha.

### 3 DEVASTAÇÃO E O FEMININO

#### 3.1 Sobre o Feminino, o Amor e as escolhas objetais em Freud

Os caminhos da sexualidade e do amor se entrecruzam e se entrelaçam. Independente das questões de gênero, homem e mulher anseiam por serem amados, desejados. A literatura, bem como a clínica psicanalítica, nos mostram histórias de amor em que seus protagonistas ambicionam por finais “felizes”. Embasada numa composição conjugada: atividade e passividade, sadismo e masoquismo, paixão e recato, amar e ser amado, que influenciados por uma construção sociocultural, dizem sobre o lugar da mulher e do homem, assim, cada sujeito à sua maneira, porém, traz algo em comum, desenvolve o drama de suas paixões num palco cercado por quatro paredes.

O amor nos é apresentado como um acréscimo do conceito de sexualidade, ao mesmo tempo em que se ampara no questionamento quanto ao objeto de satisfação da sexualidade, da pulsão sexual, ancorado a um fator de desprazer inerente a sexualidade humana.

A fim de melhor embasar e clarificar a busca na compreensão do feminino optei por recorrer as contribuições freudiana no que concerne a análise do feminino, sua evolução libidinal desde a fase pré-histórica do complexo de Édipo almejando adentrar esse universo na perspectiva do amor e da sexualidade.

Inicialmente aproprio-me do texto *Sexualidade feminina*, em que Freud (1931 [2006]) amplia essa discussão concernente à ligação da menina com seu objeto amoroso, ou seja, num primeiro momento, na fase edípica, acreditava-se que a ligação da menina com o pai era particularmente intensa, no entanto, “[...] a análise mostra que essa ligação fora precedida por uma fase de ligação exclusivamente à mãe, igualmente intensa e apaixonada” (p.233). Diante dessa percepção, Freud depara-se com algo inovador, digno de nota, que antecede o complexo de castração no qual a menina entra no Édipo, que o faz pensar nessa relação da menina com a mãe e o quanto tal relação presentifica em sua vida adulta e em suas escolhas amorosas.

Freud (1931 [2006], p. 233) então observou que para a menina “seu primeiro objeto de amor foi a mãe”, definida como o outro ao qual a menina está inflexivelmente ligada em

sua pré-história. A compreensão do papel da mãe na vida pregressa da menina ganha então uma conotação e um lugar diferente.

Essa “[...] fase de ligação exclusiva à mãe, pode ser chamada de fase *pré-edipiana*, tem nas mulheres uma importância muito maior do que nos homens” (p.238). Tanto o menino quanto a menina tem a mãe como seu primeiro objeto de amor, o vínculo primitivo, no entanto, a entrada na fase edípica, o temor à castração desperta o menino a distanciar-se da mãe, por outro lado, o mesmo não ocorre com a menina, o complexo de castração é experienciado por ela de forma diferente como será aqui abordado.

Freud (1931 [2006]) observou que a fase de ligação da menina com a mãe antecede sua ligação com o pai, sendo igualmente intensa e apaixonada, “Com exceção da mudança de seu objeto amoroso” (FREUD, 1931 [2006], p. 233). A menina ama a mãe com a mesma veemência que mais tarde irá amar o pai, a mudança com a qual deparou é concernente ao seu objeto original – a mãe – pelo pai.

Num primeiro momento, durante a fase pré-edipiana “[...] o pai de uma menina não é para ela muito mais do que um rival causador de problemas” (FREUD, 1931 [2006], p. 234), paralelo, a relação mãe-filha vai sendo delineada de forma intensa e apaixonada. No entanto, a menina depara-se com a falta, identifica não possuir o pênis, assim como o menino. A partir de tal percepção ela volta-se para a mãe na tentativa de reivindicá-lo, no entanto, observa que a mãe também é faltosa - castrada, há, diante de tal observação, uma tentativa de responsabilizá-la permeada pelo rancor e mágoa por acreditar ser a mãe a grande responsável por ela não ter um pênis.

Dessa forma, constata-se que após a entrada na fase edípica, o pai comparece não mais como um rival, e sim como objeto de amor. Freud (1905 [2006]) já havia observado que a menina abandona o que originalmente constituiu como sua principal zona genital – o clitóris – em decorrência de outra – a vagina, nesse momento das descobertas psicanalíticas, observa que há, não só a mudança da zona genital, bem como do objeto, a mãe que outrora era amada passa a ser odiada diante do rancor da falta.

Nesse sentido, Freud (1931 [2006]) conclui que o vínculo da criança com a mãe é quebrado pelo comparecimento de um terceiro, o pai, que evita o desejo incestuoso da criança para com a mãe e viabiliza um rompimento saudável. O que ocorre no menino, por temer a



castração, abandona seu primeiro objeto amoroso e identifica-se com o pai – superando o complexo de Édipo. Já na menina a castração não é experienciada com temor, pois está implicitamente realizada.

A menina não teme, mas depara-se com a presença conflituosa de sentimentos opostos, ou seja, amor e ódio se enredam, o ódio ressentido da menina pela mãe devido à falta, desperta-a na busca por afastar-se dela, “censura por a mãe não lhe ter dado um pênis apropriado, isto é, tê-la trazido ao mundo como mulher” (FREUD, 1931, [2006] p. 241- 42). Duplamente faltosa embasada na hostilidade e no ódio, a menina desloca-se em direção ao pai, agora seu objeto amoroso, à mãe compete o lugar de rival – ódio, bem como aquela com quem irá identificar-se – amor.

Após a menina perceber a falta na mãe volta-se para o pai a fim de receber dele o que a mãe não lhe deu, deixa de ser o falo, complemento da mãe na busca por ter o falo do pai, caracterizando o início do complexo de Édipo. A intensa ligação à mãe vai sendo substituída, o lugar da mãe é suprido pelo do pai, bem como o papel da menina diante da mãe ganha uma conotação diferente com a presença da figura paterna, ser objeto amoroso da mãe faltosa como ela, ou ser o objeto daquele que possui o falo. O pai, aos olhos da menina, desvela-se como o porto seguro no qual ela se refugia, como aquele que vai lhe dar através de um filho, aquilo que, na relação com a mãe, é impossibilitada de ter (FREUD, 1931 [2006]).

O endereçamento de sentimento de amor, outrora direcionado à mãe, cede espaço ao desprezo, instigado a partir da falta, fadado a sucumbir, o amor pela mãe, esbarra na hostilidade e no ódio, a mesma mãe sedutora que desperta a sexualidade é aquela que a proíbe, transformando-se em um incentivo para a menina afastar-se dela.

Amor e ódio intensificam-se e se justificam pela relação primeva, bem como pela igual intensidade diante da decepção, desvelando o caráter de uma ambivalência peculiar da relação mãe-filha. Ama com a mesma veemência que a odeia. O que possibilitou Freud (1931 [2006], p. 243) concluir que, “a intensa ligação da menina à mãe é fortemente ambivalente”, ligação pré-edipiana marcada pelo amor e pela hostilidade, muitas mulheres mantêm-se presa à ligação primitiva com a mãe com fortes indícios de rivalidade. Ou seja, a “[...] atitude hostil para com a mãe não é consequência da rivalidade implícita do Complexo de Édipo, mas se origina na fase precedente, tendo sido simplesmente reforçada e explorada na situação

edipiana” (FREUD, 1931 [2006], p. 239). Apesar da rivalidade, a menina mantém-se na posição originária.

Esses dados desvelam a construção e o desenvolvimento da sexualidade feminina considerando o período da primeira eflorescência sexual, no entanto, recorro às inquietações de Freud (1931 [2006]) quando interroga sobre os destinos da inveja do pênis na vida psíquica posterior da mulher, sua articulação com a ligação na fase pré-edípica da menina com sua mãe e o quanto pode desvelar sobre um ponto de vista específico da sexualidade feminina.

Esta fase aponta fenômenos da vida sexual feminina que foram compreendidos em suas especificidades com os pós-freudianos, algo que diz sobre uma fase exclusiva de ligação mãe-filha que oculta à estruturação da sexualidade feminina e de suas construções de vínculos. Revela um momento em que a menina caracteriza-se por uma posição masculina frente à mãe ao tê-la como seu objeto de desejo. Freud (1931 [2006]) mesmo tendo abandonado a tentativa de fazer um paralelismo nítido entre o desenvolvimento sexual feminino e masculino, observa que “Os objetivos sexuais da menina em relação à mãe são tanto ativos quanto passivos [...]” (FREUD, 1931 [2006], p.244), uma posição bissexual, ativa em ter a mãe como objeto amoroso e em ser objeto passivo de desejo da mãe. No menino prevalece uma postura ativa desvelada pelo desejo de ter a mãe como objeto, a relação tanto ativa quanto passiva concernente à mãe, é uma situação vivenciada exclusivamente pela menina, uma característica peculiar ao desenvolvimento da sua sexualidade, na qual perdura uma postura passiva.

Ao afastar-se da mãe, a menina experiencia um rebaixamento dos impulsos ativos, ao romper com a mãe como seu objeto amoroso, e ascende aos passivos:

A transição para o objeto paterno é realizada com o auxílio das tendências passivas, na medida em que escapam à catástrofe. O caminho para o desenvolvimento da feminilidade está agora aberto à menina, até onde não se ache restrito pelos remanescentes da ligação pré-edipiana à mãe, ligação que superou (FREUD, 1931 [2006], p.247).

O desenvolvimento da feminilidade é experienciado com a disposição passiva da menina em vincular-se ao pai, ou seja, há um rebaixamento dos impulsos ativos e passivamente ela direciona-se ao pai, desde que consiga romper com a ligação pré-edipiana

com a mãe. No decorrer dessa seção será ampliada a discussão concernente a tal rompimento, ou à permanência dessa ligação.

A relação da menina com a mãe na fase pré-edípica, comparece na vida adulta de muitas mulheres, como um jeito de ser mulher no qual ela identifica-se com a mãe, e em outras como uma forma de relacionar-se com o outro, Freud considera que muitas mulheres têm o pai como referência da escolha de seu objeto amoroso, mas há certas mulheres que fazem tal escolha tendo o relacionamento com o marido como herança do que vivenciou com a mãe. A mãe passa ser não mais aquela com quem a menina se identifica, mas o modelo de se relacionar.

Nessa perspectiva, Freud (1931 [2006]) nos conta sobre as escolhas amorosas das mulheres, observando que:

[...] escolheram o marido conforme o modelo do pai, ou o colocaram em lugar do pai, não obstante repetem para ele, em sua vida conjugal, seus maus relacionamentos com as mães. O marido de tal mulher destinava-se a ser o herdeiro de seu relacionamento com o pai, mas, na realidade, tornou-se o herdeiro do relacionamento com a mãe. [...] agora, no casamento, o relacionamento original emerge da repressão, pois o conteúdo principal de seu desenvolvimento para o estado de mulher jaz na transferência, da mãe para o pai, de suas ligações objetais afetivas (FREUD, 1931 [2006], p. 239).

O pai surge como referência para a escolha objetal normal, no entanto, ela repete na relação com ele, as mesmas características presentes no relacionamento dela com a mãe, os resquícios da intensidade amor e ódio então transferidos da mãe para o pai, resurgem na relação com o parceiro conjugal. Dito de outro modo, o parceiro herda a forma de a menina relacionar-se com sua mãe, ela se posiciona diante dele como se fora no relacionamento com a mãe.

Nesse sentido, proponho dialogar sobre as escolhas amorosas adultas a partir dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, em que Freud (1905 [2006]) foi descrevendo o processo de sexuação e subjetivação humana, como uma tentativa de convergência das pulsões sexuais infantis (perverso polimorfo) a uma organização genital adulta, na qual estaria presente a possibilidade de reprodução.

Nesse texto Freud (1905 [2006]) identifica como ocorrem as escolhas objetais. Observa que a criança, primeiramente, toma para si a figura materna ou paterna para a qual irá demandar seu amor, caracterizando o complexo de Édipo. Num segundo momento, desvela a forma da vida sexual adulta, o que ocorre a partir da contensão do período de latência e o surgimento da puberdade em que se estabelece a separação nítida entre os caracteres masculino e feminino.

“É ainda na puberdade que se firma o primado das zonas genitais para o alvo sexual. Paralelo consuma-se do lado psíquico o encontro com o objeto, para o qual o caminho fora preparado desde a mais tenra infância” (FREUD, 1905 [2006], p. 208). Numa época mais primitiva em que a satisfação sexual estava vinculada à nutrição, e o objeto da pulsão sexual estava situado fora do corpo – o seio materno.

Freud (1905 [2006]) considera que:

Todavia, desses primeiros e mais importantes de todos os vínculos sexuais, resta, mesmo depois que a atividade sexual se separa da nutrição, uma parcela significativa que ajuda a preparar a escolha do objeto e, dessa maneira, restaurar a felicidade perdida. Durante todo o período de latência a criança aprende a *amar* outras pessoas que a ajudam em seu desamparo e satisfazem suas necessidades, e o faz segundo o modelo de sua relação de lactente com a ama (FREUD, 1905 [2006], p. 210).

As necessidades básicas da criança ao serem satisfeitas através da nutrição, servirá de preparo e modelo para suas escolhas objetais em outras fases do seu desenvolvimento. Nutrição e satisfação sexual primeiramente são experienciadas com uma íntima ligação, ao serem desvinculadas perdurará a referência dos registros de satisfação como modelo na vida adulta. Freud (1905 [2006]) considera que a pulsão sexual não é despertada apenas pela excitação da zona genital, ela, a princípio origina através do toque terno em outras regiões do corpo, o cuidado com a criança caracteriza-se como fonte de excitação e satisfação sexual.

Na organização genital adulta, as pulsões se unificariam sobre o primado da genitalidade e entrariam em uma aparente estabilidade e finalidade da pulsão sexual. Entretanto, tal encontro ou reencontro, só é vivido na ordem do mítico, Freud (1905 [2006]) pontua que o encontro com o objeto amado na fase adulta, é na verdade um reencontro de um amor vivido na infância, impossível de ser revivido em sua essência “O encontro com o objeto é, na verdade, um reencontro” (FREUD, 1905 [2006], p. 210). A partir dessa

impossibilidade, conclui que a pulsão nunca se satisfaz, não pela inadequação dos objetos, mas pela inadequação da sua própria proposição - satisfazer-se.

A pulsão, na busca por satisfazer-se, depara-se sem objeto definido, insatisfeita e inadequada, encontra seus olhos, sua boca, sua voz e seu rumo na dialética do discurso amoroso. A preleção amorosa, não recobre somente o que é compreendido como os belos gestos ou as belas e doces palavras, mas também os mais odiosos gestos, insatisfações e as mais estúpidas e ásperas palavras.

O discurso diante das parcerias amorosas pode ser confundido como um discurso odioso, que fala de si numa perspectiva narcisista, desvela as necessidades do Eu, sujeito autor do discurso, o qual busca no outro, preencher suas faltas, almeja o reencontro com o objeto perdido. Entretanto tais faltas, jamais serão preenchidas. Pois ele busca aquilo que foi moldado no período da amamentação e que se repete em todos os relacionamentos amorosos vindouros (FREUD, 1905 [2006]).

Freud (1914b [2006]) ao discorrer sobre o narcisismo compreende as relações a partir da análise de uma pulsão voltada para o eu, o que o levou a perceber que, o narcisismo está presente em todos os seres humanos, “[...] afigurou-se provável que uma localização da libido que merece ser descrita como narcisismo talvez estivesse presente em muito maior extensão, podendo mesmo reivindicar um lugar no curso regular do desenvolvimento sexual humano” (FREUD, 1914b [2006], p.81). E como tal, suas ações e seus movimentos psíquicos são acima de tudo narcísicos, diante de tal percepção, considera que o objetivo de qualquer investimento é sempre o retorno para o eu. O que é visto como fazendo parte do egoísmo próprio da pulsão de autoconservação.

Freud (1914b [2006], p. 83) formula “[...] a idéia de que há uma catexia libidinal original de ego, parte da qual é posteriormente transmitida a objetos, mas que fundamentalmente persiste e está relacionada com as catexias objetais,” considera a diferença entre libido objetual e libido do Eu, tomando como base os investimentos, ora voltados para o Eu, ora para os objetos. “[...] vemos, em linhas gerais, uma antítese entre a libido do ego e a libido objetual. Quanto mais uma é empregada, mais a outra se esvazia” (FREUD, 1914b [2006], p. 83). Em outras palavras, verifica que, quanto mais se investe no objeto, mais se esvazia o ego e o mesmo torna-se dependente, a libido do Eu diminui em função da libido objetual, com a libido do Eu empobrecida gera-se uma dependência ao objeto.

O sujeito ao voltar-se exclusivamente para o objeto, investe toda sua libido no mesmo e espera o retorno de tal investimento, no entanto, diante da menor possibilidade de perdê-lo, pode transformar-se em uma coisa obtusa, que avança cegamente, que esmaga tudo sob seu discurso que fala de amor. Em outras palavras, ao perder todo investimento, bem como o objeto no qual investiu, o sujeito depara-se diante da falta e enfraquecido, esvazia-se, “parece desistir da própria personalidade em favor de um catexia objetal” (FREUD, 1914b [2006], p.83). O ego fragilizado vê-se dependente do objeto, e impossibilitado de seguir só.

Para Freud (1914b [2006]) se o sujeito voltar-se para si como o único objeto de amor, se houver um investimento exclusivo no ego, lhe é acarretado um desgaste narcísico, se focar somente no Eu, adoece. Por outro lado, se volta exclusivamente para o objeto, se todo seu investimento estiver focado no objeto o sujeito torna-se faltoso. Nessa perspectiva, observa-se a necessidade de que tais investimentos sejam equivalentes.

No entanto, “a satisfação no amor é impossível e o enriquecimento do ego só pode ser efetuado por uma retirada da libido de seus objetos. A volta da libido objetal ao ego e sua transformação no narcisismo representa, por assim dizer, um novo amor feliz” (FREUD, 1914b [2006], p. 106). Freud constata que nesse novo amor, libido objetal e libido do ego não podem distinguir-se, pois afinal, mesmo o amor direcionado ao próprio eu, tem um tipo de escolha objetal, o eu.

Nesse sentido, discorrer sobre o amor, as escolhas objetais, remete-me a uma relação narcísica em que o sujeito, mesmo quando investe no eu está investindo a partir de uma escolha objetal, mas, que tem como foco do seu investimento o próprio Eu, tomando como referência as experiências vividas da mais tenra infância como condição para amar.

O que segundo Freud (1914b [2006]):

O estar apaixonado consiste num fluir da libido do ego em direção ao objeto. Tem o poder de remover as repressões e de reinstalar as perversões. Exalta o objeto sexual transformando-o num ideal sexual. Visto que com o tipo objetal (ou tipo de ligação), o estar apaixonado ocorre em virtude da realização das condições infantis para amar, podemos dizer que qualquer coisa que satisfaça essa condição é idealizada (FREUD, 1914b [2006], p. 107).

Desse modo, a cada experiência amorosa há uma remoção das repressões e uma reinstalação das perversões, tendo como norte as condições infantis, que direcionam a idealização do objeto de satisfação, o sujeito repete os resquícios da relação original. O que o adulto experienciou na infância, o vínculo com seus primeiros objetos de amor comparece, em suas escolhas amorosas.

Nessa perspectiva, pensar o outro na parceria amorosa, num discurso que fala de amor, requer contextualizá-lo numa relação narcísica, cujo foco dos investimentos é o próprio Eu. Ou ainda, poderia pensá-lo, sem palavras, desfigurado, sem lugar que considere suas necessidades no discurso que fala do amor. Ou ainda, se tal amor é revelado num dizer maciço, assemelha-se ao discurso psicótico. Para Valdivia (1993) seria como dizer de um amor que não considera a distância entre os corpos, a qual o sujeito aprende a respeitar e que às vezes lhe aparenta como algo insuportável, capaz de lhe provocar dor.

O lugar do outro nas parcerias amorosas fica comprometido pelas “necessidades” narcísicas do sujeito que está amando.

É imprescindível saber guardar uma distância necessária uns dos outros, no entanto, a loucura nos apresenta como a anulação dessas distâncias, que previamente é identificada como necessária. Tem que, a anulação das distâncias seria ela mesma uma espécie de inauguração de outra linguagem que não considera os espaços entre as palavras? Linguagem que se estrutura para além ou aquém dos sentidos alcançados pelos eixos de referência usuais com os quais se caminha.

Mas, seria algo específico da loucura todas estas atribuições? Valdivia (1993) considera que às vezes o ser apaixonado desvela-se como alguém que também almeja algo parecido: fazer de dois - um. Ele eleva o ser amado à condição de único, onipresente em seus pensamentos e em seu corpo, e onipotente em suas capacidades de lhe conceder a felicidade plena, aquela almejada pela pulsão sexual (FREUD, 1914b [2006]).

Dessa forma, observa-se que amor e loucura se assemelham e se confundem numa dialética do amor. A paixão vira loucura e se faz presente no discurso popular que versa sobre o amor, às vezes, como sinônimo, como uma combinação que se complementa, um “amor que leva à loucura” ou as “loucuras de amor” exigido pelo outro como uma prova de sua veracidade.

Para Freud “[...] na cegueira do amor, a falta de piedade é levada até o diapasão do crime, a situação total pode ser inteiramente resumida numa fórmula: *o objeto foi colocado no lugar do ideal do ego*” (FREUD, 1921 [2006], p. 143). Sendo o *ideal do ego* como resultante de uma realização imposta pelo mundo externo como alvo para a libido. O objeto foi colocado no lugar do *ideal do ego*, perder o objeto é perder essa realização alvo para a libido, capaz de levar o sujeito a agir cegamente, a cometer loucuras.

Freud (1921 [2006]) em *Estar Amando e Hipnose* discorre sobre a relação que vislumbra entre o ser que está amando e sua similaridade com o sujeito que se encontra sob efeito da hipnose, como se ao compreendê-la facilitasse a compreensão do que é estar amando. “O hipnotizador constitui o único objeto e não se presta atenção a mais ninguém que não seja ele” numa devoção ilimitada de alguém enamorado (FREUD, 1921 [2006], p. 145).

O ser apaixonado mantém-se focado no outro alvo de seu amor, de sua total atenção, numa sincronia como se fosse um, seu Tudo.

Parece que o ser apaixonado almeja o impossível, e acredita poder alcançá-lo. No entanto, o impossível, não perdura, em sua singularidade, o sujeito apaixonado percebe o outro como um Tudo, e ao mesmo tempo, esse Tudo parece comportar algo que não pode ser dito “O impossível é dar nome a algo inominável, é se apropriar de algo inapropriável” (VALDIVIA, 1993, p. 4).

O sujeito vangloria-se de ter feito uma escolha perfeita. Imagina que o outro quer ser amado como ele próprio gostaria de sê-lo, mas não por essa ou aquela de suas qualidades, mas por tudo, e esse tudo lhe é atribuído sob a forma de uma palavra vazia, porque Tudo não poderia ser inventariado sem ser diminuído. Valdivia (1993) considera esse Tudo como – *Adorável*, que não abriga nenhuma qualidade, a não ser o tudo do afeto.

Na ilusão de um ser total, completo, no qual nada falta, o que lhe pode dar tudo e não negar nada. Nesse sentido, há uma suposta causa de inúmeros sofrimentos de amor, em que o sujeito apaixonado tenta alcançar no outro algo inatingível, um gozo impossível (VALDIVIA, 1993). A violência nas parcerias amorosas talvez reflita um anseio como este, uma tentativa desesperada de atingir o outro em sua imaginada e desejada essência. Um ato de desespero em não saber lidar com aquilo que lhe frustra – a impossibilidade do gozo pleno.



A desejada captura da essência do outro, na verdade refere-se a uma busca de nós mesmos, uma procura não apenas de uma suposta unidade perdida, como também da força determinante, pulsional que nos atravessa e nos constitui (FREUD, 1915a [2006]).

Nesse sentido, na busca de nós mesmo, Freud (1905 [2006]) autoriza dizer que para a mulher, em suas parcerias amorosas, encontrar o objeto é na verdade reencontrá-lo, sob o designo de um amor que na verdade é antes querer ser amada à sua maneira, ela busca no outro preencher o que foi modelado para todos os relacionamentos amorosos anteriores, pensando essa maneira como uma herança apreendida na pré-história edípica.

No entanto, essa força pulsional, herdada na pré-história do Complexo de Édipo, constitui-se como seres estranhos ao próprio ser. Nesse sentido, talvez se possa pensar que o ser apaixonado reproduza inconscientemente a alienação primordial ao outro, em sua relação original com seu objeto primeiro numa tentativa de metabolizar, por meio de uma repetição traumática, as experiências pueris alienantes e ao mesmo tempo constitutivas. Um mergulho na própria imagem especular.

Diante dessa percepção concernente ao ser apaixonado, que repete sua relação primeira, disponho-me a pensar nas indicações de Freud (1914b [2006]) quanto aos tipos de escolhas objetais sob as quais uma pessoa pode amar e realizar sua escolha objetal; seriam elas do tipo narcísico e do tipo anaclítico, ambos inerentes ao funcionamento do psiquismo.

A percepção de tais categorias em seu estado puro é considerada impossível, no entanto, são perceptíveis em estado miscigenado, mescladas, onde uma se sobressai um pouco mais que a outra. Penso ser possível inferir que na paixão o que talvez se destaque seja o amor narcisista, em que a mulher experiencia o que corresponderia a busca no outro o do que ela própria é, e ao que ela própria foi, o que ela gostaria de ser ou alguém que foi uma vez parte dela mesma (FREUD, 1914b [2006]).

Na atitude afetuosa dos pais para com os filhos, Freud (1914b [2006]) reconhece uma revivência e reprodução do próprio narcisismo infantil dos pais, que estaria presente num modelo de amor, entre um homem e uma mulher adultos. O pai ama o filho como a si mesmo, ama-o desde que ele atenda as suas expectativas – amor altruísta.

Segundo Freud (1914b [2006]) o narcisismo é o tipo de escolha objetal mais evidente nas mulheres. Elas realizam suas escolhas objetais de forma narcísica, pensando o que ela é, o que ela foi e o que gostaria de ser na repetição do ideal próprio de si mesma.

No entanto, temos algo intrigante: se ela realiza as escolhas de forma narcísica, a partir do que foi, do que é, e do que gostaria de ser, o que dizer das “escolhas” de parceiros agressivos e violentos? E ainda, da repetição nesse modelo de se relacionar e se assujeitar à violência, à relações devastadoras?

Poderia pensar em uma autoagressão? Num autoconceito empobrecido? Ou seria um sentimento negativo que se mistura com o sentimento desperto pela relação objetal originária?

Refletindo sobre as escolhas objetais que, segundo Freud (1914b [2006]) se constroem a partir dos modelos das primeiras satisfações sexuais que derivam da satisfação adquirida pelas pulsões do ego ou de autopreservação, desperta-me a questionar e a buscar compreender como ocorrem as primeiras satisfações nas relações de objeto na fase da pré-edípica, e como elas presentificam na vida adulta? Para tanto, recorri ao aporte psicanalítico numa perspectiva Freud-lacanianana, no anseio de adentrar, e se possível, compreender as escolhas de parcerias amorosas devastadoras, nas quais algumas mulheres repetem de forma recorrente sem conseguir romper com tais relações.

### **3.2 O feminino e a devastação em Lacan**

No início dessa sessão recorri às contribuições de Freud concernente ao feminino, ao amor e às escolhas objetais. Busquei abordar a sexualidade feminina a partir da fase pré-edípica, antes de adentrar o complexo de Édipo positivo – o amor da menina pelo pai – da passagem pelo complexo da castração e da importância do falo e suas contribuições para esse tempo. Tais escolhas auxiliaram-me na compreensão da base da sexualidade que comparece na fase adulta da mulher, uma estruturação que diz sobre o seu jeito de ser a partir de sua pré-história.

Freud (1933 [2006]) discorreu sobre as limitações da biologia e da anatomia para definir o que é do feminino e do masculino, atribuiu à cultura funções reais e simbólicas inerentes ao homem e à mulher. Pensou o feminino a partir de uma posição passiva.

Na abordagem lacaniana (1972-1973 [1985]) tanto o menino quanto a menina podem ter atitudes masculinas e femininas, ambos vivem as identificações e ligações da fase pré-edípica, o que irá definir o que é do sujeito masculino ou feminino “[...] é algo que está para além da materialidade do corpo enquanto portando ou não um pênis” (GRANT, 1998). Ele apresenta a divisão do sujeito ante o sexual não como uma divisão entre os dois sexos, mas sim entre dois gozos. Esta reflexão concernente ao gozo será retomada posteriormente no decorrer dessa seção.

Nesse sentido, aproprio-me das contribuições lacaniana para adentrar a dialética do feminino a partir da fase pré-edípica, na qual busquei pensar o lugar do feminino, considerando-a na perspectiva da relação mãe-filha. O percurso feito por Freud confere a importância do falo para a sexualidade feminina. Lacan inicialmente em sua obra aborda essa temática numa perspectiva complexo de Édipo e da fase que o antecede, considera o complexo de castração como aquele que vai possibilitar a descoberta de uma falta articulada a um significante.

Desse modo, proponho-me articular tais ideias sobre: castração e a percepção da falta, a função de personagens edípicos como a função paterna, o Nome-do-pai, a palavra do pai junto à mãe enquanto proibição de seu desejo perpassado pelo desejo da criança, em ter ou ser o falo, pensar a máscara como um traço da falta. E ainda, recorrer ao conceito de metáfora paterna e seu fracasso que remete à devastação, e finalmente abordar o gozo-fálico, o Gozo-Outro, almejando percorrer os caminhos sinalizados por Lacan na compreensão do feminino.

Para Lacan (1957-1958 [1999]) na relação da menina com o falo, a mãe é tomada como o Outro primordial, O Outro materno que substitui os cuidados, as gratificações, as agressões e centra o destino da menina em sua dependência como desejo do Outro. A mãe ocupa um lugar central na relação com a filha, o lugar de desejo amoroso com a qual ela está intimamente ligada, a questão de tornar-se mulher requer separar-se desse Outro, tem como premissa o rompimento mãe-filha para que a menina possa aceder ao desejo.

Nesse tempo de estruturação da menina, o que ganha status de maior importância não é quantidade do que lhe foi dado, como se acreditava outrora, mas sim o que almejou e identificou como desejo do Outro que é o desejo da mãe. O que é prioridade para menina é saber se foi ou não amada, desejada pela mãe (LACAN, 1957-1958 [1999]).

Lacan (1957-1958 [1999]) considera os elementos do Édipo freudiano, para reformular essa questão da relação primordial à mãe, nos seguintes termos – trata-se de tornar o ser amado ou não, em que ele busca no desejo da mãe um lugar para se situar no outro:

Essa subjetivação consiste, simplesmente, em instaurar a mãe como aquele ser primordial que pode estar ou não presente. No desejo da criança, em seu desejo próprio, esse ser é essencial. O que deseja o sujeito? Não se trata da simples apetência das atenções. Do contato ou da presença da mãe, mas da apetência de seu desejo.

A partir dessa primeira simbolização em que se afirma o desejo da criança esboçam-se todas as complicações posteriores da simbolização, na medida em que seu desejo é o desejo do desejo da mãe (Lacan, 1957-1958 [1999], p.188).

Na busca por saber o que orienta o desejo da mãe, a menina procura encontrar aí o seu lugar, um significante que a represente como mulher. “[...] esse desejo do Outro, que é o desejo da mãe e comporta um para-além. Só que para atingir esse para-além é necessária uma mediação, e essa mediação é dada, precisamente, pela posição do pai na ordem simbólica” (LACAN, 1957-1958 [1999], p.188).

A menina almeja por essa referência, por algo que a represente, o pai comparece, na ordem simbólica, como aquele que permitirá que a criança seja significada, é ele que irá permitir significar o que a menina vale no desejo do Outro, a partir de então, sabendo do seu valor diante do desejo do Outro materno, a menina poderá separar-se, deixar de ser objeto e experienciar um quantum de liberdade. Marcos (2011a) considera que “O pai é aquele que abre a possibilidade de um além da captação imaginária” (MARCOS, 2011a, p.272), que irá permitir à criança ser para além do lugar de objeto amoroso do Outro.

Para Drummond (2011) ao versar sobre a relação mãe e filha, recorre ao pai como aquele que poderá possibilitar que a menina seja significada, e a partir de então, separar-se desse Outro:

Essa dialética não dispensa o pai como o terceiro que permitirá à criança, para além da captura imaginária, ser significada. É exatamente porque o sujeito pode significar o que vale no desejo do Outro que ele pode se separar desse objeto a que ele encarnou e encontrar um pouco de liberdade. (DRUMMOND, 2011, p. 07).

Nesse sentido, Marcos (2011a) discorre sobre o desejo de ser amada, característico da mulher, no qual identifica que “[...] a criança necessita ser amada na medida em que busca um lugar para ser. A busca de amor da criança é também uma demanda de uma resposta sobre o seu ser. Esta é a máscara da alienação primordial ao Outro” (MARCOS, 2011a, p. 278). O amor da criança é uma resposta sobre o lugar que ela ocupa diante do Outro, o que é direcionado de acordo com o desejo materno. A criança busca sua imagem fálica no olhar materno, anseia por encontrar um lugar no desejo da mãe. “Se o desejo da mãe é o falo, a criança quer ser o falo para satisfazê-lo. Assim, a divisão imanente ao desejo já se faz sentir por ser experimentada no desejo do Outro,” (LACAN, 1966a [1998], p.700). Coloca-se na condição de ser para o Outro, tomando-o como referência, não recorre ao que tem e nem o que não tem, mas sim ao que o outro anseia, almeja que ela tenha, para então ser amada, o desejo inerente é experienciado a partir do desejo do Outro.

Nessa busca em se colocar na condição do desejo do Outro, há investimento, e simultaneamente expectativa em saber o lugar que ocupa. Entretanto, se houver uma frustração em sua busca ou decepção diante de seus anseios, se não se encontrar no olhar do outro, sua existência fica em suspenso, a menina se vê privada de si e impossibilitada de amar (LACAN, 1957-1958 [1999]). Se a menina existe a partir do momento em que ela se coloca na condição de satisfação do desejo do Outro, caso ela não seja vista nesse lugar, por esse Outro materno, o existir é experienciado através da falta.

Lacan (1957-1958 [1999]) não delimita a uma importância demasiada à mãe, evita considerar a relação da mãe com a criança como dual. A mãe continua sendo situada como Outro primordial para o sujeito, porém, não de maneira descomedida. A criança persiste em saber se foi desejada ou não. O que importa na estruturação da menina é o que ela almejou e identificou como o desejo do Outro materno, ela busca no desejo da mãe encontrar-se, aspira um lugar para se situar a partir do que acredita como sendo tal desejo.

Essa temática é abordada por Lacan (1957-1958 [1999]) a partir daquilo que se sobressai na obra freudiana – a importância da inveja do pênis, como algo que marcou os destinos da sexualidade feminina em Freud.

Ao retomar a questão do *penisneid*<sup>9</sup> abordada inicialmente em Freud (1908 [2006]), Lacan (1957-1958 [1999]) versa sobre essa temática desde a entrada até a saída do complexo de Édipo, num primeiro momento a menina fantasia que o clitóris seja um pênis, vivencia uma castração simbólica de um objeto imaginário, depois deseja ter o pênis do pai, vivencia uma frustração imaginária de um objeto real, e por fim, deseja ter um filho do pai, possuir o pênis de forma simbólica, aqui a privação é real e o objeto é simbólico.

A primazia do falo, bem como a primazia da função do pai é adotada para apontar o lugar da menina na relação com a mãe, em ser o falo, desvelando a importância dos investimentos libidinais para tal relação.

Na dialética da troca a relação com a mãe continua com uma vertente de reivindicação fálica e concentra uma demanda de amor bem como registro de reprovação, culpa e ódio. A partir dessa análise do *penisneid* Lacan (1957-1958 [1999]) mostra que a menina deverá desprender-se da demanda dirigida à mãe e endereçá-la a Outro, o que será possibilitado a partir da percepção subjetiva de que a mãe não possa lhe dar o falo por também não possuí-lo, por ser marcada pela falta.

Na perspectiva da criança, o falo entra na dialética das trocas, ser o falo da mãe ou ter o falo. A menina vivencia a ausência do falo sob forma de frustração que consiste num dano, num prejuízo da ordem do imaginário “A frustração incide sobre algo de que vocês são privados por alguém de quem poderiam justamente esperar o que lhe pediam” (LACAN, 1956-1957 [1995], p. 101). O objeto em questão entra no campo das pertinências narcísicas do sujeito, a ausência do falo caracteriza-se como uma ferida narcísica, e é justamente, por não possuir esse objeto, que a menina entra na dialética das trocas simbólicas. Nesse sentido, a menina decepcionada irá direcionar sua demanda do falo para o pai, o que a permitirá simbolizar e transformar a falta.

Esse processo de direcionar sua demanda para o falo do pai, lhe possibilita orientar-se para o pai. Tal orientação está entrelaçada à dependência da satisfação da mãe como mulher, caso não haja essa satisfação, a filha permanece na posição de preencher a falta materna e não dirigir-se ao pai. “Se a mãe não se divide pela troca fálica, se ela é toda mãe, permanece o

---

<sup>9</sup> O *Penisneid*, ou inveja do pênis, é um termo que já aparece na obra de Freud em 1908, em *Sobre as teorias sexuais das crianças*, a inveja sendo ali tomada no sentido de ciúmes (FREUD, 1908 [2006]).

único objeto da filha única. A criança pode permanecer na posição de fetiche da mãe, ou converter-se num dejetos” (DRUMMOND, 2011, p. 8).

Se o lugar da mãe como mulher não for devidamente contemplado, se não há uma satisfação em estar nesse lugar, ela se manterá no lugar de mãe, se não se divide pela troca fálica, irá comprometer a orientação da filha em direção ao pai. Dessa forma, a filha deverá permanecer na posição de saturar a falta da mãe, na condição do objeto amoroso da mãe.

Por outro lado, se a mãe se divide pela troca fálica, se ela encontra satisfação tanto no lugar de mãe, quanto no de mulher, permitirá que a filha se despenda da posição de preencher sua falta e se dirigir em direção ao pai, e experienciar uma passagem positiva pelo complexo de Édipo.

Dessa forma, é no momento da intervenção da Lei – do pai privador, que a mãe separa-se de seu objeto fálico e a criança de seu objeto incestuoso, a presença simbólica do pai é que proporciona romper com o vínculo incestuoso mãe-filho. É na medida em que intervém a proibição paterna que a criança não se torna puro objeto do desejo materno.

Nesse sentido, Lacan (1957-1958 [1999]) observou que tal afastamento era possibilitado mediante os efeitos produzidos pela lei veiculada no discurso da mãe, a palavra do pai junto à mãe como proibição, referencia a lei, o que é denominado por Lacan (1957-1958 [1999], p. 166) como metáfora paterna, a qual “[...] concerne à função do pai, como se diria em termos de relações inter-humanas”. Em outras palavras, ela opera o significante, pelo qual o desejo bruto da mãe é simbolizado pela intervenção do significante do Nome-do-pai. Lacan cria esse conceito (1957-1958 [1999]) para dar conta da importância do lugar do pai na vida do sujeito e como ele se situa frente à palavra do pai.

Vocês sempre constatarão, na experiência, que o sujeito posicionou-se de uma certa maneira, num momento de sua infância, quanto ao papel desempenhado pelo pai no fato de a mãe ter o falo. Esse momento nunca é elidido (LACAN, 1957-1958 [1999], p. 191). No momento da dialética do ser ou não ser o falo o pai já intervém efetivamente, mas foi possível deixá-lo de lado [...]. Mas, a partir de agora [...] somos forçados a fazê-los entrar em consideração [...]. É como personagem real revestido desse símbolo que ele passa então a intervir efetivamente [...] (LACAN, 1957-1958 [1999], p.193).

Lacan (1957-1958 [1999]) enfatiza a importância do pai como aquele que através de sua presença irá elucidar as fantasias concernentes ao lugar da mãe como portadora do falo. O pai comparece como personagem real, que simbolicamente intervém como referência da lei que proíbi o incesto, o Nome-do-Pai é o significante que articula a lei. É essencial que a menina tenha adquirido essa dimensão de sua lei, numa dimensão simbólica. Nessa perspectiva, ele é o que vem em lugar do desejo da mãe, uma substituição, uma metáfora – a metáfora paterna.

Diante do fracasso da função do pai, como aquela que vem no lugar do desejo da mãe, observa-se, que se a menina não se afasta da mãe em direção ao pai, ocorre o que é denominado por Lacan como o fracasso da metáfora paterna – “da possibilidade de articular claramente o complexo de Édipo e seu móbil, isto é, o complexo de castração” (LACAN, 1957-1958 [1999], p. 185), a criança permanece na posição de fetiche do desejo da mãe, que a toma como seu objeto único, seu falo.

A menina encontra-se *assujeitada* ao desejo desse primeiro grande Outro, presa em se fazer objeto do desejo materno. Se o pai não comparece, não intervém como aquele que proíbi a permanência da menina na condição de objeto do desejo materno, não há o rompimento entre mãe-filha. Tal constatação desperta a refletir sobre essa equação, se não há tal rompimento, a menina não se direciona ao pai, não há a constituição de um significante que a represente como mulher, se a menina não se separa da mãe, não acessa ao seu desejo, permanece sem um significante que a represente como mulher.

Por outro lado, se “[...] o pai encontra-se também submetido aos caprichos da mãe, e não opera como agente da privação” (DRUMMOND, 2011, p. 9), a função paterna fica comprometida, como aquele que vai inserir o sujeito no campo do registro simbólico e da lei. A função do pai comprometida diante da mãe inviabiliza a inserção da menina no campo do simbólico, da lei que limita e proíbe o gozo.

Diante do fracasso da metáfora paterna, quando não há a introdução e o corte feito pelo pai na relação entre mãe-filha, observa-se que a menina permanece ligada à mãe na condição de objeto do Outro materno, algo que ela vai repetir nas relações com os parceiros amorosos, o lugar de assujeitada ao desejo do outro (SOLER, 2005).



Tal condição é devastadora na estruturação do sujeito, encontra-se faltoso, tentando preencher a falta do outro, entretanto, ambos permanece faltosos, a menina permanece vinculada à mãe, tentando encontrar-se no desejo materno, e como tal coloca-se na condição de ser o objeto do desejo da mãe, de preencher a falta da mãe, perdura a falta entre ambas, pois a menina coloca-se na condição de dar o que não tem na busca por encontrar-se no olhar materno.

Lacan (1973 [2003]) conceitua a devastação como um dos nomes do fracasso da metáfora paterna, no qual, o sujeito não metaforiza a falta, não faz troca, não diz de outra forma sobre o desejo da mãe, ele permanece no registro da demanda, enquanto a mãe permanece na posição do outro real, interpretado como outro do gozo.

Lacan (1973 [2003]) denomina de *ravage* – encantar ou arrancar, estrago ou devastação<sup>10</sup> é tornar deserto, despovoar, remeter a uma destruição completa, a um aniquilamento<sup>11</sup>, o que Freud (1931 [2006], p. 247) havia denominado de *catástrofe*. Observa-se que ambos se referem aos laços estabelecidos entre uma menina e sua mãe e àquilo que, dessa ligação, a psicanálise estabeleceu como parte da subjetividade feminina.

Para Miller (2010), todos esses significados estão implicados na *devastação* e no *deslumbramento*, pois o sujeito experimenta versões do gozo. O objetivo deste texto é introduzir o significado tendo como referencia a obra lacaniana marcada pelo Seminário 20: *mais ainda*.

Lacan (1973 [2003]) recorre a esse significante pela primeira vez com intuito de definir o vínculo entre mãe e filha em seu escrito *O Aturdido*.

[...] a elucubração freudiana do complexo de Édipo, que faz da mulher peixe na água, pela castração ser nela ponto de partida (Freud dixit), contrasta dolorosamente com a realidade da devastação que constitui, na mulher, em sua maioria, a relação com a mãe de quem, como mulher, ela realmente parece esperar mais substância que do pai (LACAN, 1973 [2003], p. 465).

---

<sup>10</sup> Dicionário Larousse Francês-Português / Português-Francês. Disponível em: <[www.4shared.com/file/QYON4G2i/Dicionario\\_Larousse](http://www.4shared.com/file/QYON4G2i/Dicionario_Larousse)>. Acesso em 20 de maio de 2013.

<sup>11</sup> AURÉLIO, B. H. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 3 ed. Curitiba: Positivo, 2004.

A construção do aporte freudiano concede à mulher um lugar, do qual fica subentendido que não há o que temer, por ser a castração feminina algo que está implícito. Entretanto, a menina busca uma identificação na posição de ser amada, nessa busca depara-se com um jeito de relacionar dolorosamente devastador, uma herança da relação com a mãe, na qual espera algo mais do que na relação com o pai.

Inicialmente Lacan (1973 [2003]) refere-se ao termo devastação para versar sobre a relação mãe e filha, sobre a condição de assujeitamento ao desejo do Outro materno que se revela de forma devastadora na estruturação do sujeito. Entretanto, no seminário 23, *O Sinthoma*, Lacan (1975-1976 [2007]) volta a abordar o termo para falar da devastação na relação homem-mulher. Num primeiro momento, tem-se a construção com o objeto amoroso originário – a mãe, que pode manifestar-se de forma devastadora caso a inserção do pai seja de alguma forma, ou por algum motivo, comprometida, a menina repete a relação com o vínculo primevo em suas parcerias amorosas, repete o lugar de assujeitada.

A mulher pode escolher seu parceiro sucessor do relacionamento dela com a mãe, da devastação erigida no princípio da relação objetal mãe-filha. Os resquícios dessa relação ressurgem na vida adulta nas parcerias amorosas. Em outras palavras, a devastação toca as origens da inscrição simbólica do que ocorreu como primordial na infância. O insulto, a rejeição ou o silêncio são alguns dos modos de emergência particular da linguagem para um sujeito (LACAN, 1972-1973 [1985]).

Drummond (2011) sublinha que “Um homem pode então se inscrever como devastação para uma mulher a partir do que se revela para ela como engano do amor” (DRUMMOND, 2011, p. 11). Um amor às vezes sem limite e pouco articulado com o desejo.

Lacan (1973 [2003], p. 98) afirma que “Um homem é para uma mulher tudo o que vocês quiserem, a saber, uma aflição, pior do que um *sinthoma*<sup>12</sup>. Vocês podem articulá-lo como lhes convém. É uma devastação.” Um homem é uma devastação a partir do momento em que ele se inscreve como substituto no lugar do que se apresenta como falta, desvelando algo que aponta para o sofrimento.

---

<sup>12</sup> “*Sinthoma-metáfora*”, lacaniana, uma formação do inconsciente que se sustenta em uma satisfação de desejo, (LACAN, 1975-1976 [2007]).

Marcos (2011a) considera que tal afirmação Lacaniana indica como a devastação pode surgir no campo do amor para a mulher não-toda situada na lógica do falo. Quando um homem é uma devastação para uma mulher ele reacende nela o sem limite do gozo feminino.

Essa forma de se relacionar, em sua origem, comparece na relação da menina com seu Objeto amoroso, e ressurgem nas parcerias amorosas da mulher. Lacan (1973 [2003]) nomeia-a como devastação, a persistência de um endereçamento de demanda infinita de amor, no qual considera que, para as mulheres, amor e devastação possuem estreito parentesco, por ambos estarem sob o designo do sem limite e da falta de significante no outro. Miller (2010) define a devastação como a outra face do amor.

Há uma estreita relação entre ambos - a falta. Tanto o amor quanto a devastação tem em comum a falta de significante no outro, o não todo no sentido do sem limite, em que a devastação apresenta-se como uma resposta tanto nas relações entre mãe e filha quanto nas relações amorosas.

A ausência de um significante cujo designo diga o que é uma mulher, tem como efeito o acesso do sujeito feminino a um gozo infinito, tal ausência pode mantê-la refém de um deslumbramento capaz de levá-la a despersonalização e à angústia. O anseio por ser amada leva a mulher do deslumbramento à devastação, lugar que o homem ocupa tanto como um, quanto como o outro, podendo ser desde o deslumbramento até a devastação daquela que diante desse amor “se gaba de ser o que dá aquilo que não tem, [...]” (LACAN, 1966b [1998], p. 744) “Não há limites às concessões que cada uma faz para um homem: de seu corpo, de sua alma, seus bens” (LACAN, 1974 [2003], p. 538). A demanda infinita, o sem limite faz-se presente nessas concessões, no dar inclusive o que não tem – dar amor ao outro, quando o referencial de amor para consigo é defasado.

Soler (2005) afirma que a devastação não se limita à reivindicação imaginária que uma filha faz à mãe, pois está além do registro fálico. Só é possível apreender a verdadeira natureza da devastação a partir do gozo Outro, uma vez que ela é consequência dele. Dito de outra forma, a devastação vai além do registro fálico, ela é consequência de um Gozo Outro.

A mulher anseia por ser desejada, e quando convocada no lugar de objeto na relação sexual, só não aceitará, caso esteja implicada numa saída histérica. Por outro lado, se ela consente em ocupar esse lugar, ambicionando por ser amada e desejada por ele, pode

configurar uma saída pelo feminino, a qual desvela um gozo ilimitado, em excesso, com efeito devastador.

A saída pelo feminino denuncia o anseio em ser desejada ainda que seja na condição objeto, em ser amada, busca encontrar-se no outro. Nesse sentido, no *Seminário XX* Lacan (1972-1973 [1985]) ao versar sobre a temática de que *A Mulher não-existe*, refere-se a seu aporte teórico que expõe a não existência de um conjunto de mulheres, não há um conjunto, a mulher só pode ser tocada uma a uma, esse aforismo diz também à respeito da falta de atributos de significantes para designar *A Mulher* na participação sexual.

Nessa perspectiva, Lacan (1974 [2003], p.536) considera que “A mulher não ex-siste. Mas o fato de não ex-sistir não impede que se faça dela o objeto do desejo.” Nesse sentido, diante da falta do significante que a define, a posição de ser o falo para o outro concede a ela um lugar, uma definição – objeto amoroso do Outro.

Diante da ausência de um significante que a defina – o que é uma mulher, e ainda, do que nada pode ser dito, sob o designo do sem limite, de um gozo fora da lógica fálica, a devastação se apresenta como uma modalidade no vínculo entre mãe e filha e, por isso, passível de atuar nas parcerias amorosas e em todos outros enlaces, inclusive no amor de transferência na clínica, pois ambas possuem como ponto em comum a demanda infinita de amor.

Nessa perspectiva, Soler (2005) considera que Lacan tenha utilizado o termo “devastação” para caracterizar a relação da filha com a mãe, sinalizando a continuação da tese freudiana de que o homem é o herdeiro da relação com a mãe. No entanto, devastação não é uma reivindicação fálica, não se restringe a ela, é na verdade da ordem do gozo feminino, só é apreendido a partir dele. Nesse sentido, a mulher depara-se com uma situação perturbadora, na qual não consegue mediar o papel de ser mãe e ser mulher, o que caracteriza o gozo devastação:

É esse o núcleo da devastação: é o gozo outro que devasta o sujeito, no sentido forte de aniquilá-lo pelo espaço de um instante. Os efeitos subjetivos desse eclipse nunca faltam. Vão da mais leve desorientação até a angústia profunda, passando por todos os graus de extravio e evitação (SOLER, 2005, p. 185).

Segundo Lacan (1972-1973 [1985]), independente da modalidade de vínculo, a mulher ocupa uma posição na fantasia de um homem, a qual denomina de encarnação do objeto *a*, é o

semblante do desejo inconsciente, da falta. Mas o que ela busca é uma identificação na posição de ser amada. Nessa busca ela direciona-se ao outro tentando compensar sua falta-a-ser, bem como obter uma identificação. O outro ocupa o lugar tanto de preencher, quanto de referência com o qual ela possa identificar-se.

As mulheres nos ensinam sobre esse amor demandando que seus parceiros enunciem seu amor em palavras, tanto a clínica psicanalítica, quanto a literatura nos diz sobre esse amor e nos contempla com exemplos do modo de amar feminino. No entanto, para amar é necessário falar, e justamente através da fala que se dá a falta-a-ser. A devastação decorre de uma inscrição significativa que toca o campo da fala e da linguagem, e desvela-se através dos insultos, do silêncio, da rejeição, primeiro diante da mãe, e depois na vida adulta se repete nas parcerias amorosas caracterizando relações violentas no âmbito conjugal.

Diante da falta, ela persiste na busca por um modelo do feminino, no entanto, tal procura é impossível de definir para além de uma mera apresentação de ornamentos, de umas máscaras e sinais que identificam uma imagem aparentemente específica da mulher.

Para Grant (1998, p. 7) “O semblante é algo cujo objetivo é o de velar o vazio, vazio presentificado no real do corpo em parte dos seres humanos e que aponta para a castração”. Diante do vazio, da falta, as máscaras comparecem como um ornamento que tampona essa falta, que a mascara.

Dessa forma, o semblante consiste em fazer crer que há algo onde não há. Miller (2010) ao discorrer sobre a afirmativa lacaniana de não haver relação sexual, ou a não existência da mulher, considera que ao nível do real só há semblante – o Nome-do-pai, o falo, a mulher e a própria linguagem, exemplificam a expressão do modo de operar o semblante.

Segundo Lacan (1966a [1998]):

Por mais paradoxal que possa parecer essa formulação, dizemos que é para ser o falo, isto é, o significante do desejo do Outro, que a mulher vai rejeitar uma parcela essencial da feminilidade, nomeadamente todos os seus atributos na mascarada. É pelo que ela não é que ela pretende ser desejada, ao mesmo tempo que amada. Mas ela encontra o significante de seu próprio desejo no corpo daquele a quem sua demanda de amor é endereçada (LACAN, 1966a [1998], p. 701).

A mulher rejeita uma parcela de sua feminilidade para assujeitar-se á condição de ser o significante do desejo do outro, de ser amada pelo que não é. Ela reveste-se de suas aparências, de máscara, a qual seja da posição feminina.

Miller (2010, p. 6), fala da relação com o outro como caminho “para escapar a falta de identidade, deslocar sua falta para o outro, atacando sua completude”. Diante da perspectiva de ser o que falta ao outro, o referido autor versa sobre o construto, ser ou ter o falo. O qual buscou contextualizá-lo na clínica. Procurou dimensionar como solução para o feminino entre ser e ter, em que observou a solução do lado do ser como aquela que:

[...] consiste em não tapar o buraco, ou seja, fabricar um ser com o nada. Também desse lado se abre a clínica “feminina”, a falta de identidade, que tem nas mulheres uma intensidade nada comparável com o que pode ser encontrado nos homens. A tal ponto que somos obrigados a falar de um ser de nada e de uma dor específica desse ser de nada (MILLER, 2010, p.5).

A partir do construto teórico de ser, Miller (2010) recorre as contribuições lacaniana no que concerne a análise do terrível e fascinante mito Grego, que relata a vida de Medeia para dizer sobre o lugar da mulher do lado do ser.

Tal mito insere no ciclo narrativo o relato da vida de Medeia, personagem que rompe com seu reinado e decidi acompanhar o homem, Jasão, pelo qual se enamorou. Transcorrem anos de convivência, já com filhos, Jasão decide romper a união com Medeia, por estar envolvido sentimentalmente com outra mulher. Diante do anseio do marido em casar-se com outra, Medeia, passa pelo que denominou de enclausuramento e tristeza – perdeu a alegria de viver, caracterizando um quadro depressivo – “Entre todos os seres que tem alma e pensamento as mulheres são mais desgraçadas” (MILLER, 2010, p.8). Inconformada da decisão de Jasão, Medeia sente que o ter não tem nenhum valor se lhe falta esse homem.

Não almeja matar o homem, mas sim, aquilo que lhe era mais precioso, sua nova esposa e seus próprios filhos, vingança cuidadosamente elaborada. Medeia é apresentada, no decorrer de toda a narrativa, como uma mãe que ama profundamente seus filhos. Fala com encanto de como eram e do que esperava deles. No entanto, prepara para matá-los e o faz. Mata seus próprios filhos, que são também de Jasão, o que, segundo Miller:

[...] permite dizer que o que há de mulher nela supera o que há de mãe. Não se deve imitá-la, mas ela constitui o exemplo radical do que significa ser mulher mais além

do que mãe. Com esse ato sai de sua depressão. Ela está toda nesse ato, a partir do qual todas as palavras são inúteis, saindo decididamente do registro do significante (MILLER, 2010, p.8).

Ao revelar o que há de mulher mais forte do que o que há de mãe, Medeia desvela a verdadeira mulher, fato que a possibilitou sair do processo de adoecimento no qual estava imersa dado o descontentamento de ter sido preterida, a vingança serviu para lhe fazer emergir em ato.

Miller (2010) discorre sobre a solução *do lado do ser*, embasada em trabalhar com a falta ao invés de tamponá-la – ser a própria falta. No entanto, a saída para a feminilidade do *lado do ter* é abordada por Grant (1998, p.6) como a *feminilidade mascarada*. A “Feminilidade é da ordem do uso de uma máscara - máscara de aparência feminina”, na qual a mulher é não-toda inscrita na função fálica, por ser a parte inscrita aquela que permite o sujeito estar inserido no mundo simbólico, enquanto a outra parte, a que não está inserida, está fora da ordem fálica, fora do simbólico, é da ordem do impossível de se dizer, da falta. A partir desse construto – não-toda, recorre a contribuição lacaniana concernente ao gozo, identifica-o como gozo fálico possível de ser dito e o Gozo Outro, da ordem do não dito.

Lacan (1973 [2003]), em seu construto já havia delimitado que o falo não regula todo o campo do gozo, o que abre um campo para além do falo, no qual situou a devastação. Esta apresenta uma face que desvela o desejo e a demanda, enquanto a outra aponta para o gozo feminino, Gozo Outro. Nessa perspectiva, ele vai além da devastação feminina com o falo quando diz que o gozo feminino tem um aspecto suplementar ao gozo fálico. Se a metáfora paterna é sempre falha, isso implica no fato de que o desejo da mãe não é inteiramente significantizado.

Dessa forma, Lacan (1972-1973 [1985]) diferencia o gozo fálico e o gozo feminino, sendo o primeiro marcado pela significação do falo e o segundo denominado de suplementar, algo exclusivo da mulher. E suplementar por supor algo mais, um gozo da mulher não toda, uma vez que ela não se submete à linguagem, não se delimita ao mundo simbólico.

Diante de tais considerações, Lacan (1972-1973 [1985]) propõe pensar o feminino como um ser que não se submete inteiramente ao Édipo e à lei da castração, e aborda sua sexualidade a partir da diferença entre o gozo fálico e o gozo suplementar. Analisa os homens como sendo totalmente concernidos pela função fálica, em que o gozo fálico media sua

relação com o mundo. Eles são todos fálicos, enquanto as mulheres não se restringem ao gozo fálico, embora participe dele, elas seriam não-todas fálicas por ter acesso ao gozo fálico, bem como a um gozo não-fálico, denominado como suplementar, é o Gozo do Outro que permanece na ordem do indizível, para além do falo, ilimitado, não submetido à lei da castração.

Lacan (1972-1973 [1985]) acredita que a feminilidade deve ser pensada considerando sua pertença a um campo não-fálico. A noção de um gozo suplementar situa a mulher do lado do mais, mais de um gozo. Esse gozo, que Lacan chama de “Gozo Outro” (p.15). Ele o aproxima, antes, do gozo místico dos santos, daquilo que está excluído da palavra, do inefável.

Nessa perspectiva, o gozo fálico é tomado como “[...] o obstáculo pelo qual o homem não chega, eu diria, a gozar do corpo da mulher, precisamente porque o de que ele goza é do gozo do órgão” (LACAN, 1972-1973 [1985], p. 15), é o gozo submetido à lei da castração, limitado. Lacan a partir do primado do falo considera as diferenças entre os sexos no inconsciente através do postulado da inexistência de um significante que defina A Mulher. Discorre sobre o feminino numa perspectiva do não-toda inscrita na função fálica, assinalando um para além do Édipo e da castração (LACAN, 1972-1973 [1985]).

Soler (2005) versa sobre o gozo feminino, dispõe-no numa dialética “Ao contrário do gozo fálico, o gozo outro, suplementar, “ultrapassa” o sujeito. Para começar, por ser heterogêneo à estrutura descontínua dos fenômenos regulados pela linguagem, com a consequência de que esse gozo não é identificatório” (SOLER, 2005, p. 56).

André (2011) considera que “O gozo *do Outro* é designado como um gozo parasssexual, fora da linguagem, que suporta o ser ou o corpo como tal [...]. Deste, não temos ideia alguma, pois ele escapa ao domínio do significante” (p. 254). O qual só nos é permitido supor ou deduzir a partir do que imaginamos. Dessa forma, tal gozo se opõe ao gozo fálico, ou sexual, por esse ser bem determinado pela linguagem “[...] já que é tributário do significante do falo” (ANDRÉ, 2011, p. 254).

O falo enquanto significante introduz a disparidade entre o gozo masculino e o gozo feminino. Lógica do todo e do não-todo fálico, numa perspectiva em que no lugar da castração, o gozo passa ser considerado como outro é a maneira de abordar o gozo próprio da mulher, de compreender de outra maneira o infinito que se abre através da assunção do não existe relação sexual: há um gozo, gozo do corpo, que é, para além da lógica fálica do ser e do



ter, para além da demanda do desejo. Dito conforme Lacan, a lógica fálica não regula todo o campo do gozo, há uma parte que permanece no real (MARCOS, 2011a).

Há um gozo dela sobre o qual talvez ela mesma não saiba, ou não fala nada a não ser que o experimenta. Lacan evoca a frigidez com uma das possíveis manifestações desse outro gozo. A pretendida frigidez seria reinterpretada a partir da perspectiva desse outro gozo, desta clínica do não todo, como uma maneira de compreender um além do falo, aquilo que presentifica na ordem do real.

Lacan (1975-1976 [2007]) ao discorrer sobre o feminino numa perspectiva de sua divisão entre o simbólico e o seu mais além, o real, considera o real e não-todo como índice do feminino, daquele que não teme a castração, já ao homem compete o que é da ordem do simbólico, o temor à lei da castração. Considera-a não toda submetida à lei da castração e da palavra, parte dela está fora da ordem, fora da linguagem, é da ordem do indizível na qual a mulher teria uma relação privilegiada com o real. Grant (1998, p.8) “Ela escapa às palavras e está sempre em outro lugar que não aquele em que se diz estar. Perde a identidade e o nome no caminho em direção ao gozo que lhe é próprio” – daí a loucura.

Nesse sentido, Lacan (1974 [2003]) vislumbra o real na psicanálise, como esta ausência de lei para predizer as relações sexuais, ou melhor, é a ausência de uma escrita da relação sexual e suas consequências, a qual conceitua como: “*Não há relação sexual*. Pois convém supor que existe um todo real, o que primeiro seria preciso provar, já que sempre se supõe do sujeito apenas o racional” (LACAN, 1974 [2003], p. 539). Em outras palavras, a “não relação sexual” constitui a relação entre o sujeito do inconsciente e o gozo do Outro, ou a relação entre o simbólico, o masculino e o Outro que não se pode nomear, o feminino.

Nessa perspectiva, Marcos (2011b, p. 03) ao versar sobre o real o considera como o “buraco que para o ser falante, vem no lugar das leis que determinam a vida sexual animal. Ele é essa impossibilidade de escrever a relação sexual”, é o que escapa à realidade o que não se inscreve no simbólico.

O gozo feminino é um gozo desconhecido, que faz enigma para o sujeito, e a devastação da qual Lacan fala, diz respeito ao sujeito feminino confrontado ao gozo feminino da mãe. Se o gozo feminino é desconhecido, fala-se de um gozo feminino que é confrontado com outro, também desconhecido.

Dessa forma, observa-se que a devastação tem um lado de reivindicação fálica, ligado ao desejo da mãe, e um lado não-todo-fálico, um modo de gozar que se articula ao deslumbramento do corpo e que deriva da dificuldade de simbolizar o gozo feminino (LACAN, 1972-1973 [1985]).

Para Marcos (2011a, p.275) “É no romper do semblante, da aparência que algo do gozo se evoca como um desgaste, uma erosão que marca um território. É na queda dos semblantes que a devastação se dá a ver revelando um gozo opaco, refratário à ordem simbólica”. Ao romper a aparência o semblante marca algo. Em sua queda a devastação descobre um gozo que não se limita ao simbólico. Imbricada por esse aporte teórico, disponho pensar o semblante como indicador para abordar a própria verdade do sujeito.

Logo, percebendo que a mulher experiencia de forma repetitiva o modo devastador de ser mulher, busquei na seção seguinte, abordar os conceitos de repetição, compulsão à repetição e pulsão de morte, nos quais proponho pensar o tênue limite entre devastação e amor entrelaçado pelo gozo feminino que pode tanto favorecer o encontro amoroso, quanto o encontro devastador entre um homem e uma mulher. Disponho ainda, considerar o gozo feminino como suplementar, do lado do *mais, mais* de um gozo, numa perspectiva de sua destrutividade pelo excesso da pulsão de morte que presentifica a falta de uma modulação simbólica que delimita o excesso pulsional.

## 4 REPETIÇÃO

### 4.1 Primeira Tópica – Repetição

Diante do atual cenário da legislação no que concerne à violência doméstica no Brasil, como abordada na segunda seção desse trabalho, somada as recentes conquistas tanto no âmbito jurídico como a criação da Lei 11.340/2006 – (BRASIL, 2006a) e a rede de apoio no combate e prevenção à violência, busquei analisar, a partir do *setting* terapêutico, a demanda repetitiva apresentada pelas mulheres que vivenciam o assujeitamento a relacionamentos devastadores. Para tanto, optei por recorrer às contribuições do aporte psicanalítico tomando como base a temática da repetição como uma forma de compreender situações que emergem nesse contexto.

O interesse em estudar a repetição nas escolhas amorosas de mulheres em interface com a violência nos seus relacionamentos conjugais surgiu a partir da experiência como psicóloga inserida nessa realidade há oito anos.

Ao dialogar sobre a relação entre a violência doméstica e a mulher, no âmbito psicanalítico, surge a questão diante da qual me coloco nessa pesquisa: por que as mulheres que vivenciam a violência doméstica de forma recorrente e que mesmo sendo conhecedoras de seus direitos, não saem dessa condição de repetição? Em outras palavras, como se configuram essas subjetividades em torno de uma escolha objetal em interface com a violência?

Nesse sentido, disponho-me aqui a recorrer a dois importantes textos freudianos, *Recordar, repetir e elaborar* (1914 [2006]) e *Além do princípio de prazer* (1920 [2006]), que servirão de suporte no constructo teórico sobre o percurso de compreensão desses fatos. Nesse decurso, observa-se no texto *Projeto para uma psicologia científica* (FREUD, 1895 [2006]) a

aproximação com o que se identifica como sendo a origem do fenômeno da repetição ao postular que tudo na vida mental tende a percorrer um caminho trilhado anteriormente, entretanto, não havia nexos com o presente, o que o levou a perceber que o retorno por si só não promovia a cura.

Na clínica, Freud (1895 [2006]) observou, então, que o passado era repetido de forma isolada, sem coerência e sem sentido, um retorno do recalcado sob a forma de lembranças passadas, em que o paciente assumia uma postura totalmente passiva, sem lhe possibilitar tornar consciente o conteúdo recalcado, partindo da premissa de que nesse momento, Freud acreditava ser isso possível.

Observou que a aparente eficácia do método era percebida pela remoção do sintoma, mas logo se identificou que era um processo de cura temporária, pois o sintoma retornava, ainda que com outra roupagem. Dito de outra forma, os elementos recalcados, via retorno do recalcado tendem persistentemente a reaparecer na consciência, retorna por meio de acontecimentos atuais que evoquem esse material, o que ocorre através de deslocamento, condensação e conversão, quando em análise podem manifestar-se através da relação transferencial, dos relatos do sonho e do jogo do brincar (FREUD, 1914a e 1920 [2006]).

Freud (1914a [2006]) buscou compreender como ocorriam os obstáculos que se interpunham à recordação, como se consolidava a resistência, em que o recalcado não deixava de existir e reaparecia esporadicamente, bastava que o paciente vivenciasse situação que estivesse ligada ao recalcado. Nesse sentido, é a partir da associação livre, de deixar fluir livremente o passado na mente do paciente, que Freud percebeu a necessidade de interpretar o que acontecia na sessão, identificando as resistências e tornando-as conscientes para o paciente.

A princípio a resistência era tida como um obstáculo ao retorno do recalcado, no entanto, ela passa de entrave para ser reconhecida como um meio de ascensão ao recalcado, permitindo o avanço na construção da técnica psicanalítica. Entretanto, a comunicação ao paciente, apresentá-lo suas resistências, não foi suficiente para dissipar o recalque, Freud precisou avançar e encontrar caminhos que possibilitassem a utilização viável desse recurso.

É o caminho trilhado por Freud que opto por percorrer, buscando entender a questão norteadora desse estudo. Logo, repetir e recordar abre esse diálogo.

#### 4.1.1 Repetir e Recordar

Inicialmente a formulação teórica freudiana objetivava a lembrança do acontecimento traumático, no entanto, ele observou que havia algo agindo no sentido contrário, o que denominou resistência, o sujeito ao invés de recordar, repetia o fato traumático em forma de atuação (*acting out*), sem saber que estava repetindo.

Freud (1914a [2006]) distingue a repetição como um retorno e como compulsão, identifica o caráter pulsional, mas ainda muito restrito, nesse período de seu construto. Ou seja, nesse momento acreditava que ao resgatar o conteúdo mental esquecido, que referendava ao evento traumático autor do sintoma, e ao surgir na consciência através de lembranças, iria dissipá-lo alcançando a cura.

Ele partiu do princípio de que a pessoa ocultava uma verdade esquecida, a qual referendava a doença e era desvelada por meio da hipnose. Entretanto, observou que o retorno à situação anterior por esse meio não enfrentava empecilho algum, já que era revisitado como se o sujeito estivesse excluído do contexto atual de sua vida (FREUD, 1914a [2006]).

Dessa forma, percebeu que o paciente sob efeito da hipnose “[...] colocava-se em situação anterior, que parecia nunca confundir com a atual” (FREUD, 1914a [2006], p. 164), sendo assim o passado era tomado isoladamente, a recordação não tinha sentido algum, um simples retorno do recalcado através de lembranças.

Freud (1914a [2006]) percebeu que o método catártico se fazia eficiente na remoção dos sintomas, entretanto a cura era transitória, o que o levou a abandoná-lo, passando a utilizar a livre associação. Nesse método o sujeito alcançava seu passado pelo fluir de tudo o que lhe vinha à mente, sendo revelado supostamente ao acaso, o uso livre das palavras, que associavam ideias ia ganhando sentido como um caminho para acessar o inconsciente, na busca pelo episódio traumático.

Nessa perspectiva, Freud (1914a [2006]) identificou a resistência como um obstáculo que se interpunha entre o sujeito e o acontecimento traumático, que era empecilho à recordação.

A associação livre tinha suas limitações concernentes a demolir as resistências, Freud (1914a [2006]) identificou a necessidade de interpretá-las, e na sequência comunicá-la ao paciente. Primeiramente a resistência é posta de lado e nesse momento é comunicada.

Observou que há um distanciamento entre o sujeito e o objeto, o qual pode ser identificado como espaço em que opera a linguagem, nesse sentido, na análise percebeu que o sujeito repete ao invés de recordar. Dessa forma, Freud (1914a [2006]) identificou que no auge da resistência é possível conhecer o recalco.

Até então, Freud estava focado em tudo o que envolvia a recordação. Nos casos de histeria de conversão, percebeu através da fala das pacientes nas “coisas esquecidas”, referentes às lembranças da infância, que “elas representam os anos esquecidos da infância tão adequadamente quanto o conteúdo manifesto de um sonho *representa os pensamentos oníricos*.” (FREUD, 1914a [2006], p. 164).

A repetição é tomada como uma expressão da resistência que impede a recordação “[...] o paciente não diz que recorda que costumava ser desafiador e crítico em relação à autoridade dos pais; em vez disso comporta-se dessa maneira para com o médico.” (FREUD, 1914a [2006], p. 165)

A partir dessa percepção, Freud (1914a [2006]) mostra que o paciente acima referendado, não rememora de sua postura de enfrentamento diante dos pais, porém tem uma postura desafiadora para com o analista: não recorda o que fez na infância, mas, segue repetindo durante o tratamento, diante da relação com o outro, considerando esse um representante das figuras parentais, reproduz uma atitude e demonstra resistências com relação a recordar.

Diante de tais representações dos acontecimentos passados, Freud (1914a [2006]) percebe que “[...] o paciente não recorda coisa alguma do que esqueceu e recalco, mas expressa pela atuação ou atua-o (*acts it out*). Ele reproduz não como lembrança, mas como ação; repete-o sem, naturalmente, saber que o está repetindo” (FREUD, 1914a [2006], p.165). O sujeito atua o passado ao invés de rememorar-lo, se algo emerge é pela persistência da repetição. Desse modo, independente se o que era recordado se vinculava a um pensamento consciente ou não, as experiências que eram recordadas referiam-se a fases remotas da infância, algumas não compreendidas nem mesmo no momento em que o sujeito a vivenciou.

A partir da percepção de que o sujeito atua o passado, Freud (1914 a [2006], p. 167) faz uma articulação entre recordação, resistência e atuação, diante da qual percebe que há uma cumplicidade entre as duas últimas, na qual a recordação não comparece, “Quanto maior a resistência, mais intensivamente a atuação (*acting out*) (repetição) substituirá o recordar” (p. 167). A repetição, nessa perspectiva, é tomada do ponto de vista negativo por estar diretamente associada à resistência, através da qual o sujeito é impedido de recordar, experencia um retorno que nada tem de inovador, que não promove mudança.

Por outro lado, o sujeito repete na busca por reviver a satisfação originária, dizendo de um novo lugar da repetição como um elemento da técnica psicanalítica. Nesse sentido, é a partir do Caso Dora que Freud (1905-1901 [2006]) deparou-se com o que o levou a ter uma mudança na técnica - algo inovador para a teoria psicanalítica, que evidenciou a repetição.

O Caso Dora foi um caso clínico que Freud acompanhou em tratamento na clínica, que não ultrapassou três meses, descrito em 1905 numa obra denominada *Fragmentos de um caso de histeria*.

Trata-se de uma histeria com tosse nervosa e afonia, cuja origem, desvela uma conotação de caráter sexual. E ainda, a característica principal nos processos psíquicos em conflito é desempenhada pela oposição entre uma atração pelos homens e outra pelas mulheres.

Dora era uma moça de dezoito anos, que tinha um único irmão, um ano e meio mais velho, o qual toma para si como modelo a ser seguido. Na juventude o convívio com o irmão é reduzido como consequência dos conflitos familiares, e quando o rapaz era solicitado a fazer parte do contexto familiar, saía em defesa da mãe. Assim, a atração sexual aproximará pai e filha, de um lado, e mãe e filho, de outro.

A analisanda de Freud repete na clínica a relação originária, apesar do lugar da mãe ainda não estar delineado nesse momento da teoria freudiana, poderia pensar o lugar da relação com a mãe como objeto amoroso, o que Freud (1905-1901 [2006]) só veio perceber após ela ter abandonado as sessões. Tal percepção é mencionada em uma nota de rodapé que ele acrescentou em 1923:

Quanto mais me vou afastando no tempo do término dessa análise, mais provável me parece que meu erro técnico tenha consistido na seguinte omissão: deixei de

descobrir a tempo e de comunicar à doente que a moção amorosa homossexual (ginecofílica) pela Sr<sup>a</sup> K. era a mais forte das correntes inconscientes de sua vida anímica. Eu devia ter conjecturado que nenhuma outra pessoa poderia ser a fonte principal dos conhecimentos de Dora sobre coisas sexuais senão a Sr<sup>a</sup> K. [...] Eu deveria ter tratado de decifrar esse enigma e buscado motivo desse estranho recalcamto. [...] Antes de reconhecer a importância das correntes homossexuais nos psiconeuróticos, fiquei muitas vezes atrapalhado ou completamente desorientado no tratamento de certos casos (FREUD, 1905-1901 [2006], p. 114).

A interpretação de Freud (1905-1901 [2006]) referente ao caso designa a Dora uma condição em ser - ser desejada – algo que lhe provoca horror ao alojá-la na feminilidade e, assim, impede-a de imaginar um ter. Freud não percebeu, quando ela ainda se encontrava em análise que o que a unia ao Sr. K. não era o amor, mas identificação. Identificação masculina que simboliza sua possível saída do Édipo. Dora identificou-se com o Sr. K., tal como mais tarde veio repetir tal identificação com Freud, sinalizando o comparecimento da repetição (LACAN, 1951 [1998]).

Nesse sentido, é possível observar que a repetição denuncia a existência de um conflito. No Caso Dora, revela um conflito supostamente oriundo da relação com o objeto originário – a mãe.

Freud (1914a [2006]) havia considerado a repetição como inovação que se revela de forma dúbia, de um lado sinaliza a existência de conflitos psíquicos, considerada como uma forma de resistência, por outro lado é um poderoso instrumento terapêutico, ela é o ato pelo qual uma pulsão é presentificada e simultaneamente, o ato pelo qual permanece oculta. O caráter dúbio da repetição é tomado por Freud como aquele que obstaculiza e desvela a repetição do mesmo, a qual ele toma juntamente com outros fenômenos da técnica de análise.

Nessa perspectiva, Garcia-Roza (2003, p.22), enfatiza que a “repetição é o que impede a reminiscência, ela é, ao mesmo tempo, o sinal irrecusável do conflito psíquico; se por um lado é uma forma de resistência, por outro é o mais poderoso dos instrumentos terapêuticos”. Sinalizando, a partir da aparente contradição as duas possibilidades de repetição, uma que auxilia e a outra que dificulta a relação analítica.



A partir do que se revela através da repetição na clínica psicanalítica, Freud (1914a [2006]) observa que os fenômenos da repetição, bem como o da transferência passam a ter um lugar comum na construção teórica no que concernem os desejos inconscientes.

Tal construção fantasiosa pode ser desvelada em análise através da repetição e do fenômeno transferencial, que possibilita emergir, através da relação analista e analisando, lembranças responsáveis pelo surgimento do sintoma. E ainda, a psicanálise autoriza a falar em uma transferência para além do *setting*, presente nas relações sociais como um todo, no entanto, é desse lugar, analista e analisando, que ela possibilita inaugurar a relação analítica.

#### **4.1.2 Transferência e Repetição em Psicanálise**

Na busca por entender o lugar da repetição na teoria psicanalítica, optei por tomá-la a partir da percepção de Freud, segundo a qual, ela é como elo entre passado e presente, um meio de identificar como os objetos se fazem presentes diante do paciente, pela transferência em que o passado se presentifica.

A relação entre a compulsão à repetição, transferência e resistência, é tomada como aporte na compreensão da repetição, na qual a transferência evidencia-se como o caminho para análise, capaz de propiciar que tais acontecimentos possam emergir. No entanto, ela é apenas um fragmento da repetição. E como tal, é capaz de possibilitar o tratamento na clínica ao viabilizar a repetição de protótipos infantis, no qual o analista é tomado pela repetição no lugar de uma imagem representativa.

Logo percebemos que a transferência é, ela própria, apenas um fragmento da repetição e que a repetição é uma transferência do passado esquecido, não apenas para o médico, mas também para todos os outros aspectos da situação atual. Devemos estar preparados para descobrir, portanto, que o paciente se submete à compulsão, à repetição, que agora substitui o impulso a recordar, não apenas em atitude pessoal para com o médico, mas também em cada diferente atividade e relacionamento que podem ocupar sua vida na ocasião (FREUD, 1914a [2006], p. 166).

Neste viés, o despertar de tal interesse possibilitou identificar a importância da transferência na prática clínica como manifestação, e como caso particular da repetição,

principalmente no processo de análise, um elo entre analista e analisando. Nesse sentido, é possível observá-lo na relação entre Freud e sua paciente Dora – mencionada no tópico anterior, no qual a percepção de Freud atravessada pela relação transferencial não permite que no momento da análise ele identifique o lugar que ocupava na relação analista e analisanda.

Nesse sentido, em decorrência da resistência, o analisando repete ou atua a partir do recalçado, ao invés de recordar, repete seu sintoma durante o tratamento, sem tomar consciência do que está a fazer. Dessa forma, Freud (1914a [2006]) lembra que não há uma repetição fiel do que foi recalçado, o de bom ou de ruim que foi experienciado como fundador do trauma, retorna, mas com uma roupagem nova, o que aguça o interesse em saber o que a repetição oculta na transferência.

Garcia-Roza (2003) observa a aproximação entre os dois conceitos e enfatiza a importância da repetição para a psicanálise, no que concerne à clínica. Porém, considerando a transferência como meio de identificar a repetição, é possível entender que o processo de análise psicanalítica se inicia quando ocorre a repetição com o analista. No entanto, apesar da transferência e da repetição acontecerem fora do contexto da análise, não desvelam esse passado, não funcionam como instrumentos terapêuticos e não promovem a cura.

O passado é desvelado quando ocorre a repetição em análise, na relação transferencial. Essa relação possibilitou Freud (1914a [2006]) a identificá-la como recurso psicoterapêutico capaz de fazer vincular afeto sem representações. O paciente repete a dor no sentido de superá-la. Nesse sentido a transferência e a repetição se diferenciam. Ao invés de o paciente reinventar a experiência traumática, é possível reinventar alternativas, outros caminhos que lhe permitam ressignificar a vivência traumática. Ou seja, é no contexto da clínica, em análise, que é possível desvelar e ressignificar o trauma, algo vivido com um novo significado da experiência originária.

Diante do que foi visto nos excertos da primeira tópica, observo que Freud considerou até aqui que a repetição estava ligada ao campo da transferência como resistência, em que o recalçado é inviabilizado de acessar a consciência. Portanto, a partir do texto *Além do princípio de prazer*, Freud (1920 [2006]) toma a repetição através da força pulsional, sendo uma compulsão à repetição. E como tal passa a ocupar outro lugar na teoria freudiana, possibilitando uma discussão sobre os conceitos de pulsão.

## 4.2 Segunda Tópica – Repetição e Compulsão à Repetição

Como observamos até aqui, a primeira tópica freudiana se guiava pela tentativa de homeostase, constância do aparelho psíquico, entretanto, Freud depara com situações que revelam resistências em análise, sintomas que persistem e que o mobiliza para a construção da segunda tópica, momento em que se vê obrigado a estudar o caos devido à falta de controle do aparelho psíquico.

Diante do que é desvelado observa que tal aparelho não é regido apenas pelo princípio de prazer. O início da segunda tópica da teoria freudiana é marcado pelo artigo *Além do princípio de prazer* (FREUD, 1920 [2006]) que remete ao caráter compulsivo da repetição, como manifestação da pulsão de morte, aos afetos sem representação e a função do aparelho psíquico no processo de ligação.

Freud (1920 [2006]) evidencia que o caos pela pulsão dispersa foge ao controle do aparelho psíquico. Nesse momento de sua construção teórica ele observou que não era mais a resistência que determinava a repetição ao impedir o retorno do recalcado, mas sim através do caráter compulsivo como uma expressão da pulsão de morte. Observou que o excesso de excitação, por não ter representação, causa transtornos consideráveis no funcionamento psíquico.

Através da clínica Freud (1920 [2006]) percebeu que muitas experiências às quais o sujeito recorre não são acompanhadas pelo prazer ou o remete a ele, mas a situações que o referenda dor. No reencontro com suas marcas vivenciais, o sujeito repete no sofrimento.

A partir de então, identificou que o princípio de prazer, até então era considerado regente do aparelho psíquico, dá lugar ao princípio de realidade, o qual ao ser desenvolvido acaba afastando o sujeito da tenra infância. No princípio de realidade o sujeito vivencia o desprazer na expectativa do prazer que virá.

Nesse sentido, Freud (1920 [2006]) discorre sobre a dualidade dos princípios, bem como das pulsões almejando edificar o aporte que desvela o funcionamento psíquico.

Ao versar sobre a dualidade dos dois princípios, busquei inserir no diálogo da segunda tópica, contribuições de contemporâneos como Garcia-Roza que elucida tal compreensão,

nesse sentido, optei por recorrer às contribuições de Garcia-Roza (2003) a partir de um exemplo de percepção visual, o da ambiguidade “figura-fundo de E. Rubin: a taça e os dois perfis.” (p. 67), para pensar o caráter ambíguo entre as pulsões. No exemplo referendado ele aborda essa temática em que pulsão sexual e pulsão morte, de ordem e acaso presentificam-se como contrários complementares e “não como duas realidades ontologicamente distintas” e independentes, mas de uma única realidade que se apresenta de dois modos (GARCIA-ROZA, 2003, p. 68).

Recorrendo às contribuições freudianas e com a ilustração acima referendada, foi possível perceber que as pulsões inexistem separadamente. Dito de outra forma, para que uma sobressaia faz-se necessário que a outra permaneça como fundo, o que ocorrerá reciprocamente.

Até esse momento (segunda tópica), o princípio do prazer era considerado como regulador dos eventos mentais, com seu início a partir de uma tensão desagradável, que caminha para redução da mesma, na busca de evitar o desprazer. A dominância deste princípio encontrou sustentação no fato do aparelho mental buscar a quantidade de excitação baixa ou pelo menos constante. Freud (1920 [2006], p.19), considerava que o “princípio de prazer decorre do princípio de constância” da presença equiparada, nivelada entre prazer e desprazer.

No entanto, acreditando em tal regência, Freud depara-se com um importante questionamento: se os eventos mentais são regidos pelo princípio de prazer, o que leva o sujeito a repetir uma situação de dor como é notório nas neuroses de guerra?

É a partir da prática clínica que emerge sua percepção de que muitas das situações que o sujeito recorre não levam ao prazer, demonstrando assim que o aparelho psíquico não se direciona apenas pelo princípio do prazer.

Com base nesta percepção Freud (1920 [2006]) evidencia que há algo mais primitivo e mais elementar que esse princípio, é justamente esse algo mais, *além* que ele irá perseguir.

Na busca por ir *além*, observou que:

Sob a influência dos instintos<sup>13</sup> de autopreservação do ego, o princípio de prazer é substituído pelo *princípio de realidade*. Esse último princípio não abandona a

---

<sup>13</sup> Citação direta da edição Standart na qual o tradutor usa o termo instinto ao invés de pulsão.

intenção de fundamentalmente obter prazer; não obstante, exige e efetua o adiamento da satisfação, o abandono de uma série de possibilidades de obtê-la, e a tolerância temporária do desprazer como uma etapa no longo e indireto caminho para o prazer (Freud, 1920 [2006], p. 20).

Não há uma recusa do princípio de prazer, na verdade o que ocorre é uma tolerância ao desprazer, e um adiamento do prazer. No entanto, essa substituição não se caracteriza como a maior responsável pelas experiências desagradáveis, dito de outra forma, aqui o desprazer é suportado em função do prazer sustentável que supostamente virá. Esse processo de transformação de princípio de prazer em princípio de realidade funciona como fortalecedor do aparelho psíquico, com foco na preservação do sujeito, em que o princípio de realidade serve ao princípio de prazer (FREUD, 1920 [2006]).

Em outro momento, Freud (1920 [2006]) observa que não só há uma tolerância ao desprazer, bem como as experiências desagradáveis podem ser responsabilizadas pela função da repressão como transformadora de uma hipótese de prazer em fonte de desprazer, e que, essa fonte se volta para a característica neurótica do desprazer, quando se refere ao prazer que não pode ser vivido como tal. Todavia essas são apenas algumas fontes de desprazer, é possível observar a existência de outras fontes originárias da pressão das pulsões insatisfeitas, tais como o perigo, o susto, o medo, a ansiedade, enfim a reação mental ao estímulo externo como será visto no decorrer dessa seção.

Freud (1920 [2006]) observa que a vida mental tende, de forma dominante, reduzir, manter ou remover a tensão interna devido aos estímulos. É a partir da brincadeira de criança, do sonho neurótico e da transferência na análise que ele tem elementos para interrogar o desempenho do princípio de prazer. Momento em que ao avaliar que a compulsão à repetição das cenas que não geram prazer denuncia que o funcionamento mental não está todo sob a regência deste princípio.

#### **4.2.1 Repetição em ato**

Entre as significativas contribuições na construção da psicanálise, a investigação dos processos mentais através dos estudos dos sonhos e do brincar de uma criança são significativas na busca de ir *Além do princípio de prazer*. Em outras palavras, é a princípio

com a análise do sonho nas neuroses traumáticas, como em casos de guerra, que Freud (1917 [2006]) volta-se para a repetição manifesta. Mais tarde Freud (1920 [2006]) observou que os sonhos “possuem a característica de repetidamente trazer o paciente de volta à situação de seu acidente, numa situação da qual acorda em outro susto.” (p. 24), acredita estar fixado na ocorrência traumática, por isso a revive. Essa percepção do sonho como repetição de elementos desagradáveis desperta, para ir além, no intuito de entender qual é a função da repetição da dor.

Os estudos dos conteúdos oníricos possibilitou ampliar a compreensão das neuroses traumáticas, bem como a repetição da situação ou mesmo a fixação na experiência desencadeadora do trauma. O sonho como realização de um desejo, dá lugar para a repetição do indesejável, e através dessas experiências autoriza Freud a dizer que a dinâmica psíquica não é regida exclusivamente pelo princípio do prazer, e a partir de então o permitiu ampliar o foco de suas investigações dos processos mentais para as brincadeiras das crianças, o motivo econômico, e ainda, considerando a produção de prazer ali envolvida.

Freud (1920 [2006]) descreveu a brincadeira das crianças, como uma das primeiras atividades normais do funcionamento psíquico. Vendo seu neto brincar procurou entender a partir do desaparecimento e do retorno do carretel, percebeu que, a partida era encenada com muito mais frequência do que o retorno, a criança repete o que há de desagradado na cena. Sua interpretação veio a ser confirmada quando o menino brincava com um carretel de madeira amarrado em um barbante, ele arremessava-o, fazendo desaparecer, enquanto exclamava “da”. Por várias vezes repetia a brincadeira, possibilitando concluir que representava as saídas da mãe.

A partir dessa observação Freud (1920 [2006], p. 27) percebeu que a criança repetia aquilo que tinha lhe impressionado na vida real, “ab-reagem” a amplitude da impressão, assumindo o controle da situação, a criança saía da posição passiva diante da ausência da mãe, e assumia uma posição ativa, ainda que desagradável, tornando-se senhora da situação. Experimenta a produção de prazer provinda de outra fonte, na qual a função do jogo é que a criança muda de posição, ao passar da passividade para a atividade, desloca-se para o lugar daquele que exerce o domínio da situação. Porém, todas as brincadeiras são permeadas pelo “desejo de crescer e poder fazer o que as pessoas crescidas fazem.” (FREUD, 1920 [2006], p. 27) Ou seja, ter a autonomia do adulto.

A criança exercia um duplo movimento de deslocamento “da mãe para o carretel e em seguida, do carretel para a linguagem. Com isso, ela submetia as forças pulsionais às leis do processo secundário e ao mesmo tempo afastava-se, pela linguagem, da vivência real.” (GARCIA-ROZA, 1985, p. 134-135).

Freud averiguou que a criança desempenhava um domínio simbólico, um controle secundário sobre as forças pulsionais, pois não reclamava quando a mãe ia embora, implicando em uma renúncia pulsional, um distanciamento operado pela linguagem. Através do jogo do brincar a criança repete experiências desagradáveis como se tentasse de maneira ativa, dominar uma impressão de desagrado (FREUD, 1920 [2006]).

Ao discorrer sobre as manifestações da compulsão à repetição e de seu caráter pulsional, Freud (1920 [2006]) considera que:

[...] quando atuam em oposição ao princípio de prazer, dão a aparência de alguma força ‘demoníaca’ em ação. No caso da brincadeira, parece que percebemos que as crianças retem experiências desagradáveis pela razão adicional de poderem dominar uma impressão poderosa muito mais completamente de modo ativo do que poderiam fazê-lo simplesmente experimentado-a de modo passivo. Cada nova repetição parece fortalecer a supremacia que buscam (FREUD, 1920 [2006], p. 46).

A criança repete experiência desagradável como se buscasse, de forma desafiadora, dominar uma impressão “em obediência ao princípio de prazer,” (GARCIA-ROZA, 1985, p.135), e ter controle sobre o sentimento de descontentamento transportado para o plano simbólico.

A partir da análise desta observação do brincar seguida da análise das pulsões, Freud (1920 [2006]) considera que a compulsão à repetição quando se orienta pela pulsão e se opõe ao princípio de prazer, assume uma aparência de força ‘demoníaca’, de força avassaladora, que no anseio de dominar a experiência tem-se a impressão de supremacia, de ser capaz de contê-la. Ou seja, a pulsão como essa força orienta a compulsão à repetição almejando dominar o experienciado.

Esse jogo despertou Freud para interpretá-lo como uma manifestação inconsciente, atribuindo outro papel à resistência, que deixa de ser comunicada ao analisando, para ser interpretada. Todavia, tanto a observação do brincar, quanto o fato de comunicar a

interpretação ao paciente, gerando o que denominou de neurose de transferência, não se mostraram suficientemente eficazes ao que Freud buscava.

Por meio do brincar do menino, Freud descreveu a compulsão à repetição como uma das primeiras atividades da vida mental infantil e que também se faz presente nos eventos do tratamento psicanalítico, o que reforça sua natureza pulsional, atuando em oposição ao princípio do prazer (FREUD, 1920 [2006]).

Para Freud (1920 [2006]) os impulsos reprimidos do passado são reexperimentados através da compulsão à repetição no presente durante o tratamento. Chama a atenção para o que se repete, nessa perspectiva, as experiências do passado são vivenciadas no presente sob a forma de uma ferida narcísica. Entretanto, experiências desagradáveis da infância referente ao laço de afeição concernente ao genitor do sexo oposto “poder-se-ia supor que causariam menos desprazer hoje se emergissem como lembranças ou sonhos, em vez de assumirem a forma de experiências novas.” (FREUD, 1920 [2006], p.32). Aquilo que é vivido na infância primitiva influencia ou mesmo determina o que é vivido quando adulto, em uma tendência a perpetuar um comportamento, mesmo que desagradável, ou referente a uma fatalidade.

A partir dessa observação Freud (1920 [2006], p.34), acrescenta “Resta inexplicado o bastante para justificar a hipótese e uma compulsão à repetição, algo que parece mais primitivo, mais elementar e mais instintual do que o princípio de prazer que ela denomina”. Em outras palavras, a função do aparelho mental pode ser mais primitiva do que o intuito de obter prazer e evitar o desprazer.

É através da possibilidade da análise do fenômeno da compulsão à repetição, de entender o processo de origem inconsciente pelo qual o sujeito se coloca em situação árdua, e repete experiências antigas, sem sequer saber que está repetindo, que Freud observa o caráter pulsional de um princípio que opera na vida psíquica antes da vigência do princípio de prazer, ou seja, a pulsão de morte. Na qual, por meio da energia pulsional almeja-se a compreensão desse fenômeno.

Nesse sentido, por intermédio da clínica da transferência e da repetição é possível vislumbrar que a compulsão à repetição emerge do conflito entre o eu contra o próprio eu, ou seja, experienciar algo que gera o sofrimento e persistir na repetição daquilo que o sujeito não quer e que decorre do excesso pulsional não assimilado, desligado.



É a partir desse excesso pulsional, da catexia não assimilada que flui livremente e pressiona no sentido da descarga, que se caracteriza o caráter compulsivo da repetição, considerando esta como uma característica da própria pulsão.

Para Freud (1920 [2006]) a compulsão é gerada pelo déficit compreendido entre o que a pulsão objetiva e o que é conseguido, como consequência há uma insatisfação pulsional, a saída é a ligação da excitação desligada, limitando ou impedindo o livre escoamento de energia. O avanço desse processo provoca a inconsistência dos atos repetitivos, desfazendo-se o caráter de compulsividade. É por intermédio do aparelho psíquico que a energia livre se converte em energia ligada no sentido de resignificar a experiência traumática no processo de perlaboração.

Assim, recorri ao aporte que versa sobre a proveniência dessa energia desligada, e o que demanda a ausência de ligação. O repetir compulsivamente como uma tentativa de descarregar o excesso de energia desligada, que pode ser tomada como proteção à estrutura psíquica possível de ser trabalhada na clínica.

Ao analisar as pulsões, Freud (1915a [2006]) observa que ela “[...] nos aparecerá como sendo um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático como representante psíquico dos estímulos que se origina dentro do organismo e alcança a mente” (FREUD, 1915a [2006], p. 127). Nesse sentido, afirma ser um conceito fronteiro, situado entre o psíquico e o somático, sua fonte é oriunda do corpo e alcança a mente através de seus representantes psíquicos – ideia, afeto, o que caracteriza sua função de ligá-los.

É Freud quem codifica, organiza e constitui essa teoria que assinala uma realidade de um modo de falar já existente antes dele, em outras palavras, já se falava sobre as pulsões, mas não havia uma construção, uma organização sistemática a qual pudesse referendá-la. Freud (1915b [2006]) versa primeiramente sobre as pulsões parciais, que só será possível diferenciar, após o investimento objetal. De natureza somática, a pulsão “diz respeito às relações corpo e o mundo dos objetos, ou mais precisamente entre o corpo e a linguagem.” (GARCIA-ROZA, 2003, p. 112).

Ao discorrer sobre pulsão, Freud (1920 [2006]) considera o fato de a estrutura psíquica encontrar-se sem qualquer proteção contra as excitações internas, ou seja, não há uma energia capaz de atuar nessa função. Tais excitações são identificadas como as pulsões do organismo,

nas quais, considera-se que os impulsos provêm das pulsões e que pertencem a processos livres, móveis e que almejam a descarga, entendida como a busca pelo equilíbrio.

Dessa forma, há uma regressão no comportamento do sujeito em análise, o que o remete aos modos infantis de suas experiências primitivas. Freud (1920 [2006], p. 47), enfatiza que a pulsão parece ser “um impulso inerente à vida orgânica, a restaurar um estado anterior de coisas.” Considera-se que há uma contradição, essas pulsões “[...] estão fadadas a dar uma aparência enganadora de serem forças tendentes à mudança e ao progresso, ao passo que, de fato, estão apenas buscando alcançar um antigo objetivo por caminhos tanto velhos quanto novos.” (FREUD, 1920 [2006], p.49). Nessa perspectiva, averigua-se que inicialmente é inovadora, uma força que impele à mudança, entretanto, faz um movimento no sentido de apresentar sua natureza conservadora de conteúdo vivo. Dessa forma, sinaliza algo inovador, com um objetivo novo, como se referisse a uma força que impele à mudança, no entanto, sua natureza é essencialmente conservadora “o que ela tende a repetir é o mesmo, o mais arcaico, o estado inicial do qual o ser vivo se afastou por decorrência de fatores externos” (GARCIA-ROZA, 1985, p. 136).

Diante da natureza conservadora da pulsão, recorremos, primeiramente, a distinção entre as pulsões, as limitações da pulsão sexual e do caráter pulsional que possibilita postular à pulsão de morte. A aparente distinção entre ambas é possível considerando o caráter anárquico da primeira, ruidosa, enquanto a segunda é silenciosa, conservadora, caracteriza-se pela resistência à mudança, repete o estado inicial, o inorgânico, na busca por resgatar o equilíbrio perdido, considerando a vida como perturbadora desse (FREUD, 1920).

Garcia-Roza (2003) versa sobre o mito da Grécia antiga, a história do começo da ordem primeira como efeito do caos, fala de uma organização a partir do caos original, de um modelo, através do qual o homem arcaico e primitivo repete, e a repetição possibilita o sentido de verdade dos fatos. No caos há a predominância de energia livre que corresponde ao domínio da pulsão de morte, considerado um estado de ausência de ordem.

O início da vida mental é tomado como caminho possível que permite ampliar essa discussão, momento em que a luta pelo prazer era mais intensa. No entanto, Freud (1920 [2006]) percebe que o que causa o desprazer está igualmente presente no processo primário, bem como no secundário.

Freud (1920 [2006]) considera que a vida é uma tentativa de retorno ao passado, ao estado original inorgânico, ao estado do qual afastou, mas esforça-se por retornar. O que permitiu afirmar que no interior do ser há um movimento em direção à vida, uma espécie de ânsia em querer voltar ao momento da imobilidade, uma tentativa de regresso ao estado original. O retorno ao inanimado é inerente ao ser vivo, “Se tomarmos como verdade que não conhecemos exceção o fato de tudo o que vive morrer por razões internas, tornar-se mais uma vez inorgânico, seremos compelidos a dizer que o ‘*objetivo de toda a vida é a morte*’[...]” (FREUD, 1920 [2006], p.49).

Para Freud (1920 [2006]) a pulsão de morte deve ser entendida como uma tendência ao inorgânico, como redução completa da tensão, um retorno da substância viva à inanimada. O caráter compulsivo repetitivo da pulsão desvela a busca por um momento anterior, um retorno à redução completa de tensão, o nirvana.

#### **4.2.2 Pulsão de Morte e o Par de Opostos Sadismo Masoquismo**

Ao conceito de pulsão de morte é reservado importante espaço no constructo da teoria da psicanálise, será considerada sua função em seu caráter conservador e desestabilizador na constituição do aparelho psíquico, uma tentativa de retorno ao estado de equilíbrio original, a constância por um lado, por outro desestabiliza a ordem natural. Tal conceito deve ser pensado como aquele que alimenta uma busca permanente, um retorno à redução completa da tensão, à busca pela satisfação, possível através da descarga de energia acumulada, que é experienciada em forma de uma satisfação alucinatória.

Considerando pulsão de morte conceituada como a disjuntora, como aquela que disjunta os esquemas corporais inatos, interrompe que a corrente circule livremente, ela desmancha a ordem em relação ao natural, sendo tomada como produtora de novos esquemas perversos. Ou seja, a pulsão de morte ao dismantelar o natural possibilita a constituição da ordem.

Nesse sentido, podemos nos referendar a pulsão de morte como aquela que ao separar e constituir o objeto, ganha status de positividade ao ser considerada como princípio de constituição, ao atuar na construção do sujeito e na estruturação da psique humana.

O caráter de positividade da pulsão de morte, não deve ser confundido com a hipótese metafísica da tendência ao inorgânico, característica comum a todo ser vivo. Esta pulsão não deve ser apreendida como um impulso para morrer, é fato, e Freud (1920 [2006]) afirma que todo ser vivo morre um dia. No entanto, ao versar sobre essa pulsão, é de um conceito explicativo da hipótese metapsicológica que ele nos fala, enquanto tal, esse conceito encontra-se ligado à pulsão sexual.

Esta ligação encontra sustentação na própria definição do conceito de pulsão de morte entrelaçado com a pulsão de vida, enquanto o primeiro almeja retornar ao estado inorgânico o esforço do segundo é que esse objetivo se cumpra de maneira natural “O que nos resta é o fato de que o organismo deseja morrer apenas do seu próprio modo.” (FREUD 1920 [2006], p. 50). O que Garcia-Roza complementa – “o objetivo da pulsão de vida não é evitar que a morte ocorra, mas evitar que a morte ocorra de uma forma não natural. Ela é a reguladora do caminho para a morte.” (GARCIA-ROZA, 1985, p. 137).

Freud (1920 [2006]) ao explicar a construção dessa visão dualística entre os conceitos da vida instintual pulsão de vida e pulsão de morte, os quais estão em constantes atividades contrárias de construção e destruição, concebe a morte como o propósito da vida ao passo que a pulsão sexual é a presentificação da vontade de viver. A pulsão de vida representa o esforço do organismo para que seu objetivo se realize, age no sentido de garantir a sua preservação.

E ainda, considerando a pulsão de vida na sua amplitude, na perspectiva da autoconservação e da pulsão sexual, Freud (1920 [2005]) desperta a observar que o dualismo pulsional permanece mesmo sendo a pulsão de vida também conservadora. Dessa forma, “enquanto pulsão de autoconservação, a pulsão de vida é a manutenção do caminho para a morte, mas enquanto pulsão sexual ela garante, por meio do sêmen germinativo, a imortalidade do ser vivo.” (GARCIA-ROZA, 1985, p. 137). Ao referendar a pulsão de vida na perspectiva da autoconservação somada à pulsão de morte, é possível averiguar que ambas almejam, por caminhos distintos, a morte.

Nesse sentido, Garcia-Roza (2003), coloca-se de forma diferente da concepção freudiana ao conceber que;

[...] nenhuma pulsão seria, em si mesma, pulsão de vida ou pulsão de morte, mas que esta distinção resultaria de organização do campo pulsional. Ao ser submetida ao simbólico e portanto sofrer o recalque originário, a pulsão se constituiria como

pulsão sexual através de máscaras ou disfarces. Admitindo-se que o sexual, enquanto humano, só se dá pelas máscaras, (GARCIA-ROZA, 2003, p. 55).

Ou seja, em um primeiro momento fala-se em pulsão, e só após a submissão ao simbólico, o recalque originário, é que somos autorizados a falar em pulsão sexual. Nesse sentido, o que distingue pulsão de morte de pulsão sexual é o investimento, é enquanto investida em um objeto que a pulsão se organiza como sexual ou não.

Nessa perspectiva, Garcia-Roza (2003) desperta a pensar ordem e acaso de maneira análoga, a oposição entre pulsão sexual e pulsão de morte como duas realidades interdependentes, em que a partir do investimento é que será possível identificar o caráter de figura e fundo. O que temos são diferentes modos de se organizar quanto à disposição ‘figura e fundo’. São dois destinos que coexistem simultaneamente, os quais, apesar de apresentarem de modo distinto, eles inexistem separadamente.

Pulsão sexual e pulsão de morte constituem um dualismo pulsional que no construto Freudiano desvela-se atravessado pelo par de opostos sadismo-masiquismo. Inicialmente entendido por Freud (1915a [2006]) como sendo o sadismo original e o masiquismo percebido como o sadismo voltado para o próprio eu. No entanto, mais tarde Freud (1924 [2006], p. 181) percebeu que além do sadismo ou pulsão de agressividade que em determinado momento foi projetado para fora e depois introjetado, caracterizando o que denominou de masiquismo secundário, considera também a possibilidade de um “masiquismo original”, a essa possibilidade retornaremos mais à frente.

Para Freud (1923 [2006]) todo sujeito é antes de tudo masiquista por necessitar experimentar a dor, uma criança quando bate na outra, se ainda não vivenciou tal experiência, não tem a dimensão da mesma, é necessário que antes ela a vivencie para depois ter como dimensioná-la. Por outro lado, para vivenciar a dor deve ter uma característica sádica para conseguir provocar a dor.

Retomamos o dualismo pulsional para pensarmos a pulsão de morte, diferenciando-a da pulsão de vida e considerando sua diversidade de expressão, em que uma dentre essas expressões é a destrutividade. Para Freud (1915[2006]) é a destrutividade que caracteriza o par de opostos sadismo-masiquismo, em que, segundo Freud (1923 [2006]) o sadismo é o representante da pulsão de morte:

[...] cuja tarefa é conduzir a vida orgânica de volta ao estado inanimado; por outro lado, imaginamos que Eros, por ocasionar uma combinação de consequências cada vez mais amplas das partículas em que a substância viva se acha dispersas, visa a complicar a vida e, ao mesmo tempo naturalmente, preservá-la (FREUD, 1923 [2006], p. 53).

Freud (1923 [2006], p. 53) considera que ambas as pulsões sejam conservadoras, tomando como base seu movimento “esforço para restabelecer em estado de coisas que foi perturbado pelo surgimento da vida. O surgimento da vida seria então, a causa da continuação da vida e também, ao mesmo tempo, do esforço no sentido da morte”.

Considerando as duas classes das pulsões, Freud (1924 [2006]) versa sobre, o que denominou de outra derivação do masoquismo, que não contraria a definição anterior, mas que fala do masoquismo de outro lugar. Ou seja, ao considerar que a libido enfrenta a pulsão de morte, percebe-a como aquela que:

[...] tem a missão de tornar inócuo o instinto destruidor e a realiza desviando esse instinto, em grande parte, para fora – e em breve com o auxílio de um sistema orgânico especial, o aparelho muscular – no sentido de objetos do mundo externo. O instinto é então chamado de instinto destrutivo, instinto de domínio ou de poder. Uma parte do instinto é colocada diretamente a serviço da função sexual, onde tem um papel importante a desempenhar. Outra porção não compartilha dessa transposição para fora; permanece dentro do organismo e, com o auxílio da excitação sexual [...] lá fica libidinalmente presa. É nessa porção que temos de identificar o masoquismo original (FREUD, 1924 [2006], p. 181).

É como se por meio da libido a pulsão de morte abrandasse, há uma fusão, mistura das duas pulsões de forma que torna inviável, ou impossível, lidar com pulsão de vida desvencilhada da pulsão de morte, mas apenas juntas, amalgamadas. O dualismo pulsional desvela-se na cumplicidade mencionada na ‘figura e fundo’, com o auxílio de uma possibilita o emergir da outra.

Nesse sentido Freud (1924 [2006]) identifica que no organismo o:

[...] sadismo primário - é idêntico ao masoquismo. Após sua parte principal ter sido transposta para fora, para os objetos, dentro resta como um resíduo seu masoquismo erógeno propriamente dito que, por um lado, se tornou componente da libido e, por outro, ainda tem o eu (self) como seu objeto (FREUD, 1924 [2006], p. 182).

Sob o domínio da pulsão de vida, parte da destrutividade é lançada para fora, almeja a satisfação ao livrar-se de tal parte. O organismo através da musculatura expulsa elementos da destrutividade, por outro lado, ou simultaneamente, a outra parte que não foi arremessada para fora, permanece no interior do organismo, como um resíduo, como resquícios da agressividade. É justamente esse resíduo que vai constituir o masoquismo original.

Para Freud (1924 [2006]) em ambas as pulsões considera-se a existência “de um relacionamento entre ego e o superego [...] o que está envolvido é uma necessidade que é satisfeita pela punição e pelo sofrimento” (p. 186).

Primeiramente, em *O Ego e o Id*, Freud (1923 [2006]) versa sobre a ideia de uma fusão entre as duas pulsões, bem como sobre a possibilidade de uma defusão. Avalia, nesse momento, que “o componente sádico do instinto sexual o exemplo clássico de uma fusão instintual útil; e o sadismo que se tornou independente como perversão seria típico de uma defusão,” (p. 54). A partir do qual Freud (1923 [2006]) percebe a pulsão de destruição a serviço do Eros, almeja a descarga pulsional da agressividade para satisfazer à pulsão sexual.

Em *O Problema Econômico do Masoquismo* Freud (1924 [2006]) retorna a essa ideia de fusão e defusão, fala sobre o amálgama das pulsões, o que ocorre de forma variada, em que fusão conceituaria um grau mais elevado da mistura entre as pulsões, enquanto, a defusão caracterizaria um funcionamento quase que separado das duas.

A fusão entre as pulsões pode ser percebida através do que Freud (1924 [2006]) denominou de masoquismo moral. No entanto, o risco, a delicadeza de tal situação é que o masoquismo moral origina-se na pulsão de morte, faz menção àquela parte da pulsão que escapou de voltar-se para fora, de ser expulsa como pulsão de destrutividade. “No entanto, de vez que, por outro lado, ele tem a significação de um componente erótico, a própria destruição de si mesmo pelo indivíduo não pode se realizar sem uma satisfação libidinal.” (FREUD, 1924 [2006], p. 188).

Assim, observamos que a pulsão de vida, movida pela autoconservação, expulsa parte da destrutividade, os resquícios que permanecem, aquela parte que escapou de voltar-se para fora é responsabilizada à pulsão de morte, responsável pelo surgimento do masoquismo que só é possível pela satisfação libidinal.

A repetição em ato é referendada pelo seu caráter dúbio, como aquela que revela e sinaliza a existência de um conflito e simultaneamente o esconde. E ainda, pensar a compulsão à repetição imbricada nesse contexto como uma tentativa de descarregar o excesso pulsional, o domínio das pulsões que se comungam e defere dado o investimento que lhe é feito, ora em conservar o equilíbrio desfeito com o surgimento da vida, ora como caminho para morte.

Logo imbricada por essas questões na seção seguinte disponho dialogar sobre os dados coletados em análise perpassada pelo aporte teórico, anteriormente apresentado, na busca por acolher as inquietações que me despertaram e propiciaram que o presente trabalho acontecesse.

#### **4.2.3 Escolhas Amorosas**

Diante do que foi até então trabalhado referendado no aporte psicanalítico freudolacaniano, foi possível perceber que o sujeito revive situações experienciadas no primeiro encontro amoroso, que perpassa os demais encontros nos quais o sentimento pela mãe, relação primeva se repete. Dessa forma, ele repete outros encontros que vieram depois desse, bem como o sentimento pela mãe com quem vivenciou o primeiro encontro, e ainda, com este repete os que ele nem viveu, são os registros do vivido pela mãe que perpassa a relação com o filho.

Nas palavras de Freud “[...] para a criança, a amamentação no seio materno torna-se modelar para todos os relacionamentos amorosos” (FREUD, 1905 [2006], p. 210). Garcia-Roza (2003), considera que a mãe surge do lugar de uma transição entre as gerações, mãe e filho, o que autoriza dizer que as experiências já iniciam entrelaçadas a outras, vivenciada pelo outro, por culturas e gerações anteriores.

Nessa perspectiva, a relação dialógica entre prazer-desprazer desperta-me a percepção da estrutura originária da experiência humana que tem na repetição a tentativa de reencontrar o objeto perdido. Para Freud (1905 [2006], p.210) “O encontro do objeto é, na verdade, um reencontro”, no entanto, o reencontro jamais ocorrerá de forma plenamente satisfatória, pois o



objeto que se apresenta coincide apenas parcialmente com o original que proporcionou a satisfação. O que desvela a busca sem fim pelo objeto que caracteriza o desejo.

Segundo Garcia-Roza (2003), a psicanálise versa sobre a compulsão à repetição e a ligação de Eros, que sem dúvida é marcado pela repetição, com um passado reencontrado, no qual repetimos o encontro amoroso que na sua essência, já se faz nas máscaras.

Assim, como o primeiro encontro amoroso é já uma repetição, repetição de encontros amorosos que não foram vividos por nós, os demais são também repetições. [...] O que já vimos, porém, é que essa repetição jamais é desnuda, ela não aponta para um primeiro termo, mas está irremediavelmente constituída pelo jogo interminável das máscaras (GARCIA-ROZA, 2003, p.51).

Diante da percepção de que o sujeito repete para além do prazer, e que a repetição desvela-se através de uma compulsão à repetição de uma força demoníaca, disponho pensar essas questões, considerando a repetição na perspectiva de busca pelo objeto perdido. O sujeito repete numa busca sem fim, almejando um encontro ou um reencontro com seu objeto.

## 5 INTRODUÇÃO DOS CASOS

Os excertos aqui apresentados resultam de dois anos de psicoterapia de orientação psicanalítica. Para cada uma das pacientes em análise foi delineado um construto de ideias baseado em pontos importantes por elas verbalizados no *setting* terapêutico. Tais pontos trouxeram para este cenário a vida de três mulheres que se dispuseram a participar do processo psicoterápico, como um caminho possível para lidar com a demanda da devastação entrelaçada aos vínculos de afetividade, motivadas primeiramente pela relação conjugal violenta.

Nesta direção, minhas percepções, inferências e devolutivas diante das falas, lapsos, sentimentos e silenciar de cada paciente, fizeram-se presente como parte do processo de tratamento, e também, para inserir o leitor no contexto desta cena.

Os nomes que aparecem ao longo do texto que se segue são todos fictícios, no que concerne ao das pacientes, cada um foi cuidadosamente escolhido a partir do enredo de filmes que desvelam uma similaridade com os papéis e o que é vivenciado por cada uma delas em suas relações afetivas conflitivas.

O filme *A Professora de Piano* de Michael Haneke, traz cenas que contam de relações devastadoras entre a filha com a mãe. Érica, a protagonista de Haneke, tem sua vida controlada pela mãe, a qual não dá espaço a sua subjetividade. O amor pela mãe a deixa a mercê do gozo materno em que não há o encontro com o pai, sua fuga se configura na busca pela satisfação sexual o que caracteriza uma sexualidade erotomáica, perversa (ROSA, 2012). A personagem, num primeiro momento não se vincula ao outro, limita-se à relação

com a mãe permeada por suas fugas, no entanto, quando conhece Walter, repetem nessa relação o assujeitamento ao gozo do outro, na qual o autor propõe contar de um amor e de um gozo sem limite. Érica vivencia um conflito com a mãe, que repete na relação amorosa, trata-se de um vínculo devastador com um traço nessas relações. A Érica presente nesse estudo protagoniza cenas que assemelham as da obra de Haneke, num primeiro momento, assujeita-se ao desejo materno quando se casa contra sua vontade, e mais tarde repete a característica devastadora de vincular-se, de assujeitar-se ao desejo do outro, primeiramente é controlada pela mãe, quando adulta submete-se ao controle das filhas que diz sobre suas escolhas amorosas. Como fuga, refugia-se na satisfação sexual em relações devastadoras.

O segundo caso que compõe o presente estudo é o de Sara, o qual se assemelha ao do enredo do filme *Dormindo com o inimigo*, cujo diretor Rubin, baseado na obra de Nancy Price, apresenta Sara, sua personagem principal, que vivencia uma conturbada relação na companhia do marido, e mesmo quando tenta fugir, simulando sua morte, deixa sinais, dos quais, após um tempo, ele se apropria para que possa encontrá-la, como se inconscientemente houvesse um autoboicote concernente a ela. O temor e as ameaças por ela vivenciadas, diante das torturas que ele a submete, denuncia seu jeito de ser mulher assujeitada ao outro como um sintoma da neurose do outro. Sara presente nesse trabalho revela a mulher assujeitada ao desejo do outro, que lembra Freud (1920 [2006]) ao considerar que o que é prazer para uma instância, pode ser desprazer para outra. Ao mesmo tempo em que ela teme o marido, deixa sinalizado o caminho de fuga como a protagonista acima mencionada, no entanto, difere-se desta quanto a eficácia de seus investimentos de fuga, dentre tantos, em todos ela recua, frustra-se.

Eva protagoniza *Sonata de outono* de Bergman. No filme o autor revela a conturbada relação entre mãe e filha, marcada pela impossibilidade do amor. No *Sonata de Outono* de Bergman, assiste-se a uma queda dos semblantes na qual um real insuportável ganha consistência. Onde o semblante fracassa, surge a devastação. Eva, assim como no filme, aqui dá vida à cenas diversas dessa conturbada relação mãe e filha, do fracasso da metáfora paterna e da relação devastadora que surge como sinônimo desse fracasso, exemplificando um vínculo devastador entre mãe e filha.

Ricas histórias desvelam a devastação como uma forma de vincular-se ao outro, em que ficção e realidade se assemelham, misturam-se, despertando um olhar do quão próximo são esses enredos e o quanto eles são similares e tem a desvelar. Os três filmes aqui

referendados, bem como os três casos do presente estudo contam sobre relações afetivas conflituosas.

Para o sigilo de cada caso, foram alteradas e suprimidas outras informações que pudessem vir a identificá-las. Elas apresentam características em comum, o fato de terem suas relações marcadas por vínculos devastadores, de assumirem postura de assujeitamento diante do outro, e tomarem essa particularidade como discurso predominante durante o processo psicoterápico.

Dentro da singularidade de cada paciente foi organizado um encadeamento de ideias em uma lógica atemporal, de acordo com a evolução de cada caso, a partir de excertos extraídos das sessões. O discurso das pacientes virá destacado em *itálico* em uma dialética com o aporte teórico e o tema aqui apresentado. Portanto, almejo aqui compartilhar fragmentos da história de vida dessas mulheres que vislumbram hipóteses sobre o seu funcionamento psíquico diante da repetição de relações amorosas entrelaçadas pela devastação.

Ao resgatar os apontamentos teóricos a respeito da devastação, repetição e pulsão de morte elaborados na construção teórica previamente apresentada, faz-se possível discorrer sobre a história de vida e condição presente de mulheres que se vinculam de forma devastadoras em suas relações.

## ÉRICA

### 5.1 A Devastação e Repetição

No ano de 2007, Érica recorreu ao CAM, na busca por suporte jurídico e psíquico como caminho para o enfrentamento à situação de violência que estava vivenciando. Encontrava-se no segundo casamento, o qual pretendia encerrar. Para tanto, a partir do atendimento jurídico solicitou todas as ferramentas que o Estado disponibilizava no que concerne à Lei 11.340. Permaneceu por quatro meses em acompanhamento psicoterápico, encerrado de acordo com sua demanda no momento.

Ao ter a demanda atendida, Érica desligou-se da instituição. Nesse período percebi que a mesma havia repetido por duas vezes, a forma devastadora de vincular-se a relação amorosa, no entanto, o que almejava e fez, foi romper com tal relacionamento, assim como havia feito em seu primeiro relacionamento.

Em 2011, há dois anos, por força da Justiça, Érica retornou ao CAM, o encaminhamento foi primeiramente ao suporte jurídico. Proveniente da delegacia portava um Boletim de Ocorrência Policial (B. O.) no qual constava, de forma detalhada, o episódio de Violência que havia vivenciado. Após atendimento jurídico, Érica recorreu ao atendimento psicoterápico. Como já nos conhecíamos, caminha em minha direção dizendo: *Olha eu aqui de novo, quem diria! Só que agora o marido é outro, e muito mais violento que aquele.* Estava no quarto casamento.

Percebo certo desconforto em seu comentário, desconcertada por estar revivendo algo desagradável e com maior intensidade. Conduzi-a até o *setting* terapêutico, estava visivelmente abatida, chorava muito, quase não conseguiu verbalizar, suas colocações

referiam-se especificamente ao acontecido, repetia durante toda a sessão o questionamento, *por que ele fez isso?*

Nessa sessão limitei-me a ouvi-la com seu discurso que repetia diante do “inesperado”, indignada e chorosa, retomava, por diversas vezes, o questionamento acima referendado. Já na segunda sessão relatou de forma detalhada o que havia vivenciado com seu quarto marido.

Érica é uma mulher de 53 anos, com vários outros envolvimento amorosos, que aconteceram paralelos ou após cada união, reincidindo uma maneira peculiar de relacionar-se permeada pela violência, o assujeitamento e o conflito diante de tais situações.

É a quarta filha entre os nove irmãos. Aos 13 anos casou-se com um homem dez anos mais velho, conta que sua primeira experiência sexual, aconteceu na noite após o casamento, ainda na casa de seus pais. Tal experiência foi por ela considerada como *um verdadeiro estupro*, não fazia ideia do que se tratava, apesar das responsabilidades que lhe eram cabíveis, considerava-se uma *menina que brincava descalça pelas ruas*. A mãe e o então marido, afirmavam que era assim mesmo, no dia seguinte não conseguia andar, o que a levou a ser surrada pela mãe, mesmo já estando casada. O irmão um ano mais novo foi quem veio a seu socorro, auxiliando-a com os cuidados e afazeres os quais estava imbuída.

Nesse casamento, que durou vinte e um anos, tiveram quatro filhas. A violência física e silenciada era uma constante, diariamente era surrada pelo marido, ao qual se manteve fiel durante todo tempo. Ainda com duas das filhas em sua companhia, separou-se almejando livrar-se da violência, a figura masculina agora presente em sua vida no papel de genro, serviu-lhe de amparo diante dessa decisão. Porém, hoje compreende que tal situação repetiu-se nos demais envolvimento, muda-se o agressor, o tipo de violência, mas o assujeitamento permanece. *Eu tenho um dedo podre para escolher homem, parece uma sina.*

Mesmo tendo quatro filhas e seis netos, considera-se muito só, queixa-se de que raramente eles vão até ela, mesmo quando necessita, nos períodos em que fica internada, pois, a mesma de forma recorrente adoece com diversos sintomas, toda vez que se encontra em situação que emocionalmente a abala. O que acontece com certa frequência, momento em que sabe não poder contar com a presença, ou companhia dos mesmos.

Vangloria-se de ter a idade que tem e a aparência de pelo menos uns dez anos mais jovens o que possibilita ser confundida como irmã de suas filhas. Não tem escolaridade,

currou as séries iniciais, sem concluir, e sempre trabalhou como doméstica. No entanto, hoje, impossibilitada de trabalhar devido um problema na coluna, é beneficiária do Instituto de Previdência de Seguridade Social – INSS – algo que demanda muito sua energia, pois periodicamente tem que renovar o benefício, o que requer a permanência ou a piora de seu quadro clínico. Vivencia então uma tensão pré-perícia, a coluna trava, as dores são generalizadas, seu corpo responde de forma negativa a tal tensão, feito a perícia, tudo retoma ao que era antes.

O neurologista que a acompanha, diagnosticou-a com uma dor generalizada e fibromialgia, relatou não saber o que fazer com ela, considerando que tem pessoas com um quadro clínico significativamente pior, e que não sofrem tanto quanto ela. Tenta, em vão, encaminhá-la a outro tratamento, como cirúrgico por exemplo. *Eu até gostaria de poder cortar essa dor, mas não tem como, não é assim, não é porque eu quero.*

No decorrer dos quatro anos que se passaram desde a última vez em que veio à sessão, Érica iniciou outros dois relacionamentos conjugais. Em todos repetiu a forma devastadora de se relacionar, caracterizando os mais diversos tipos de violência, desde psicológica chegando à física.

Do terceiro marido, nomeado por ela como Pitbull, lembra ter conseguido se livrar sozinha. Do quarto e atual marido, o qual denomina de Pinscher, já havia em vão, tentado se separar seis vezes, na sétima, que foi a propulsora de seu retorno ao acompanhamento psicoterápico, vivenciou algo incomum até então, [...] *já levei várias surras, mas não passava disso, dessa vez vi a morte.* Diante da persistência do mesmo em permanecer casado com ela, sentiu-se ameaçada:

*Quando eu vi ele com aquela faca na mão dizendo que iria cortar meu pescoço, e botar fogo na casa, resolvi chamar a polícia. Não sei se ele vai mesmo fazer, mas já tinha arranhado minha mão com aquela faca, fiquei com medo (ÉRICA).*

Érica aciona a polícia, é levada para a delegacia, ao retornar para casa na companhia da advogada do CAM, o vê ser levado pelos policiais, algo que diz tê-la marcado muito:

*Sabe fiquei mal, vendo ele ser levado pelos policiais daquele jeito, sabe é um ser humano foi algemado e jogado na viatura. Se não fosse a advogada comigo, não sei se não teria desistido. Ele só ameaçou colocar fogo na casa, só, não era para tanto,*

*ele estava com uma faca na mão quando fez a ameaça. Mas foi só. Não era necessário ser levado pelos policiais daquele jeito (ÉRICA).*

Mesmo com medo do Pinscher, Érica fica mal ao vê-lo ser responsabilizado por tentar matá-la e colocar fogo em sua casa. A cena que marca esse recomeço do acompanhamento psicológico, que dura dois anos, desvela a passividade da protagonista diante de sua dor, vê-se envolvida por aquele que lhe desencadeia a consternação.

Nesse momento da sessão, lembrou que em uma de suas internações hospitalares, conheceu uma mulher que havia sido agredida fisicamente pelo marido. Tal mulher havia sido golpeada de faca setenta vezes por ele, e socorrida pelo corpo de bombeiros militar que a conduziu ao pronto socorro.

*[...] estava lá, ele disse que queria deixá-la toda marcada, e conseguiu, era mais nos braços, rosto e só uma no umbigo, o que a fez ir para UTI. Até hoje ela tem problemas, mas não morreu (ÉRICA).*

Volta a falar que seu marido é bom, que não gosta dele, mas ele é bom, *na verdade gosto é do Pitbull, mas tenho que me contentar com o Pinscher*. Fala do ter que se contentar com o Pinscher, pois o Pitbull não a ama, *eu já disse pra ele que meu amor dá por nos dois, que o que sinto é suficiente, que supre a falta*. Pergunto se seu amor pelo Pitbull supre a falta do amor dele para com ela, o que responde afirmativamente, dizendo que o ama mais do que a si mesma. Ao que pergunto como é amar o outro mais do que a si mesma?

*Eu amo tanto que deixo ele ir, por que eu sei que ele não me ama.*

O discurso que fala do amor de Érica por Pitbull emerge em quase todas as sessões, sempre com a peculiaridade de amar sem ser amada, e de ser portadora de um amor que seja suficiente para os dois.

*O Pitbull me protege, se chegar alguém para fazer algo comigo ele vai na frente morre por mim, já o Pinscher não, não faz nada, nem sai do lugar.*

Nesse momento percebeu que o Pinscher está mudando, está deixando de *ser aquele moleção, está ficando mais homem, macho, se ele não beber fica tudo bom, ele é ótimo, sem a bebida*.

Relembra como era logo que o conheceu, e como tem estado diferente.



*Ele está mudando, quando fico falando muito, ele vem com a voz alterada e diz, para eu parar, ‘chega’! Daí vou para o meu quarto e fico lá até me acalmar.*

Percebo que a mudança mencionada por ela, faz referência ao fato dele não aceitar as exigências dela no que concerne a dinâmica da casa. Em outras palavras, antes dele chegar, a casa de Érica tinha uma rotina que foi aos poucos sendo alterada com certa resistência por parte dela, e persistência dele. *Agora tenho que fazer a janta, dormir com a luz acesa [...].*

Após três meses desse episódio, período em que havia ficado detido, houve uma reconciliação o que culminou com o cumprimento de sua pena, seguido pela sua liberdade judicial. Retomaram a vida conjugal, em que as cenas de violência, ameaças e agressões repetiram-se com certa frequência, não havia um motivo explícito que poderia ser responsabilizado por tais eventos, nem mesmo o fato de estar mantendo, de forma “velada”, um relacionamento paralelo com seu ex-marido, o Pitbull, que frequentava esporadicamente sua casa. A única exigência do Pinscher, é que tais visitas acontecessem em sua ausência, o que foi viabilizado devido seu trabalho ser em outra cidade.

Os homens que se aproximavam e ainda se aproximam de Érica apresentam uma característica em comum, se assemelham por irem se acomodando às suas condições habitacionais, adentram sua casa, bem como sua vida, com uma postura de “homem” da casa, dizem a ela o que fazer, impõe regras e alteram as já existentes. Entram em sua vida para receber, serem cuidados, alguns levavam filhos e agregados junto para usufruírem daquilo que Érica poderia oferecer, de tudo que ela disponibilizaria cuidados, zelo, responsabilidades e até mesmo benefícios financeiros. Nenhum assumiu a postura de provedor da casa, esse é um dos fatores que geraram discórdia e que compareceu em seu discurso referente a todos eles.

Observo que dentre essas responsabilidades por ela assumida, algumas perduram mesmo com o término do relacionamento, como a que assumiu perante a justiça, como cuidadora da filha de seu segundo marido. A moça tem um comprometimento mental, fato que respalda a justiça a mantê-la sob os cuidados de Érica, só podendo isentar-se do mesmo, caso encontre alguém para lhe substituir. Situação que não há nenhuma perspectiva de ser resolvida, considerando que os próprios familiares da moça recusam a assumí-la, respaldando-se no fato do quanto ela é grosseira inclusive com a Érica.

No que concerne o Pinscher, não há diferença dos demais, seu relacionamento com Érica iniciou-se a partir da falta de opção em ter para onde ir: *não tinha para onde ir, acabou*

*ficando, a cada ida e cada volta do trabalho, sem ter para onde ir, tinha como referência minha casa, chegava e lá se acomodava, foi ficando.* O Pinscher entrou em sua vida, não por opção, uma escolha que fez ao conhecê-la, mas por falta dela. Percebo que essa característica de iniciar um relacionamento por falta de opção repete-se desde seu primeiro casamento, o rapaz precisava de uma cozinheira para acompanhá-lo na fazenda em que trabalhava, por outro lado, a mãe de Érica, sem ter como sustentar os nove filhos, disponibiliza a adolescente ao rapaz, sem que a mesma fosse consultada. *Eu concordei, na verdade nem tinha direito a escolher, quando minha mãe me falou, já estava tudo certo. Ela resolveu por mim, era ela quem decidia, e eu só a obedecia, tinha sido sempre assim.*

Érica relembra as mais diversas dificuldades que vivenciou até conseguir separar-se de seu primeiro marido, fato que toma várias sessões, mas sempre permeado pelo discurso do presente. As lembranças do convívio com o Pinscher a deixa angustiada, como se relutasse acreditar que ele fez aquilo com ela.

Depois de se reconciliarem, Érica pôde perceber que a capacidade do Pinscher de surpreendê-la foi além do que já havia vivenciado, das ameaças de morte. Aquilo que a princípio a espantou, passou a persistir em sua rotina diária, levando-a diversas vezes, a mencionar estar arrependida de tê-lo aceitado de volta.

Em meio aos imbróglios, Pinscher é convidado a se retirar de sua casa. Tal convite nunca foi aceito e nem mesmo atendido. Inicia-se um período o qual denominou de separação. *Esperei o dia em que ele iria para o mato (trabalho), arrumei as coisas dele e disse , vá e não volta mais. Foi aquela confusão, me xingou de tudo, e disse que voltaria quando ele quisesse e se eu inventasse de colocar a polícia no meio de novo, eu ia vê com ele.*

Érica e Pinscher estavam separados, no entanto, as experiências de acordar no meio da noite com portas ou janelas sendo arrombadas, ou ainda retornar para casa no fim do dia e encontrá-lo no interior de sua residência como outrora, sentado à mesa jantando ou ainda no fogão preparando o próprio jantar é algo que persiste e a incomoda, por prejudicar o relacionamento com as filhas e ainda ser cobrada por estar com alguém que só tem lhe causado prejuízos.

Cada vez que ele chega, o que ocorre com intervalos de no máximo quarenta dias, usufrui de tudo o que ela tem, do que ela possa oferecer, e até mesmo do que recusa em compartilhar, não há limite para o quanto ele adentra a sua vida.

Em um desses episódios relata que estava com uma de suas netas, ao chegar a casa observou que ele havia pulado o muro e estava tentando arrombar novamente a porta, momento em que ligou para a polícia;

*Quando vi aquilo, fui logo ligar para a polícia, que atendeu rápido, mas como não queria vê-lo preso de novo, eu disse pra ele que tinha ligado. Quando os policiais chegou ele tinha acabado de sair, daí eles me perguntaram qual a direção que ele tinha ido, eu disse aquela, sinalizando o lado contrário do que ele de fato foi, achei melhor assim (ÉRICA).*

Érica ludibriou os policiais para que não conseguissem alcançar Pinscher, sabia para aonde ele tinha ido, mas preferiu não dizer, argumentou que seu intuito era que ele a *deixe em paz*. Para tanto solicitou o auxílio policial, para que o ex-marido se retirasse de sua residência.

Nesse fato, chamou-me a atenção a fala da neta com uma das filhas de Érica no dia seguinte ao ocorrido, após relatar para a mesma como a cena se desenvolveu, foi advertida pela tia para não mencionar nada do que viu e ouviu a sua mãe, caso contrário, não voltaria à casa da avó, ao que a criança prontamente respondeu: *“mas lá em casa acontece à mesma coisa ou pior ainda”*.

A tia continua afirmando para a criança que é melhor omitir o fato para não causar uma má impressão à mãe da criança. Percebi que inclusive para a criança, esse passa ser um fato comum.

Num primeiro momento Érica buscou motivos para se separar, o que perdurou por alguns meses. Considerava que os conflitos e ameaças diárias não lhe eram suficientes para responsabilizar por tal fato. No entanto, após a separação, foi aos poucos percebendo que havia motivos, entretanto, não conseguia vislumbrar, faltavam-lhe objetos de valor, joias, peças de toda natureza que lhe eram valiosas. Pinscher aos poucos se apropriava de forma indevida, de qualquer coisa que lhe pudesse render algum valor financeiro, algo que ela só veio saber depois da oitava separação.

Relata com muita mágoa como vivenciou cada descoberta dos furtos, em determinado momento o autor do delito negava a ação, em outro assumia de forma sarcástica zombando da inocência da mesma, e ainda assumia um a postura de vítima diante dos fatos.

Diante de tais descobertas, tentou em vão rever seu prejuízo, entrar em um acordo com seu ex-marido (Pinscher) autor do furto, ignora a sugestão das filhas de denunciá-lo à polícia,

acredita que só conseguirá reavê-las. Para tanto, aceitou-o em sua casa novamente, tentou resgatar em espécie, tais objetos. Os papéis de amante, mulher e daquela que foi roubada, misturam e confundem-se.

Em meio a juras de não repetir tais fatos pedia para reconciliar, mas seu pedido era sempre negado, Érica o aceitava de volta apenas por uma noite, o que justificava dizendo: [...] *ainda aceito ele lá em casa, mas só porque na cama ele é muito bom, e eu não consigo ficar sem [...]*.

Durante a sessão questiono o que realmente deseja, há a sugestão das filhas, seu anseio de reaver o prejuízo e os caminhos que optou. Diz sentir muito a falta dele, trata-se de *um bom homem*, mas *o que ele fez comigo agora foi o fim, doe muito, [...] um tapa tem como você revidar, mas um roubo não, e isso me doe muito, ser roubada*.

Percebo que o sentimento da minha paciente se confunde, em dor pelo prejuízo financeiro, por ter sido enganada, invadida por alguém que sempre esteve ao seu lado para usufruir daquilo que ela poderia oferecer. E o que não foi oferecido, lhe foi arrancado.

Nesse ínterim uma das filhas entra em cena e a obriga a mudar de casa, Érica passa a morar só em uma das casas dessa filha, na qual está proibida, pela proprietária e sua filha, a receber seu ex-marido Pinscher. Com muita dor, pois sente falta dele, *ele é muito bom de cama, e isso me faz muita falta*, ela acata parte do que foi imposto pela filha, o ex não adentra em sua nova casa, no entanto, encontra-o às escondidas.

Paralelo aos excertos até então mencionados, outros personagens de seus envoltimentos amorosos, surgem no enredo de Érica, uns mais jovens, outros nem tanto, uns casados, outros viúvos ou solteiros, mas o que perdura são os que se assemelham aos seus homens aqui referendados com uma característica peculiar de relacionar-se com aquela que se assujeita ao que foi por eles imposto. *Toda semana trago um homem diferente para você, meu Deus o que é isso? Será que eu tenho jeito?*(risos).

Érica, fala de seus homens, os quais trazem semanalmente para mim, fato que a questiono, como é trazer semanalmente um homem diferente para mim?

*É que você já deve estar cansada de me ouvir falar dos meus homens, toda semana trago um diferente.* (pausa).

Para mim? Pensativa Érica responde:

*É que eu falo sobre eles só para você, com minhas filhas não dá, minhas filhas falam que só arrumo tranqueira, só arrumo imundice. Eu disse a elas, vocês também só arrumam imundice e eu não falo nada, fica cada uma com sua imundice e me deixa viver a minha vida do meu jeito. Elas se assustaram, porque eu nunca falei nada eu sempre só escuto, acho que estou mudando (ÉRICA).*

Após alguns segundos encerra o tempo da sessão. Percebo, após vários relatos da intransigência das filhas, um desabafo de Érica, pontua a incongruência em ser exigida pelas filhas, em ter uma postura que as mesmas não conseguem fazer. *Elas querem que eu faça o que elas não fazem, falam do meu relacionamento, mas elas vivem a mesma coisa.* Segue o silenciar de todas e o término da discussão.

As filhas começaram emergir como aquelas que interferem e criticam as escolhas amorosas da mãe, o que até então estava velado. Verbalizam que a mãe não sabe escolher homem, e que todos, inclusive o próprio pai, são *tranqueiras, imundice*.

Com o decorrer das sessões a paciente relata como uma espécie de filosofia de vida, um mantra - *que os maridos passam, mas as filhas não*. Por isso, deve conduzir suas tomadas de decisões pautadas na concordância das mesmas, conduz suas atitudes em consonância com o que elas acreditam ser ideal para a mãe, o que contribui para uma relação amistosa e harmoniosa entre mãe e filhas. No entanto, caso a mãe posicione de forma contrária ao esperado pelas mesmas há uma desarmonia no núcleo familiar. Tal percepção desperta em Érica uma reflexão no que concerne ao papel das filhas em sua vida, e o seu para com elas, no qual está assujeitada ao querer das mesmas, tudo está harmonizado desde que não as contrarie, assim diante da menor possibilidade de a mãe ausentar-se as suas necessidades, inicia-se conflitos calorosos, duradouros e altamente agressivo para com Érica:

*Estava tudo bem, ia dormir com uma, cuidava das crianças da outra, só por conta das coisas delas, ajudando no que elas precisavam, afinal são minhas filhas, tenho que fazer por elas. Falei desse rapaz com elas (tal rapaz – o açougueiro, sinaliza ser o suposto quinto casamento de Érica), elas concordaram e aceitaram, inclusive se ele quiser vir morar comigo na casa nova elas deixam. Só que sem mais nem menos resolveram brigar, fazer de tudo para atrapalhar, chegam lá em casa brigam comigo, nem me deixam falar e vão embora, daí depois ligam para eu pegar menino na escola, sabe! Fico olhando, fala que se eu morrer nem vão no velório, mas pra pegar menino na escola eu sirvo! (ÉRICA).*

Num primeiro momento, as filhas posicionam-se receptivas aos relacionamentos amorosos, no entanto, de forma repetitiva, com o suceder dos dias passam a agir de forma contrária a tais escolhas. Suas ações desvelam-se agressivas, ameaçadoras e tortuosas, sob pressão almejam e conseguem que a mãe passe a agir contrária ao seu cônjuge. O homem que outrora, ao transpor a análise seletiva e crítica das filhas, havia sido aceito, agora se depara com uma rejeição, revelada por atitudes e posturas hostis quanto sua presença. Érica vê-se em meio a briga de forças em que de um lado encontram-se as filhas e do outro o marido. Ambos apresentam características em comum, brigam pela mesma mulher, aquela que está à disposição de suas necessidades.

Diante das críticas proveniente das filhas, a paciente relata que as mesmas, sem exceção, vivenciam os mais diversos tipos de violência nas relações amorosas, submetem-se as relações conjugais, *com as mesmas tranqueiras que eu, a diferença é que eu não falo nada das tranqueiras delas, eu me calo*. Por outro lado, no que concerne o relacionamento delas com a mãe, são elas quem praticam a ação de violentá-la psiquicamente, deferindo-lhe frases como [...] *gostaria de ver a senhora toda quebrada no hospital, [...] tenho vergonha de você ser minha mãe*. Algo que se perpetua vez que as netas acabam por dispensar o mesmo tipo de tratamento para com a avó.

Diante dessa realidade, observei que Érica refugia-se nas relações de amizade, uma amiga específica, aqui identificada como Nájila e a vizinha Coralina, com as quais desenvolve uma cumplicidade e fidelidade que vai além da existente para com seus cônjuges.

Tal cumplicidade com as amigas parecia ser para sempre, era o que Érica fazia questão de acreditar. No entanto, o inacreditável e inesperado envolvendo as amigas aconteceu. O marido de Coralina esteve com Érica para questioná-la quanto à índole de sua esposa, desejava saber sobre a conduta da mesma, e acreditava ser Érica a pessoa certa para tanto. A mesma desconversou, continuou omitindo os relacionamentos extraconjugais da antiga vizinha. Mas ficou temerosa de que o marido desconfiado pudesse retornar, uma vez que fez questão que ela soubesse que portava uma arma de fogo.

O temor quanto ao marido da vizinha, deixa Érica muito mobilizada, permanece por algumas sessões angustiada, focada nesse episódio tentando encontrar um caminho possível para não ser responsabilizada por alcovitar os romances de Coralina.

Tal fato a deixa pensativa em como se livrar das consequências da relação extraconjugal da amiga, a qual foi alcoviteira por anos. Antes mesmo que consiga sanar esse imbróglio, recebe uma ligação de Nájila, outra amiga que a insulta, discorre palavras de baixo calão, a humilha, chegando a dizer que se arrependia de tê-la conhecido, *nunca ouvi de ninguém aquilo que ela me falou, e ela é minha amiga, me senti escoraçada por ela, ela me jogou na lama, falar daquele jeito comigo, e ainda duvidar de mim?*

As consequências de tal ligação a deixou muito mal. Nesse período a percebi desmotivada, sempre muito queixosa de suas dores generalizadas: *Doe tudo, até meu cabelo está caindo, não sei mais o que fazer, sinto muita dor, o médico disse que é fibromialgia, que tem origem na depressão, é dos nervos.* Momento em que teve a coluna paralisada, passa dias sem sair de casa tentando entender o que lhe aconteceu, não faltava às sessões, mas estava sempre muito chorosa e desolada ao que dizia ser pela atitude da amiga. Com certa frequência em seu discurso compareceu situações ligadas à morte, lembrou de fatos de suicídio veiculados pela mídia, relatou um em que a mulher, após matar o marido, suicidou-se, outro episódio de um acidente, que a seus olhos a vítima se suicidou, e repete por várias vezes durante a sessão, *por que não era eu debaixo daquela carreta, eu era quem devia estar lá, [...]*. Seu discurso era altamente depressivo, no qual comparece uma pulsão suicida, versa sobre a morte por várias sessões.

Nesse ínterim, em que a morte presentifica em seu discurso, recebe uma ligação e depois uma visita do marido de Nájila, o mesmo repete o que a esposa havia feito, com alguns insultos a mais, algo que é reproduzido por parte de um dos amantes da amiga. O segredo do quarteto amoroso da amiga Nájila havia sido desvelado, e Érica responsabilizada pelo fato. Muito humilhada, devastada pelos insultos, ofensas morais, ela tenta resgatar a amizade, vai, por diversas vezes atrás da amiga, insiste em vão, explicar-se dizendo que houve um engano, não era ela a responsável pelo segredo da amiga ter sido revelado.

*Eu sempre disse a ela, isso não vai dar certo, conversava sob seus amantes no salão, e dizia quais despesas era da competência de cada um deles, inclusive a do salão. Tentei lembrá-la desses fatos, que eu avisei pra ela, mas ela insistiu em dizer que não confia mais em mim, que não sou digna da amizade dela. Isso me doe muito, olha como eu fico (com as mãos trêmulas aponta para o rosto)! (ÉRICA).*

Nesse período Érica contava somente com as sessões, as filhas estavam distantes, o marido (Pinscher) tornara-se ex, o amante (Pitbull) mudou-se para outra cidade e a amiga, a

qual prezava, a havia excluído. Dentre todos os ocorridos no núcleo da amiga, o que mais lhe ofendeu não foram os insultos vindouros do marido, do amante, ou mesmo da amiga, mas sim a rejeição, *é como uma faca, que corta meu peito*. Ser rejeitada pela amiga foi o que mais mobilizou minha paciente.

Érica começou a queixar-se de uma espécie de alergia, algo que lembra uma catapora, concentrando-se em dois locais específicos, o rosto e a virilha, dizia que as duas regiões do corpo estavam igualmente afetadas. As idas ao médico, não foram suficientes para desvendar o fator desencadeador, acreditava que tinha relação com o emocional, mas não entendia porque do rosto e da virilha.

*Olha meu rosto como está! Não sei por que ele fica assim, a virilha está igual, na verdade acho que é por causa do emocional, já ficou assim outra vez que eu estava muito nervosa. A Nájila tá acabando comigo, agora nem atende minhas ligação, me ignora e isso me mata (ÉRICA).*

Relembra quando frequentava a casa da amiga, não raro o telefone da mesma tocava, ela o ignorava e, se questionada alegava que o mesmo estava sem carga. Ou seja, Nájila tinha costume de recusar situações indesejadas e depois isentar-se da responsabilidade, o que Érica acredita estar se repetindo, pois, a cada tentativa de comunicar-se com a amiga, depara-se com a recusa da mesma, fato que revive com muita *dor*, no lugar de ignorada, de excluída, vê-se privada de tal convívio.

O corpo de Érica traz marcas visíveis fisicamente, provocadas por golpes de facas, objetos perfurocortantes, e outras subjetivas, que comparecem em seu discurso ao versar sobre suas relações de vínculos, que manifestam por meio dos desafetos que traz para o corpo. As marcas em seu corpo denunciam seu jeito de se relacionar, observo com certa inquietude o que motivou o desencadear do processo alérgico em duas regiões peculiares em suas relações amorosa e social. Aos poucos ela começou a perceber esse jeito, e o quanto ela participa ativamente de sua construção.

Em seu discurso os homens comparecem sempre como aqueles que *eram muito bons, e eu muito apaixonada*. O fato de ser “muito bom” bastava para ela, não conseguia trazer em palavras exemplos de tal bondade, ou ação que sustente seu discurso, na verdade relata fatos que contrariam o mesmo. *Os homens de sua vida*, como costuma mencionar, sempre mantiveram posturas e comportamentos que desagradam a uma mulher *muito apaixonada*, e



desagradava a Érica, tais como, as saídas anunciadas para encontrar com as amantes, as proibições a ela impostas, a ausência de comprometimento para com ela, com certa frequência se demonstrava insegura quanto ao que motivava a permanência desses homens em sua vida.

Não raro Érica chegava ao atendimento psicoterápico queixando-se de seu estado físico, relatava a existência de uma dor generalizada que em determinados momentos passou ser uma constante em sua vida. Não se sabe ao certo quando começou as frequentes idas ao médico, e a consequente ausência de um diagnóstico, de forma assídua o ouvia dizer: *quem vê você assim, não fala que você sente a dor que sente você aparenta estar sempre muito bem*, ao que ela respondia ser só aparência, que na verdade a dor é insuportável, *não vou chegar lá descabelada, rasgada para dizer que estou mal, me arrumo pois vou sair de casa*.

No decorrer da sessão percebo que não faz menção à dor, como quando chega. O atendimento segue de acordo com suas necessidades, aquilo que demanda vir à psicoterapia, que está presente em suas relações como um todo.

Discorre sobre as necessidades e os conflitos das filhas, bem como, o quanto está envolvida com os mesmos. Duas de suas filhas moram em cidades diferentes, as outras duas moram na mesma cidade que ela, no entanto, seu envolvimento, com as particularidades de cada uma é semelhante para com todas.

*Eu sofro ao ver minhas filhas sofrerem, mas o que posso fazer? Fico ali à disposição delas, pra tudo. Mas as escolhas são elas quem tem que fazer.* Relembra da escolha conjugal da filha mais nova, a qual deixou de se casar com um servidor público de alto escalão da justiça, para se casar com outro que se encontra detido por envolvimento com negócios escusos.

Érica relatou estar sempre disponível para o outro, por outro lado queixa-se de estar sempre só. *Quando fico mal é horrível, pois tenho que acionar o bombeiro para me levar para o hospital, quando chego lá não tenho quem me cuide, fico lá até melhorar mesmo, pois se for para casa é pior, sozinha sabe como é!?* (choro).

Diante da necessidade em ser cuidada e da ausência de um cuidador, observei que o Pinscher, a seus olhos, assume esse papel de cuidá-la, é ele que está para ela nesses momentos de internação, ainda que não vá ao hospital, mantém-se conectado a ela, ocupando o lugar ao qual referencia ao que espera de um homem.

*[...] é para isso que uma mulher quer um homem, para ser cuidada e protegida, o Pinscher faz isso, ele me cuida e me protege pega meus remédios para mim [...].*

Relembra o quanto ele a fez bem, cuidadoso, sempre disposto a medicá-la, auxiliando nos afazeres domésticos, o que ocorreu às vezes quando ela estava enferma e ele encontrava-se na cidade, o que era raro devido a seu trabalho.

Percebi que Érica vivencia situações cíclicas que se repetem e retornam, tais como com seu meio de sobrevivência, o mesmo é instável e necessita ser renovado periodicamente, momento em que vivencia experiências que se assemelham a cada perícia - a angústia, ansiedade e tensão repetem-se ciclicamente. A cada episódio de renovar o benefício do INSS, passa pelo que denomina de tortura, instabilidade, incerteza e humilhações, diante do perito que a questiona da veracidade de seu quadro clínico, seus laudos médicos, período que vivencia com muito desgaste emocional. Outro exemplo são os relacionamentos conjugais que se desenvolvem com uma similaridade, num primeiro momento há a aceitação por parte das filhas, depois elas rejeitam-no, conseqüentemente inicia-se um período turbulento, que oscila entre as intrigas no cenário - mãe e filhas, e em outro momento, entre o casal, tendo como desfecho situações tumultuosas. E ainda, de forma cíclica repete a forma de desvelar os maus-tratos sofrido pelas filhas, manifesta-se a traves do corpo toda angústia, descontentamento e decepção diante das grosserias, adoece, a dor intensifica-se, fica desfigurada com o tratamento das filhas – *Elas sempre fazem isso, me maltrata, são grosseiras, e depois dão risada dizendo que é só comprar um presentinho pra mãe que tudo volta a ficar bem, como se comprasse.*

O núcleo das filhas descreve como sendo perfeito, *nossa relação é perfeita, tudo perfeito*, o que os dois últimos maridos afirmavam serem relações de exploração e, que as filhas a exploram o tempo todo, por isso não a querem casada, o mesmo discurso é proferido pelas filhas, e Érica alega, *minhas filhas são para sempre e marido não.[...] somos uma família, eu e elas, somente.*

No que concerne o contexto da relação com as filhas, observo que flui de forma satisfatória de acordo com a disposição de Érica em estar para as necessidades das filhas, tais como: ir para a porta do presídio ainda de madrugada para acompanhar a filha na visita ao cônjuge, pegar netos na escola levar para casa e cuidar até a mãe chegar, passar as férias escolares cuidando dos netos, assumir função no comércio de uma das filhas que está

abarrota de afazeres com a prisão do marido, cuidar da casa e das roupas da outra, cobrir as férias da babá entre outras. Caso haja uma indisposição de Érica em atendê-las há imediatamente um rompimento nas relações, permeada por agressões e ofensas, momento em que normalmente ela é agredida.

### **5.1.1 Análise**

#### **5.1.1.1 Parcerias Amorosas e Devastação**

A narração do enredo da vida de Érica iniciou-se a partir dos treze anos com a cena do casamento, algo que referendou como *traumatizante*, a marcou como se sua vida iniciasse a partir de então. Igualmente é a presença de sua mãe, a mesma compareceu como um dos personagens da cena inaugural, os demais relatos não a incluíram. Do pai, só lembra-se que era um *beberrão*. Interessante pensar as lembranças que traz para a sessão referente aos vínculos originários, além de serem poucas são negativas, a mãe que a obriga casar-se e depois a surra por queixar-se da noite de núpcias, e o pai totalmente ausente em seu discurso.

Dos nove irmãos, apenas dois comparecem em sua narrativa, um irmão, ao qual são direcionadas as referências positivas, é ele quem participa da cena do casamento, que a socorre, e permanece ainda hoje desempenhando um papel semelhante, de ampará-la em momentos extremos, principalmente quanto à questão financeira. A outra é a única irmã de Érica, sobre a qual delineia um construto de apontamentos negativos, lembra-se de situações de desgostos e discórdias, às quais conta com a autoria da irmã. Ambas estão com as relações rompidas há anos e Érica não tem perspectiva de resgatá-las.

Na clínica as mulheres trazem à tona a discórdia fundamental do amor, elas falam de relações que se desvelam de forma devastadora, de vínculos oriundos da relação com a mãe que se repete com o parceiro amoroso, a mãe comparece como modelo de vincular-se na relação com o objeto amoroso. Nesse sentido, notei que Érica repete a forma devastadora de vincular-se na grande maioria de suas relações, sem que necessariamente o outro dessa relação envolva a possibilidade de vínculo amoroso.

Ao relacionar-se de forma devastadora e assujeitada ao outro, representado primeiramente à mãe diante da imposição de se casar, depois pelo cônjuge, em outro momento pelas filhas, pelos companheiros e amantes das amigas, ou por elas próprias, a protagonista desse enredo exemplifica-me algo que Lacan aborda em *O Aturdido* (1973 [2003]) a devastação na relação entre mãe e filha, e no Seminário 23 *O Sinthome* (1975-1976 [2007]) quando volta a usar o termo referendado para versar sobre a devastação na relação entre homem e mulher, o que considero sinalizar uma autodevastação.

Em alguns momentos, referiu-se ao relacionamento com as filhas como *perfeito*, algo que repete enfaticamente. Percebi que considera *perfeita* a relação na qual lhe são dispensados cuidados que denuncia uma forma de assujeitar-se ao querer e ao desejo do outro, o perfeito comunica uma reprodução de uma relação permeada pelas exigências e violência das filhas direcionadas a Érica. Dispondo-me a pensar o significado da palavra para Érica numa dialética com sua definição segundo o dicionário, recorri a Japiassú e Marcondes (2001) o qual define como “O “ser perfeito”, em um sentido absoluto, total, é Deus, aquele que possui efetivamente “todas as perfeições”, sem nenhum defeito ou limitação, aquele que está completo, acabado”. O que destoia do que comparece em seu discurso presente no *setting* quando faz referência ao tratamento recebido pelas filhas, ou poderia pensar que para Érica, a forma devastadora de se vincular às filhas é perfeita?

O papel das filhas repete no início de cada relacionamento amoroso de Érica, primeiramente elas aceitam as escolhas feitas pela mãe, no entanto, num segundo momento posicionam-se de forma contrária a tal escolha, inicia-se uma série de intrigas, discórdias e agressividades que tem como desenlace após muitos desgastes, o fim do relacionamento amoroso, um desfecho que Érica começa a apreender como algo que comunga com as expectativas das filhas. O que é perceptível nos períodos em que Érica está solteira e disponível para atender as necessidades das filhas, as relações fluem harmoniosamente, desde que permita e assujeita-se às exigências por elas impostas. Hoje consegue trazer para as sessões sua percepção em relação ao lugar que ocupa na vida das mesmas – *sei que elas têm vergonha de mim*, o qual não lhe é permitido dizer não. A frase proferida na última discussão, na qual a filha diz desejar ver a mãe *toda quebrada em um hospital* chama-lhe a atenção, ofende-se, sente-se magoada diante do desejo da filha, o que, para ela, não descaracteriza o caráter de perfeição dessa relação. Penso que, diante do *perfeito*, não se faz necessárias mudanças, algo que a autoriza a racionalizar a permanência a e repetição diante do que a traz

danos, numa “[...] perpétua repetição da mesma coisa,” numa “[...] repetição da mesma experiência” (FREUD, 1920 [2006], p.33).

Quanto aos cônjuges, os dois primeiros raramente são mencionados, o mesmo não acontece com o terceiro e o quarto. No que concerne o Pitbull a postura narcísica de relacionar-se atravessada pela devastação, é desvelada diante de credibilidade de que, ainda que o mesmo não a ame, seu amor será suficiente para os dois; *sei que ele não me ama, mas meu amor dá por nós dois, o que sinto é suficiente, e supre a falta*. Confia que diante da ausência de sentimento do outro, o que sente seja suficiente para os dois, amar quem não a ama. O outro comparece como aquele que tem o seu sentimento desconsiderado, e até mesmo desnecessário, basta que ela o ame, sinalizando uma autossuficiência no contexto conjugal.

Percebo que mesmo Érica mencionando no início do acompanhamento psicoterápico, que havia conseguido romper a relação com seu terceiro marido - Pitbull, tal fato acaba desvelando-se contraditório, no decorrer das sessões há um discurso perseverante o qual faz referência ao Pitbull, seus encontros amorosos e o vínculo de cumplicidade entre os dois amantes. Em um misto de fatos reais e fantasias, que revela seu desejo referente ao lugar que gostaria que ele ocupasse, idealiza-o a partir de suas necessidades, do anseio em ter um homem que morre por ela: *O Pitbull me protege, [...] ele vai na frente morre por mim [...]*, e o lugar que de fato ele ocupa em sua vida, ou seja, de alguém que a deseja como uma espécie de cuidadora, [...] *vejo que ele me quer como uma mãe para cuidar dele*, ou ainda como aquela que está disponível para recebê-lo de acordo com sua disponibilidade nos intervalos do trabalho e desempenhar o papel de amante. Há uma contrariedade na fala de Érica, uma discrepância, de um lado seu desejo, ser amada, protegida por esse homem, do outro lado o desejo do mesmo referente ao lugar a ela destinado em sua vida.

Conforme Soler (2005) a maioria das mulheres quando se enamora exige que o homem seja tudo para elas, assim como elas o são para ele, Érica está para seus *homens*, almeja ser para eles o que nenhuma outra mulher possa ser, cuidadora, excelente amante e companheira. Quando o amor é correspondido pode produzir na mulher uma exaltação narcísica, uma felicidade suprema, devido à exagerada idealização do outro. Porém, quando esse amor não é retribuído pode provocar um sofrimento extremo sob a forma de angústia, de fúria e de rebaixamento de si mesma.

Diante da ausência do outro, da falta de retribuição de seu amor, Érica entrega-se a um processo autodestrutivo que tem duração de semanas, fica entrevada com queixas constante de dor generalizada, argumenta - não é por que eu quero, sai em busca de um diagnóstico médico, com quem possa dividir a responsabilidade pelo adoecimento. Percebi que tal atitude se repete a cada frustração em suas relações, assim como o descontentamento por não obter uma resposta, um diagnóstico. Algo que me remete Freud (1920 [2006], p. 31), quando considera que “a compulsão à repetição também rememora do passado experiências que não incluem possibilidade alguma de prazer e que nunca, mesmo há longo tempo, trouxeram satisfação”, sinalizando uma pulsão de morte.

Os sentimentos de descontentamentos e as queixas diante de seus relatos estão entrelaçados, verbaliza experiências desagradáveis nos dois relacionamentos que ocorreram paralelamente, frustra-se com um que a humilha ao amanhecer, e é agredida pelo outro ao final do dia. Lamenta-se da solidão, de estar só, e quando tem um companheiro, ele a agride, maltrata e a humilha. No entanto, argumenta que diante da ausência dos mesmos, ela sente falta, às vezes verbaliza ser inclusive no que concernem os maus tratos. *Sabe quando o Pinscher fica muito tempo sem aparecer, sinto falta dele nem que seja pra incomodar, mas ele cuida de mim, tem aquele jeito dele, mas cuida, e eu sinto falta até daquele jeito dele.* Pergunto o que seria aquele jeito que ela sente falta, *é ele tentando impor as vontades dele, me humilhar e querer que eu aceite as coisas do jeito dele.*

Insisto em saber de fato de que ela sente falta, de ser humilhada por ele? Diz que sente falta de uma companhia, ainda que seja para humilhá-la. Em outro momento relembra que ele está mudando e quando fica bravo a manda parar, ao que ela atende prontamente e vai para seu quarto, ficando lá até se acalmar. Observei que Érica insiste em ter uma companhia, ainda que seja permeada pelos maus tratos.

Para Soler (2005, p.56), “a perda do amor tem efeito depressivo no sujeito, que acredita perder uma parte de si mesmo e, como dizem algumas, não ser mais nada”. A postura diante de ficar só, remete a um comportamento de aceitar do outro e sentir falta inclusive dos maus tratos numa espécie de dependência como se o outro fosse parte de si, e para não perder parte de si submete às necessidades do outro.

A forma como Érica vincula-se em suas relações amorosas foi aos poucos delineada, denunciando um referencial por ela constituído para medir o quantum de algo que pode ser

considerado pouco ou não. Nesse sentido, observei que a agressividade para com ela, caracteriza algo como insuficiente em sua concepção, em que o advérbio *só* comparece como referendo ao que foi pouco como se suas expectativas fossem além do ocorrido, desperta para uma falta.

No episódio propulsor de seu retorno à psicoterapia, relata que o então marido (Pinscher) *só quase* a degolou, *mas foi só*. Quase ser degolada não caracteriza ser suficiente para ser levado pela viatura policial, o que ele fez com ela foi pouco diante do que estavam fazendo com ele - *Sabe fiquei mal, vendo ele ser levado, sabe é um ser humano foi algemado e jogado na viatura. Ele só ameaçou colocar fogo na casa, só, não era para tanto, [...]*.

Percebi que a mesma manifestou diante desse episódio, uma característica autodestrutiva, desvelada pela inversão de valores, o que o ex-marido fez é considerado pouco para ser tratado *pelos policiais daquele jeito*, no entanto, tê-lo em sua casa, ameaçando-a, maltratando, roubando-a e humilhando seria permitido. O posicionamento de Érica diante do ocorrido revela uma postura autopunitiva, autodestrutiva, permeada pelo sentimento de culpa, como se fosse merecedora. A ela é cabível tal tratamento, enquanto ao outro, não.

Fala sobre seu sentimento de indignação e descontentamento ao ver o outro ser maltratado, é um ser humano, o tratamento dispensado pelos policiais àquele que a ameaçou, é considerado por ela um exagero, ou mesmo desnecessário. Observo que, ao focar no outro ela distancia-se dos maus-tratos que recebe por esse outro. Repete por diversas vezes, seus encontros amorosos com aquele que a colocou em risco de quase morte, isso mesmo portando uma medida protetiva – são ações previstas na Lei 11.340/06, elencadas por um (a) delegado (a) analisadas e expedidas por um (a) juiz (a) de Direito, que obrigam o agressor a uma série de condutas, dentre elas não aproximar-se da vítima, fixando um limite mínimo de distância entre ambos, visando à segurança da vítima dos (as) filhos (as)<sup>14</sup>. As cenas de violência, ameaças e agressividade também se repetem, no entanto, permanece ignorando o que vivencia enquanto toma para si as dores do outro, numa espécie de compulsão autodestrutiva.

O fenômeno da transferência na clínica denuncia a repetição como uma maneira de recordar que se presentifica no tratamento (FREUD, 1914a [2006]). No início de cada sessão, Érica repetia a postura de vitimizar-se, arrastava-se pelo consultório até acomodar-se, ombros caídos, expressão e queixa constante de dor, fala pausada, era como se arrastasse a própria

---

<sup>14</sup> Dados extraídos da Lei 11.340/06

vida emaranhada pelos descontentamentos e pela autodestruição. No entanto, no decorrer da mesma foi aos poucos deixando esse papel e assumindo outro lugar, naquele momento trouxe para o *setting*, por meio da relação transferencial, uma mulher que versava sobre seus desejos, que esperava respostas, que questionava a eficácia da psicoterapia uma vez que permanecia repetindo a maneira devastadora de relacionar-se, e semanalmente trazia seus *homens* para a psicoterapia e para mim, na espera de que eu lhe dissesse o que fazer – *acho que não tenho mais jeito mesmo, toda semana trago um homem diferente para você*. De vítima passiva a uma postura ativa, de alguém que cobra e quer que sane seus problemas, desloca-se lentamente, mas ainda espera pelo outro, espera da psicoterapeuta as resposta, bem como a solução diante do que vivencia.

Apesar de deslocar-se lentamente permanece assujeitando-se a vínculos devastadores, “sua posição como parceira do desejo masculino deixa na obscuridade a questão do desejo próprio que condiciona esse consentimento” (SOLER, 2005, p. 33), porém, não mais inconsciente como outrora, percebe o lugar de vítima, de assujeitar ao outro, não mais como uma *sina*, e sim como algo que lhe é possível de transmutar.

Observo que Érica desloca-se sutilmente do lugar de “vítima” passiva, que tem uma *sina* a cumprir, para uma postura ativa de alguém que cobra, mas que ainda espera que o outro faça por ela, para então olhar sua realidade como fazendo parte dela, do lugar daquela que participa ativamente, podendo inclusive permanecer como está a partir de uma opção e não por desconhecê-la.

O fenômeno transferencial pode ainda ser exemplificado na fala da paciente quando aproximadamente três anos atrás recorreu à ajuda psicoterápica, busca que não foi contemplada naquele momento: *cheguei até fazer umas sessões com outra psicóloga, mas não deu certo por ela ser muito boazinha e quase chorar junto, sabe pensei, acho que ela precisa de ajuda também*. Compreendo como se diante da menor possibilidade da construção de um vínculo que lhe seja “bonzinho”, benevolente, ela recua, afasta-se, como se estivesse acostumada a relacionar-se com vínculos que não lhe seja *bonzinho*, ou cúmplice com sua dor – *quase chorar junto*.

Nesse sentido, remeto-me a Lacan (1957-1958 [1999]), ao considerar os elementos do Édipo freudiano, para reformular a questão da relação primordial à mãe, nos seguintes termos



– trata-se de tornar o ser amado ou não, em que ele busca no desejo da mãe um lugar para se situar no outro:

Essa subjetivação consiste, simplesmente, em instaurar a mãe como aquele ser primordial que pode estar ou não presente. No desejo da criança, em seu desejo próprio, esse ser é essencial. O que deseja o sujeito? Não se trata da simples apetência das atenções. Do contato ou da presença da mãe, mas da apetência de seu desejo.

A partir dessa primeira simbolização em que se afirma o desejo da criança esboçam-se todas as complicações posteriores da simbolização, na medida em que seu desejo é o desejo do desejo da mãe (Lacan, 1957-1958 [1999], p.188).

Na busca por saber o que orienta o desejo da mãe, o sujeito procura encontrar aí o seu lugar. Érica busca encontrar no desejo da mãe num primeiro momento, e quando adulta, no desejo do outro, o seu lugar, assujeita-se a tal desejo, e quando o outro ausenta-se, relata sentir falta até mesmo do que identifica como ruim, as humilhações.

Marcos (2011a) ao versar sobre o desejo de ser amada, característico da mulher, identifica que “[...] a criança necessita ser amada na medida em que busca um lugar para ser. A demanda de amor da criança é também uma demanda de uma resposta sobre o seu ser. Esta é a máscara da alienação primordial ao Outro” (MARCOS, 2011a, p. 278). A criança busca sua imagem fálica no olhar materno, anseia por encontrar um lugar no desejo da mãe, entretanto, se houver uma frustração em sua busca ou decepção diante de seus anseios, se não se encontrar no olhar do outro, sua existência fica em suspenso, a menina se vê privada de si e impossibilitada de amar.

Érica quando busca no outro encontrar seu lugar, anula-se por inteiro, investe em ser para o outro na busca por encontrar-se no desejo, mas sua busca é permeada por decepções, frustrações, o que a deixa em estado de privação de si. Na ausência de si segue um período mesclado pela pulsão de morte.

Para Lacan (1957-1958 [1999]), o que importa na estruturação da menina, é o que ela almejou e identificou como o desejo do outro, o qual é designado como o desejo da mãe. Tal desejo remete o sujeito ao ser ou não desejado por esse outro, mãe. Enfatiza a dialética fálica com o desejo. A mãe comparece nas lembranças mais remotas de Érica como aquela que diz sobre seu desejo, suas descobertas na relação com o outro, diante da descoberta dolorosa da

atividade sexual, a mãe a obriga vivenciar como sendo algo que presentifica nas relações conjugais.

Esse, ser ou não amado, é tomado como uma das questões em jogo para aquele que busca no desejo da mãe uma medida do lugar que procura ocupar diante de seu outro.

Essa dialética não dispensa o pai como o terceiro que permitirá à criança, para além da captura imaginária, ser significada. É exatamente porque o sujeito pode significar o que vale no desejo do Outro que ele pode se separar desse objeto a que ele encarnou e encontrar um pouco de liberdade. (DRUMMOND, 2011, p. 07).

A clínica psicanalítica desvela como as relações afetivas de Érica vão sendo construídas, o que me desperta a pensar sob o lugar que ela procura ocupar diante do outro, tendo como referência o ser ou não amada por esse outro, em que o vínculo originário lhe serve de medida, de quantum.

Érica raramente discorre sobre a mãe, as poucas vezes que a mencionou, possibilitou-me trilhar os caminhos por ela narrado, tomando como base o aporte psicanalítico aqui referendado, o que permitiu perceber que o campo da relação mãe e filha denuncia uma forma de vincular-se devastadora/autodevastação.

Ao colocar-se na relação com o outro, observo como Érica vivencia o limite, ou mesmo sua ausência, doa-se por inteiro, é exigida frequentemente a fazer concessões, prática comum em suas relações o que novamente remeto-me à Lacan (2007 [1975-1976], p.98), ao afirmar que “Um homem é para uma mulher tudo o que vocês quiserem, a saber, uma aflição, pior que um *sinthoma*, [...] Trata-se mesmo de uma devastação”. A devastação pode surgir no campo do amor para a mulher não-toda situada na lógica do falo. Quando um homem é uma devastação para uma mulher ele reacende nela o sem limite do gozo.

Pinscher e Pitbull adentram sua vida com infindáveis promessas de mudanças, ser o homem o qual verbaliza almejar ter a seu lado, companheiro, que a realize como mulher. No entanto, as mudanças perduram por no máximo dois dias, Pitbull a humilha comparando-a com outras mulheres com as quais mantém relacionamentos amorosos, e exige uma convivência afável entre ambas. Por outro lado, Pinscher desconsidera qualquer noção de limite, entra e sai de sua vida tomando como referência suas necessidades ou mesmo, seus anseios, o muro que circunda a casa ou mesmo portões e portas, tornam-se algo disfuncional para impedir seu acesso ao interior da casa. O mesmo chega, acomoda-se, exige o papel de

esposa amorosa, usufrui de sua vida, de seus bens, e quando vai embora leva consigo todo e qualquer objeto de valor. Tais roubos provocam-lhe uma *dor maior do que um tapa*, pois em sua concepção o tapa tem como revidar, o roubo não. Qual seria o roubo que de fato Érica não tem como revidar? O que esse sujeito a rouba?

A inserção e a exclusão desses homens ocorrem permeadas pelos desejos, fantasias e anseios presentes num triângulo amoroso. Entram e saem tendo como parâmetro uma espécie de ética narcísica de seus desejos, a ela compete às fantasias de ser amada, ser protegida, amparada e desejada em que o vínculo materno ocupa o lugar de referência desse amor. Érica se coloca diante de Pinscher numa postura que assemelha à que tinha com sua mãe - autômata.

Observo que Pinscher barganha com Érica como sua mãe fez quando ela tinha treze anos, permite que ela saia com Pitbull, única condição imposta é que ele a pegue na esquina. Por outro lado, exige dela, usufrui de tudo o que ela possa oferecer, desde comer, dormir, habitar, e quando sai, leva consigo todo e qualquer objeto de valor, tudo que possa lhe render valores materiais.

Tão logo sinta necessário, reaproxima-se, nos momentos em que posiciona de forma contrária a recebê-lo, tem seu posicionamento ignorado, como fez sua mãe quando a obrigou a casar-se aos treze anos com um desconhecido. Percebo que há um “papel” desenvolvido por ela de “barganha” para ser “amada”, ou seja, é amada enquanto é útil, levar os netos e buscá-los, pagar contas dos outros com o benefício do INSS, dar hospedagem, sexo, alcoviteira e ainda ser submissa. A devastação caracteriza-se como uma herança das insígnias que a mãe a colocou, herda do vínculo materno a forma de relacionar-se com o outro.

A repetição comparece inicialmente como elemento de barganha, em ser útil para ser amada e valorizada como objeto de troca, de manipulação da mãe que a espanca por ela reclamar da experiência sexual violenta, é agredida, a ela é negado o direito de demonstrar qualquer insatisfação, o que repete na relação adulta no envolvimento de vínculo de amorosidade, nas relações com as filhas e com as amigas. Os cônjuges, as filhas e as amigas a agredem verbal, psíquica e fisicamente diante da indisposição em estar para o desejo, as necessidades e o interesse deles.

Não raro Érica os recebe com satisfação, inebriada pelas fantasias narcísicas de ser amada, acredita que cada recomeço irá ser diferente dos pregressos - *dessa vez vai ser diferente*. Repete as experiências vividas outrora.

O sem limite do gozo comparece em seus relatos ao retratar uma vida regada por maus-tratos, na qual identifica ser cuidada como sinônimo de ter companhia, quanto aos ‘cuidados’ a ela dispensados, desvela-se num misto de ameaças, humilhação, agressão física e verbal com raras situações de cuidados presente em alguns momentos quando tem suas necessidades sexuais atendidas ou às vezes quando está enferma. Por outro lado, busca situações que a expõe, a ridiculariza na relação com o outro, está para o outro, assim como ele não está para ela.

Lacan (1957-1958 [1999]) delimita que o falo não regula todo o campo do gozo, nesse sentido, abre um campo para além do falo, no qual situou a devastação. Ou seja, esta se encontra para além do falo, no campo da relação mãe e filha, onde toca a origem da inscrição simbólica.

Na devastação a menina defronta-se com o que há de irrepresentável no gozo materno. A questão do gozo entra em cena, não como experiência de prazer, mas como busca incessante de repetição, como algo da vida amorosa que vai além, que excede e permanece como algo da ordem do excesso, do sem limite (DRUMMOND, 2011).

O excesso que se repete na vida de Érica emerge em seus posicionamentos diante do vínculo amoroso que a remete à experiências de desagrado e de dor. A cada início de relacionamento repete seus anseios em ter um companheiro, alguém com quem irá dividir uma vida conjugal. Nesse sentido, deseja que o outro amolde ao que idealizou, numa pretensão em ter seu objeto imaginado, ignora a demanda do outro, a disposição de estar para ela assim como está para ele, desconhece o limite das concessões que faz ao perceber que o almejado não foi atendido, a cada frustração flexibiliza-se para atender ao outro. Percebo uma inversão, investe primeiramente esperando que o objeto amado ‘encaixe’ em suas expectativas, ao constatar que o esperado não é atendido, faz infundáveis permissões acreditando na permanência do outro contigo.

Para Soler (2005):

Ao contrário do gozo fálico, o gozo outro, suplementar, “ultrapassa” o sujeito. Para começar, por ser heterogêneo à estrutura descontínua dos fenômenos regulados pela linguagem, com a consequência de que esse gozo não é identificatório. (SOLER, 2005, p. 56)

Lacan (1957-1958 [1999]), considera que diante desse gozo do sem limite e na falta de um significante que defina o que é ser uma mulher, a devastação se apresenta como uma resposta tanto nas relações entre mãe e filha quanto nas relações amorosas. Para a mulher, o amor e a devastação estão intimamente ligados por situarem-se, conforme já dito anteriormente, no registro da falta de significante no Outro. Érica experimenta esse gozo e a falta de significante que defina o que é ser uma mulher. Está para o outro, assujeitada a seus anseios, numa constante repetição que aos poucos emerge na clínica psicanalítica em suas relações como um todo.

André (2011) ao discorrer sobre o gozo do ser ou gozo do outro – causa final, e gozo sexual ou fálico – causa original, considera que “O gozo *do Outro* é designado aí como um gozo parasssexual, fora da linguagem, que suporta o ser ou o corpo como tal [...]. Deste, não temos ideia alguma, pois ele escapa ao domínio do significante” (p. 254). O qual só nos é permitido supor ou deduzir a partir do que imaginamos. Nessa perspectiva, tal gozo se opõe ao gozo fálico, ou sexual, por esse ser bem determinado pela linguagem “[...] já que é tributário do significante do falo” (ANDRÉ, 2011, p. 254).

Lacan (1957-1958 [1999]) vai além da devastação feminina com o falo quando diz que o gozo feminino tem um aspecto suplementar ao gozo fálico. Se a metáfora paterna é sempre falha, isso implica no fato de que o desejo da mãe não é inteiramente significantizado.

O gozo altamente destrutivo, que desvela o excesso da pulsão de morte pode ser exemplificado nos excessos de relacionamentos devastadores dentre os quais Érica assujeita-se, concede ao outro adentrar em sua vida, numa compulsão autodestrutiva, que repete permeada por pensamentos suicidas, diante dos quais manifesta um processo de adoecimento, em que o único cuidador que aparentemente persiste é o Estado, como aquele que a provê financeiramente. Entretanto, exige que ela também assujeite às exigências impostas, ao ter que se apresentar numa condição degradante, adoecida, fragilizada. Para manter sua parceria, faz-se necessário que ela passe por condições precárias de tensão e *humilhante* perante a perícia médica, para que o benefício seja renovado.

Diante do exposto recorro à Freud (1915a [2006]), quando discorre sobre o dualismo pulsional para pensar a pulsão de morte, considerando a destrutividade como uma de suas diversidades de expressão, caracterizada pelo par de opostos sadismo-masiquismo, em que aquele é o representante da pulsão de morte (FREUD, 1923 [2006]). Penso a demanda de Érica numa perspectiva sádica como representante da pulsão de morte, em que ao vivenciar a dor ela desvela uma característica sádica ao conseguir provocar-lhe a dor. Os vínculos de Érica são permeados por uma condição de assujeitar-se ao desejo do outro, num primeiro momento a imposição e agressividade da mãe, seguido pelas agressividades dos parceiros conjugais, às exigências e cobranças das filhas, e ainda as condições impostas pelas amigas.

Ao pensar na evolução de suas relações, desde seu primeiro casamento até a relação com o Pinscher, percebo uma evolução no que concerne à periculosidade de tais relações. É como se gradativamente buscasse um limite para um gozo sem limite, com isso fosse esgarçando seu referencial do que é permissivo ou não, bem como do quantum nocivo, ofensivo e devastador.

A paciente faz um apontamento, para o fato de Pinscher estar mudando, ele deixa de ser *parado que não faz nada* para assumir o lugar do *macho* àquele que a manda *parar* e ela *vai para o quarto*, aos poucos ele deixa a máscara daquele com o qual se uniu, o suposto cuidador, e assume a máscara daquele que a agride como os demais. O que me desperta a pensar a forma como Érica vincula-se com seus parceiros conjugais, primeiramente ele a trata com certo respeito, mas não raro, repete o tratamento dispensado pelos demais cônjuges.

A devastação decorre de uma inscrição significativa que toca o campo da fala e da linguagem, e desvela-se através dos insultos, do silêncio, da rejeição, primeiro diante da mãe, e depois na vida adulta se repete nas relações com as filhas, nas relações de amizade e nas parcerias amorosas caracterizando relações violentas. O significante presentifica-se na forma como ela se assujeita a determinadas relações, é agredida e humilhada, vivencia situações que lhe impõe medo, no entanto persiste em tais relações.

Interessante pensar que, mesmo tendo experienciado a quarta união conjugal, em nenhuma delas Érica identifica ter iniciado por estar enamorada por tal rapaz, em todas repete a motivação identificada como falta de opção. “Autômata” Érica repete o lugar que ocupa como alvo de barganha – te dou amor, amizade, carinho desde que aceite a se casar com um homem desconhecido, cuidar dos netos, ajudar nos negócios, ir para o presídio de madrugada

acompanhando a filha que vai visitar o marido preso, alcovitar as amigas, sustentar os maridos e agregados. Deve submeter-se a fazer o que o outro “exige” como condição para ser amada.

#### **5.1.1.2 Amizade e devastação**

Érica identifica em suas relações de amizade um caminho possível para experimentar vínculos saudáveis, a probabilidade de ser cuidada e de cuidar. Diante da hipótese de viajar para tratamento fora do domicílio, Nájila é sua primeira e única companhia. A amiga, bem como a vizinha Coralina presentifica em seu discurso como aquelas que estão em sua vida como referência positiva, no entanto, não raro discorre sobre situações em que está para as mesmas contrariando o que tem como critério de amizade. Desempenha papéis no convívio social de ambas, os quais consideram perigoso, estar em meio ao triângulo e do quarteto amoroso de Coralina e de Nájila respectivamente, mas o faz, arrisca-se em nome da amizade, investimento que acaba por lhe ser muito caro.

No momento em que Érica vivenciou a interferência das filhas em sua vida pessoal, conseguiu afastar-se parcialmente do seu quarto marido (Pinscher), período em que pode focar em suas relações além do vínculo conjugal, depara-se com as demais relações que circunscreve sua vida. No entanto, penso ser interessante pontuar que a aproximação das filhas foi permeada por necessidades particular de cada uma, ou seja, uma das filhas teve o marido preso nesse período, necessitando então de uma companhia para ir a horários inoportunos ao presídio visitá-lo, de alguém que a auxilie nos negócios do casal (como cuidar de um comércio) e de uma companhia para pernoitar. A outra, recém-separada do terceiro marido e com uma filha pequena, necessita de alguém que pegue essa criança na escola, que prepare o almoço e que exerça a função de cuidadora na ausência da mãe. O que denuncia o caráter de utilidade para ser amada.

Aos poucos Érica discorre sobre as amigas, e percebe algo comum entre elas, dedica-se ao outro – filhas ou amigas – de forma singular, numa doação que não se constitui reciprocamente. As amigas cativam o convívio desde que Érica aceite ser cúmplice, e até mesmo alcoviteira de seus envolvimento extraconjugais. Ora as filhas, ora as amigas exigem

concessão a serem feitas as quais se desvelam conflituosa quanto ao querer de Érica, o que remete-me à Freud (1920 [2006], p.) “o que é prazer para uma instância é desprazer para outra” ou seja, o que é satisfação para uma instância psíquica nem sempre o é para outra, mas diante da opção de levantar-se contrária a tais relações, minha paciente opta por ceder e conceder o que o outro quer e espera.

Como identificava e alertava desde o início a Coralina e Nájila, tais envolvimento extraconjugais com mais de um amante simultaneamente, caracterizava um alto nível de periculosidade caso fossem descobertos, o que exigia um cuidado redobrado. Entretanto, não raro Érica deparava-se com situações em que desempenhava um papel de cuidadora das amigas, conselheira, momento em que advertia a postura pouco sigilosa das amigas, e enfatizava a necessidade de maiores cuidados envolvendo tais fatos. As advertências de Érica nunca foram atendidas, mesmo sendo conhecedora e autora das mesmas, ela permanece convivendo e compactuado de tais fatos.

O que havia previsto, concernente ao “sigiloso” de tais fatos, aconteceu, os mesmos foram descobertos. Érica, em sua característica de assujeitada, foi imediatamente responsabilizada pelo mesmo. Tenta em vão, provar sua inocência, se arrasta até à amiga Nájila, por diversas vezes é escorraçada, excluída e ignorada pela mesma, resiste às ameaças bem como às pressões dos maridos e dos amantes da amiga e da vizinha. Ser culpada por tais fatos não a mobiliza tanto quanto a rejeição de Nájila. Compara tal situação como *uma faca que corta seu peito*, é assim que tal fato movimenta as sensações de Érica, vivencia a frustração de não ser aceita pela mesma com tamanha dor como se uma faca perfurasse seu peito. O desgosto de ter sido rejeitada e desprezada pela amiga decorre em dias de sofrimento físico, dificuldade para deambular, comprometimento no sono, falta de apetite, sempre muito queixosa de dor generalizada, *Me doe tudo, desde o cabelo da cabeça até a unha do pé*.

Diante da decepção que vivenciou com sua amiga Nájila, tenta resgatar a amizade, numa atitude autodestrutiva e de forma compulsiva insiste ser aceita pela mesma, a qual faz questão de referir-se como amiga, *ela é minha amiga*. Percebo que há uma deturpação em seu referencial de amizade quando comparado à definição do dicionário<sup>15</sup>, para Japiassú e Marcondes (2001, p.12) “pessoa a quem se está ligado por uma afeição recíproca”, o que é ser amigo em sua concepção? Mesmo sendo escorraçada, ignorada e de sentir que o tratamento

---

<sup>15</sup> JAPIASSÚ, H. MARCONDES, D. *Dicionário Básico de Filosofia*. Ed. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro. 2001.



dispensado pela outra se assemelha a uma dor provocada por uma faca que perfura seu peito, essa é sua amiga. Nájila a aceita e a quer por perto, desde que aceite o papel de alcoviteira, de cúmplice e responsável por suas desventuras. O mesmo pode ser percebido com menor intensidade no núcleo de sua vizinha Coralina, pois a mesma não a rejeita.

Érica é afrontada, ameaçada não mais pelos seus *homens*, mas agora pelos homens das amigas, o marido e um dos amantes de Nájila a insulta e a ameaça, coloca em risco sua integridade física, faz questão que saiba da existência e do porte de uma arma de fogo. Érica sente-se mal, mas o que assume um caráter devastador é a rejeição por parte da amiga, repetida diversas vezes - *uma faca que corta meu peito*, fala da dor de não ser recebida por ela, de ser ignorada, não aceita a postura da amiga em rejeitá-la, quer impor sua presença na vida da mesma. Diante de frustração por não ser aceita retoma um discurso suicida, numa atitude autodevastadora, o discurso concernente à morte passa a ser constante durante as sessões, somado ao processo de adoecimento que inviabiliza sua locomoção. O ir e vir ficam comprometidos, bem como suas relações. Adoecida ve-se impossibilitada de ser útil para o outro, o que reflete nos “cuidados”, no “amor” e no “carinho” que outrora recebia, vivencia um episódio de internação, no qual está só, ao retornar à sessão percebe que diante do fato de necessitar receber e não poder doar-se, é isolada por aqueles que a “ama”.

O corpo aparentemente cansado e arqueado, a tonalidade da voz, a expressão facial de desamparo, o processo alérgico presente na face e na virilha e mais o discurso suicida revelam o quanto a decepção com Nájila a mobilizou e desestabilizou. Observa a necessidade de ser útil para ser amada, o que a mobiliza a colocar-se na condição de ser benéfica ao outro, *nunca mais fui no hospital tomar nenhum soro mais, estou com os braços que parece que vai soltar, desse lado está tudo dormente, sinto dor, mas não dá pra sair, tenho que ficar no açougue*, prontamente aceita as exigências das filhas, *as filhas é família, os outros não*. Amparada por esse discurso, retoma uma rotina de servi-las, apesar das agressões, dos maus tratos dispensados inclusive das netas.

A presença das filhas nesse momento seria para Érica um bálsamo, mas o que esperava como refúgio para sua dor, fez foi aumentá-la, as filhas numa postura devastadora para com a mãe, aproximam-se num momento de fragilidade da mesma, cada uma almeja ter um pouco mais de seu auxílio, desde os afazeres domésticos, a vida profissional e cuidados com os netos até a vida pessoal como as visitas ao presídio. Tais fatos prejudica inclusive suas

sessões, fazendo-se necessário readequar seus horários, solicitação feita por Érica, ao identificar tal suporte psíquico necessário ao seu momento.

O fato de Érica fazer acompanhamento psicoterápico gera um desconforto nas filhas, que consideram uma besteira da mãe, algo desnecessário, *uma perda de tempo*. No entanto, a paciente pontua ser esse o único momento em que sente ter um lugar diferente do que ocupa nos demais âmbito de sua vida, [...] *você já é quase uma amiga. Mas é diferente, não sei no que, mas sei que aqui é diferente, sinto muita falta quando não venho*. Almeja esclarecer para as filhas, os benefícios de estar em psicoterapia, sente-se ignorada por elas. Nesse momento começa a perceber que ela terá que cuidar de si, o que os demais ao seu redor não o farão, estão focados em suas mazelas, e se ela identifica o que lhe faz bem, será ela quem deverá buscar.

As filhas dispensam-lhe críticas, interferem em suas tomadas de decisões, não conseguem compreender o que ela *faz tanto no psicólogo*. Incomodada, Érica, as observa tentando limitar suas relações, seus vínculos sua liberdade, primeiro concernente aos relacionamentos conjugais, as amizades e até à psicoterapia. Hoje identifica as filhas como alguém que a explora.

Érica começa a trazer para consciência sua forma de relacionar-se, o quanto se coloca em relações devastadoras, vive em função do outro, almejando agradá-lo para tê-lo por perto. Diante do exposto, começa a perceber o quanto, através da passividade, de permitir que o outro faça ou decida por ela, acaba participando como protagonista de cenas que revelam esse assujeitamento às relações violentas, a vínculos permeados pela agressividade.

Observo que comparece em seu discurso um sutil deslocamento do lugar de alguém que ignora o papel que desempenha diante de seus vínculos de afetividade, para àquela que se vê como atuante no enredo de sua vida. Algo que pode ser identificado na quinta tentativa de relacionar-se maritalmente. O açougueiro seria o quinto relacionamento de Érica, primeiramente com a aprovação das filhas, que repetem a postura como o fez em outros inícios de relacionamento da mãe. Ou seja, diante da possibilidade de tal relação vir a fluir, elas investem de forma a desconstruir não só a imagem que a mãe tem do mesmo, como também seu autoconceito, *elas acham que ele jamais vai querer alguma coisa comigo, por ele ser bem mais novo*.

Érica ao ter consciência da tentativa das filhas, persiste em dar sequência à relação com o açougueiro, o mesmo repete a forma de relacionar-se com Érica, principalmente no que concerne a explorá-la, tenta mudar para sua casa, vai chegando aos poucos, dividindo todas as mazelas da família de origem (ele permanece casado, sustenta a promessa de que vai se separar da atual esposa), a ela cabe o papel de dar suporte, cuidar, intermediar empréstimos financeiros da filha para o mesmo, justificar suas ausências no trabalho para que o mesmo não seja demitido pela filha. Fala com muito encantamento de sua relação com o açougueiro, mas em questão de dias, percebe o quanto o mesmo é agressivo, grosseiro, que jamais cumprirá a promessa de separar-se de sua atual esposa. Mas o que de fato a desmotiva, é que ele não comparece mais como no início da relação, ausentando-se do papel de amante perfeito, o desempenho sexual não é mais como outrora fato primordial na motivação de afastar-se dele.

As cenas supracitadas tem duração de poucos meses – aproximadamente três – tão logo é despertada pelas cobranças das filhas, que a critica por estar envolvendo com o sexto homem, entretanto, acredita ser esse o homem certo, *Esse é homem certo para mim, ele vai conseguir me frear onde nenhum dos outros conseguiu, porque dele eu tenho medo, afinal ele é matador.*

Em sua sexta tentativa de relacionar-se, Érica se vê envolvida por um quantum de periculosidade, percebe que diante das outras parcerias amorosas, ainda que permeadas pela agressividade, seus *homens* não conseguiam, mesmo que recorressem à violência, frear sua pulsão sexual, faziam concessões, barganhavam, entretanto, esse trás consigo dois crimes diante de um triângulo amoroso, o que lhe parece suficiente para agir onde ela não consegue o controle diante da pulsão sexual. E o que Érica busca o controle ou o desafio?

Relata em detalhes o início desse novo relacionamento que é marcado pelo fato de seu pretendente estar cumprindo pena em liberdade por ter assassinado dois homens, *em legítima defesa*, quando os mesmos tentavam matá-lo por estar saindo com a esposa de um deles. *Eu sei que ele mata por mulher, [...] disse que com a mulher não faz nada, mas com o cara que sair com ela, sim, mete bala.* Observo repetir mais uma vez a fantasia de ser protegida, *mata por mim.*

Érica acredita que tal homem irá dominá-la em sua pulsão libidínica, que vá controlá-la em seu ponto frágil, a sexualidade. Como se necessitasse do externo para agir internamente. Como se ele desempenhasse a função de seu superego, de controle do gozo ilimitado,

devastador. Percebo um misto da busca por limite entrelaçada pela pulsão de morte, o gozo ilimitado encontra limite em alguém que é capaz de matar. O sem limite de um gozo devastador que encontra seu limite na ameaça de morte.

## **Sara**

### **5.2 Pulsão e Devastação**

Sara é uma mulher de 45 anos, mãe de quatro filhos, uma adotiva e três biológicos, sendo esses, duas meninas e um menino. Guarda com muita dor as lembranças de quando teve sua primeira filha levada, ainda na maternidade, só vindo a saber mais tarde. Sara convive com o primeiro e atual marido desde os treze anos, experiência permeada por situações de violência, humilhação, agressividade de todos os tipos e uma nulidade que vai se intensificando com o passar dos anos.

Ela chegou ao CAM em 2010 por iniciativa própria, recusa qualquer tipo de ajuda jurídica ou social, sua busca é por psicoterapia, algo que faz questão de enfatizar, após o agendamento, aguarda por mais de um mês para começar o tratamento.

Sara é a quarta e última filha do casal João e Lia, o fato de ser o ultimogênito não lhe trouxe benefício algum, ao contrário, marcou de forma negativa sua inserção e adaptação no contexto familiar. Ainda no período de sua gestação, sua mãe tentou separar-se de seu pai, motivada pela repetição de experienciar situações violentas. Tal tentativa que durou meses, tempo suficiente para que genitora percebesse-se incapaz de criar uma criança sozinha, a reconciliação desvela cenas anteriormente vividas, numa constante de agressividade, maus-tratos, desencadeando mais tarde um processo de separação definitivo.

Por volta dos quatro anos de idade Sara viu sua mãe, motivada pela violência doméstica, partir deixando-a com seu pai e as três irmãs mais velhas, encerra-se aqui a participação de sua genitora nas primeiras cenas do enredo de sua vida, a segunda e última cena só aconteceram quarenta anos mais tarde.

Segue-se um período de intensos conflitos no núcleo familiar, o que resultou num desgaste das relações seguido pelo casamento da irmã mais velha de Sara, numa fuga diante da violência que se assemelha ao papel um dia desempenhado pela mãe.

Quando Sara tinha em torno dos quatro ou cinco anos de idade seu pai resolve unir-se a outra mulher, almejando que essa pudesse auxiliá-lo nos afazeres domésticos e na criação das três filhas que permaneciam sob sua responsabilidade. Veio então Marta, a madrasta, num primeiro momento me apresenta a madrasta como aquelas de contos de fadas.

*Ela me batia por tudo, o tempo todo, todos os dias, pelo menos umas duas vezes, mas eu também não era fácil, e uma pessoa assumir filhos dos outros, também não é fácil, e ela nem filhos teve o que fez, foi cria filho dos outros, e ainda apanhava. Sei que ela fazia para meu bem, fez o que minha mãe não fez (SARA).*

Aos poucos pude perceber que os maus tratos deferidos por Marta, eram verbalizados com certa leveza, menos intensidade e dor se comparados aos provenientes da relação com o pai, sempre interrompidos por uma fala engasgada, atravessada por lágrimas, pausas e mudanças bruscas de assunto. *Não sei por que falar disso.*

As lembranças de Sara no início das sessões referente à conduta de João são vagas, espaçadas, às vezes reticentes, o que lembra é da dor, que ainda hoje é muito presente, engasgada em choros lembra que *ele não foi um pai, ele era um monstro*. Marta quando soube o que de fato ele fazia com Sara, abandona-o também, mas num espaço curto de tempo reconcilia-se, acreditava que diante de sua ausência as atitudes do mesmo para com a menina poderiam ser muito pior.

Com o argumento de estar preocupada com o bem estar das crianças, Marta persiste por anos tentando permanecer no casamento, tentativa permeada por uma constante de agressividade. No entanto, quando Sara entra na pré-adolescência, ocorre a separação definitiva.

Em nenhum momento Sara sequer desconfiou que durante todo esse tempo – oito anos, a madrasta pudesse saber da conduta de seu pai, o que ela só veio tomar conhecimento após a separação. Acreditava, que caso ela soubesse, iria deixá-los como sua irmã e sua mãe já haviam feito, imaginava-se culpada pela conduta do pai, por não conseguir limitá-lo.

Na pré-adolescência quando a Marta resolveu ir embora como uma espécie de protesto ou um basta na violência vivenciada, Sara acreditou ter sido em vão, pois dias após tal fato, ela foi expulsa de casa, o pai alegava que não a queria sob seus cuidados, uma vez que ela andava de namoricos *com outros homens, e isso ele não aceitava*. O que Sara alega ser uma inverdade, sua tentativa era em ter amigos, algo que não existia em seu universo social.

Sem frequentar escola, ou qualquer outro ambiente social desde criança, sua rotina restringia-se no núcleo familiar, sempre trabalhou na lavoura o que a mantinha todo o tempo sob os “cuidados” de seu pai. Assim, sem referência de vínculo fora do ambiente familiar. Sara, ao ser expulsa de casa, recorre à primeira oportunidade que lhe aparece:

*Conheci esse senhor depois que saí de casa, ele disse que iria me ajudar, e ajudou, foi quem me acolheu, me levou para um bar de mulher. Aos doze anos iniciei nessa vida, tinha muitos clientes, o que resultava em ciúmes ou mesmo briga com as outras meninas, mas todo o dinheiro ficava com ele e com a dona do bar. Como a cidade era pequena, meu pai e minhas irmãs se afastaram definitivamente de mim (SARA).*

Diante de sua realidade, acreditava não ter opção, os vínculos familiares foram cortados, relações de amizade não existiam, a única coisa que lhe parecia possível naquele momento, era, manter-se *no bar de mulheres*. Por muito tempo sentiu-se desprezada pelas pessoas da cidade, algo que não conseguia compreender, *as pessoas me olhavam como se eu fosse um verme, a senhora sabe como é, mulher de bar em cidade pequena*.

Relata não ter opção, *uma vez prostituta, sempre prostituta*. A possibilidade de ter outro trabalho, de retomar o convívio familiar, ainda que fosse só com as irmãs, torna-se algo muito distante. Como refrigerio, diante do que vivenciava no bar, lembra-se dos “cuidados” dispensado pelo pai, e vê na prostituição um acalento por não ter que conviver, que se assujeitar ao domínio do mesmo, de receber o tratamento que lhe era oferecido.

Lembra-se que no bar, às vezes, chorava por ter que se submeter às relações sexuais violentas, agressivas, inclusive fisicamente, sem desejo e com desconhecidos, normalmente homens muito grosseiros, peões, por se tratar de uma região de fazendas, marcas do início de sua vida sexual que perduram até os dias atuais. Houve momentos em que tudo estava precário, a relação com as demais moças do bar eram conflituosa, os clientes violentos, sentia

saudade, falta de algo, mas sabia que não era de casa, pois lá era muito pior. *Só sei que às vezes doía muito ficar ali, mas não tinha opção.*

Nesse período, engravidou, foi um período bem conturbado, foi para a maternidade teve o bebê, mas não retornou com ele do hospital para casa – o bar – procurou, sem sucesso, encontrar sua filha, a cada busca uma frustração, a dona do bar alegava que a criança havia morrido ainda no hospital. Mas Sara nunca pode confirmar se essa versão era verídica. Afirma veementemente que a criança foi levada pela dona do bar, uma vez que o ambiente não era propício para criar uma criança e poderia trazer complicações para a dona do estabelecimento perante a justiça. Por outro lado, Sara era entre as “*meninas*” a que tinha uma clientela maior, o que a permite concluir que a cafetina age pensando em não atrapalhar o andamento dos seus negócios.

Diante da frustração, ela tenta segurar em algo que seja menos doloroso, busca uma referência positiva em estar ali. Relata que:

*Nem sempre era tão ruim, tinha pessoas boas também, e eu gostava do negócio (sexo). Mas não podia ficar só nisso, tinha que ser com todo mundo. Tinha momento que não adiantava lembrar como era ruim em casa, de que tinha vez que tinha clientes bons, as lembranças da minha filha que levaram me derrubavam, dava uma deprê. Foi nesses momentos que aprendi a ir para as drogas, você faz tudo sem nem ver o que tá fazendo [...]. Por mais de ano fui drogada, bêbada e prostituta, e foi aí, nesse lugar que conheci meu marido, bêbado como eu, drogado como eu, só não se prostituía. Não poderia ser coisa boa né! (SARA).*

Tentou em vão encontrar nele alguém que pudesse fazer algo por ela, para cuidá-la e protegê-la, aquele que viria ser seu marido, num primeiro momento surge como uma possibilidade de ser esse alguém, no entanto, diante dos primeiros contatos, na perspectiva de um envolvimento amoroso, depara-se com a indisposição do mesmo em ocupar o lugar almejado por ela. Entretanto, tal indisposição não foi suficiente para despertá-la ao que seria esse envolvimento conjugal, persiste mesmo sabendo que o moço estava em dissonância ao que, aparentemente, buscava.

*Sabe, queria um marido alguém com quem pudesse contar que iria gostar de mim, me cuidar. Fiquei só na vontade, ele saía pra jogar, bebia e voltava bêbado para casa, daí já viu o pau comia, apanhava sem nem saber o porquê.*

Há 34 anos uniu-se maritalmente, com aquele que denomina de *meu veio*, na época com quatorze anos de idade. Desde o início não sabe precisar se um dia foi bom, antes mesmo da união, já brigavam e se agrediam, *achava que depois que casássemos, morando junto, um cuidando do outro, ele iria melhorar*. Na verdade percebeu que com o decorrer do tempo, a convivência ficava cada dia pior. Sentia-se desrespeitada, aprisionada, pois sua vida pregressa interferia na possibilidade de construir vínculo de confiança. Havia momentos em que era excluída, outros em que se excluía devido sua vida pregressa. Passou muita fome nesse período, *não tinha dinheiro nem pra droga*, roubava frutas no quintal da vizinhança para alimentar a si, e mais tarde, a seu casal de filhos.

Foi uma vizinha de Sara quem lhe questionou, *porque você não trabalha? Você é jovem, tem dois filhos para sustentar, não adianta esperar por marido*. Essa moça lhe arrumou um trabalho de doméstica. Sara lembra o quanto foi difícil, por não saber sequer que tinha que limpar os móveis, algo que nunca teve em casa, ou mesmo passar uma roupa. Foi com muita persistência e ajuda das *pessoas boas*, que ela conseguiu criar seus dois filhos e morar com dignidade.

Por todo esse período em que trabalhava como doméstica, Sara voltava para casa, após um dia de trabalho, e levava uma surra, que se justificava na suspeita de traição, uma vez prostituta, sempre prostituta, o marido insistia em dizer que o dinheiro que ela recebia era de clientes, dos serviços prestados como prostituta. No entanto, relata com riqueza de detalhes, e às vezes com uma pitada de humor, como aprendeu os afazeres domésticos.

*Às vezes a patroa vinha ensinar como fazer a limpeza da casa, passar a roupa, tirar pó dos móveis, eu nem sabia como fazer, lá em casa nem móveis tinha, por muito tempo nem casa eu tinha, a roupa vestia do jeito que tirava do varal, e cozinhar? Se eu comia fruta roubada dos vizinhos (risos). Mas foi assim que aprendi, e sei o que sei hoje, foi pelas casas das patroas que me ensinaram (SARA).*

*Ex-prostituta, ex-drogada, e hoje com um nome, mas sem vida. É assim que Sara se define com um nome de mulher casada, respeitada, porém, presa, sem liberdade, sem vida. Tem vez que eu saio e ele me segue, até para vir aqui, não posso ir onde quero, fazer o que quero, vivo na prisão.*

A droga e a prostituição comparecem no discurso de Sara como um estigma, algo do qual se envergonha, no entanto, presentifica em seu discurso, quando fala de si e não como o



outro discorrendo sobre seu passado, às vezes relata a estranhos, “amigas”, o fato de ter tido uma profissão que gostaria de esquecer que um dia exerceu, no entanto é ela quem a faz emergir.

Quando relata sobre sua vida pregressa, as peripécias que um dia fez, e ver o outro exclamar com ares de surpresa por ela uma mulher casada ter sido prostituta e drogada, vivencia a cena com certo contentamento, como se fosse um troféu a exhibir, um dia eu fui isso.

Ainda no início das sessões, começa a apresentar sintomas compatíveis com um quadro depressivo, já existente, e que serviu como uma das motivações e justificativa perante o marido, para a busca da psicoterapia. Paralelo inicia um tratamento psiquiátrico, que confirma tal diagnóstico. A partir de então, permanece com acompanhamento psicoterápico e psicotrópico.

Não raro os efeitos colaterais dos psicofármacos servem de empecilho para comparecer à psicoterapia, em determinado momento os ingere de maneira contra indicada e os excessos a deixa inviabilizada de sair de casa. Dopada falta à sessão, e depois se culpa por tal feito, algo que repete com certa frequência, mantendo intervalo em torno de três ou quatro meses.

Assim, com o passar das sessões, Sara percebe que seu processo de adoecimento tem estreita relação com esse aprisionamento, com sentir-se sufocada, *nem respirar eu posso*, em não poder mais trabalhar fora, a rotina e o estresse da casa a incomoda, relata ter muito resistência concernente aos afazeres domésticos. *Nunca gostei de ficar em casa trabalhando o dia todo para os outros chegar e sujar tudo num minuto.*

Hoje não vivencia agressão física como outrora, entretanto, vive ameaçada, torturada psicologicamente ao acordar no meio da noite com o marido afiando a faca aos pés da cama, aprisionada a uma relação, sem vislumbrar qualquer possibilidade de libertar-se. Observa que essa não é sua natureza, que sente falta de poder ir e vir.

*Hoje meu veio não me enforca como fazia antes, mas é pior do que se fizesse, vivo com medo, chego ter palpitação, nunca sei se posso fala sobre uma coisa e como ele vai reagir, nem sentar na frente de casa pra conversar com as vizinha, fala que fico ali procurando homem. Devia mesmo já que ele não funciona, mas se eu fizer isso*

*ele me mata, vive falando que eu sou dele, e que devo ficar com ele para sempre, se eu não quiser morrer é claro (risos) [...]. Acho que ele faz isso porque ele é brocha, e sabe que eu sinto falta de sexo (SARA).*

Sara discorre sobre o que sente pelo marido, o que denomina como *nada*, nem de bom nem de ruim, não sente nada por ele, vive com um homem que não a desperta em nada. Entretanto, ele insiste em dizer que irão envelhecer juntos, o que inviabiliza qualquer possibilidade de romper com o mesmo e sustenta sua permanência ao lado dele. *Eu queria que ele aceitasse me deixar ir, quando ele tá manso falo, meio com calma, que gostaria de viver minha vida e que ele fosse viver a dele, mas ele nem me ouve.*

É como se seu marido afastasse qualquer possibilidade de separação, entretanto, em outro momento, Sara relata uma prática comum dentre as atitudes do marido, em que ele atende sua ligação e ao término não desliga o aparelho de celular. Não raro ela é surpreendida ouvindo conversas dele com outras mulheres com as quais tem envolvimento amoroso. Observo as tentativas de justificar o comportamento do marido diante do aprisionamento, como se racionalizasse o fato de estar aprisionada ao mesmo. Tal fato se repete diversas vezes no decorrer das sessões.

Fala de seus desejos, vontades, do que gosta de fazer, dançar, sorrir, ficar no meio de pessoas, mas acaba tendo que se moldar ao que o marido permite que ela seja. Hoje o único motivo pelo qual sai de casa é para ir ao médico ou ao psicólogo, entretanto, quando apresenta uma melhora significativa, no que concerne aos sintomas da depressão, fica proibida de retornar às sessões, *ele fala que vir aqui tá me deixando diferente, que estou mudando, inclusive com ele.*

A proibição de que Sara saia de casa inclusive para as sessões, já se repetiu por quatro vezes até o momento, em uma delas, ao tentar sair de casa para ir, ele disse que se ela insistisse, não chegaria viva ao CAM, *sei que ele tem arma, vive nesses bares, ainda que ele não faça, mas manda alguém fazer, nem pensa em nada, nem no fato de ser mãe dos filhos dele, na verdade os filhos são meus, pois ele nunca esteve nem ai.*

Quanto aos filhos, hoje adultos e casados, Sara observa que são conhecedores da conduta do pai, no entanto, não esboçam qualquer reação diante das atitudes do mesmo, a filha mora em outra cidade, e o filho, vizinho deles, repete o comportamento do pai na relação com a esposa e com a mãe.

O período de ausência ao tratamento repete-se por três, quatro meses em média. Quando Sara retorna, está visivelmente abatida, a expressão facial, olhar triste, o andar prejudicado pela coluna *entrevada*, o ganho de peso, somado a tremores, calafrios, taquicardia, angústia e ansiedade. É como se ela tivesse que chegar a uma condição degradante para que ele permita o retorno, inclusive é ele que vai agendá-lo, momento em que lembra à atendente do CAM, que seja pontual, para que ela não tenha que atrasar no retorno para casa. Pude perceber a tentativa do marido de Sara em controlar inclusive o andamento da instituição, ou mesmo o tempo em que sua esposa passa na mesma. Uma vez que não há registros de atrasos em seus atendimentos.

No último retorno de Sara percebi que estava mais abatida que os anteriores, uma aparência desolada, vestia-se diferente do costume (calça, camiseta e tênis), acima do peso, cabelos cortados bem curtos, sinto-a diferente como se estivesse vivenciando uma metamorfose. Com voz trêmula, chorosa, questiona porque não liguei para ela para agendar as sessões, que queria voltar, mas esperava por essa ligação. É como se esperasse por alguém para fazer por ela o que não consegue fazer por si, passiva diante do outro espera ser cuidada.

Nesse atendimento, após dezoito meses em psicoterapia, Sara cobra que eu a cuide além do que foi estabelecido em contrato psicoterapêutico, solicitando seu retorno perante o marido, intervindo junto ao agressor, como esperava que ele o fizesse quando a conheceu tirando-a da prostituição para cuidá-la, ou ainda o que esperou por parte da madrasta. Fala em ser cuidada, protegida e de forma quase que compulsiva, com voz embargada pelo choro, relata minuciosamente os maus-tratos e abuso sexual sofrido por parte do pai, lembra que teve início aos quatro anos de idade e perdurou até a pré-adolescência (doze anos), quando foi expulsa de casa. Com o tempo, quando a madrasta veio morar com a família, lembra-se de viver em constante insegurança, apreensiva, temia que a mesma soubesse o que o pai fazia com ela, e fosse embora como fez sua mãe e sua irmã, relembra as travessuras que fazia para ser punida e ter que ficar próximo à madrasta.

*Ela me deixava de castigo debaixo dos olhos dela para que eu não fugisse, e fosse aprontar novamente, e era isso que eu queria, ficar perto dela ainda que fosse para apanhar ou de castigo. Desse jeito, se ele chegasse não podia fazer nada comigo, eu estava de castigo (SARA).*

Percebo que o *eu estava de castigo* repercute como se eu sou protegida, o castigo, a punição física, ganham status de benignidade, por protegê-la do abuso sexual. O que repete na fase adulta, quando se submete aos maus tratos do marido como forma de ser protegida.

*Ele devia me proteger, nunca fez. Ficava passando a mão em mim,[...]e eu tinha que aguentar.[...]A criança é um ser frágil, precisa ser protegida. Aos quatro anos vivia na porta do banheiro quando ela ia tomar banho, tinha medo que ela fosse embora, por isso não contava nada para ela. Minha mãe já havia ido embora, não queria isso de novo (SARA).*

Ficava na porta do banheiro almejando impedir que Marta fosse embora, cuidava para não perdê-la, omitia os abusos e violência deferidos pelo pai, por acreditar que, caso ela soubesse, faria o mesmo que a mãe e a irmã mais velha fizeram, iria embora. Faz um paralelo entre a postura do pai e da madrasta, acredita que ela foi muito mais mãe do que ele foi pai.

Sara lembra que a madrasta, cansada de ser agredida pelo marido, foi embora, mas percebeu que sem ela por perto, João iria estuprar Sara, então reconcilia como uma forma de protegê-la. *Mas eu só fui saber disso quando adulta. Se soubesse antes que ela sabia!*

*Às vezes penso que ela achava que eu gostava, por isso não falava nada, na verdade eu tinha medo que ela me abandonasse.*

Nesse sentido, os conflitos e questionamentos que Sara vivencia referente à infância estão muito recentes, com afetos por serem ligados, elaborados, apesar de distante, cronologicamente, do fator desencadeador. Ser ou não protegida, ter de fato quem a cuide, um cuidador que a agride, agressão vivenciada como algo de bom, ou menos doloroso diante de outro fato, ser culpada pelo abandono, *achava que eu gostava*. De forma passiva diante dos agressores, Sara fica como se olhasse a vida passar.

Após relatar-me suas experiências dolorosas, inicia sua fala justificando-se, como se fosse necessário um pedido de desculpas por ouvi-la narrar situações de dor entremeadas por soluços, expressão facial angustiante e muitas lágrimas. Desta forma, assujeitar-se ao que imagina serem as necessidades do outro é uma prática constante e diária na vida de Sara, levando-a a deferir um pedido de desculpas, por ter chorado durante a sessão.

*Desculpa, não queria chorar hoje, disse que hoje não ia chorar, mas é que não consegui, nunca falei disso com ninguém, é uma descarga, alivia, sabe como é!? Acho que eu deveria ter feito isso antes, mas ainda doe muito falar disso (pausa,*

choro, inspira profundamente e solta levemente numa expressão de alívio) [...] *em pensar que depois de tudo o que ele fez comigo, ainda me jogou no mundo. Sinto que para ele é como se já que eu não posso ficar com ela, também não quero mais aqui (SARA).*

A fala referente à postura do pai denuncia o conflito existente na relação entre pai e filha, ser jogada no mundo aos doze anos foi o que coube a Sara, ser punida, como se a responsabilizasse pelo ato. Ser punida por *estar com outros homens* que não o pai

Nas sessões que se seguiram, a paciente não mencionou, ou fez referência ao pai como monstro, algo comum em outros momentos, ao contrário chegou a percebê-lo como um velho que necessita ser cuidado, apesar de não se ver nessa condição. Relata que ele encontra-se enfermo, algo que lhe desperta culpa por ter diversas vezes, desejado que ele pagasse pelo que fez, que pagasse com muita dor e sofrimento. *Parece que a praga pegou.*

Sara cuida do outro, inclusive do marido, desde os tempos da vida no bar, há momentos que em sua casa, tem ao menos o dobro de pessoas, são os agregados que traz para junto de si. Além da filha adotiva, a pré-adolescente, tem também um neto com seis anos de idade, filho da filha que está sob sua responsabilidade, há também as sobrinhas que vivem se refugiando de situações de violência doméstica, sendo acolhidas em sua casa.

As duas crianças, por repetidas vezes, serviram de justificativa para que ela permanecesse na companhia do marido. No entanto, com o tempo percebe que, ambas tem quem as cuide, e no momento certo terá para quem devolvê-las.

Hoje Sara trabalha na economia informal, consegue manter-se financeiramente, como sempre o fez. Outrora a realidade financeira, também lhe serviu de motivo para permanecer no casamento, no momento, já não se convence mais.

*Eu sei que se eu não fizer por mim ninguém vai fazer, se eu não trabalhar, volto a passar fome, pois o benefício que ele recebe do governo é muito pouco, e ele vive pelos bares.*

Sara por muito tempo, verbalizou que o marido seria o provedor da casa, no entanto, sua fala era contrariada após outros relatos, em que se queixava das privações, de ter que trabalhar, ainda que seja na informalidade. O fato de seu velho ter uma deficiência física, o impede de trabalhar, desde que o conheceu ele é um beneficiário do INSS, nunca trabalhou, o benefício que recebe do governo, é exclusivo para suas despesas nos bares.

Observa ainda que, tem se levantado diante de imposições do marido que não concorda com tudo como outrora, teme a agressão, mas o fato dele não poder correr, devido à deficiência física, dá uma sensação de autoproteção, de segurança, [...] *quando eu o provoco, faço sempre à distância, para que ele não me acerte.*

Há momentos em que os papéis se misturam, ora ela é agredida, verbalmente, ora ele, numa troca simultânea de papéis.

Hoje Sara verbaliza acreditar que suas crises de pânico, seus medos tiveram origem quando vivia nos bares, rodeada por situações de violência, agressão, insegurança e ameaças.

Com o tempo, os relatos referentes à mãe surgem de forma nostálgica, lembra o que ela fez indo embora e deixando-a a mercê da própria sorte, no entanto, tão logo pontua que não considera a atitude dela como ruim, ao contrário, fez o que devia fazer, sair daquela vida, e relata que gostaria de fazer o mesmo, ter força suficiente para sair dessa situação.

*Minha mãe fez o que não dou conta de fazer, sair dessa vida, parece que fui criada para ser submissa, para viver com medo, antes era meu pai e minha madrasta, vivia com medo da morte, agora o Marido. Não vivo minha vida, vivo a vida dele, minha distração, meu passeio é vir aqui, ir ao posto de saúde e no hospital (SARA).*

Questiono Sara, se vir às sessões, é considerada uma programação de distração. Reforça que sim, o mesmo não sente em relação ir ao médico.

*Sim, vir aqui sim, as outras não, acho muito ruim só falo brincando, mas aqui é onde posso ser eu de verdade, falo choro, sou eu, em casa tenho que pensar o que falar, vivo tensa, lá eu vivo a vida do marido, o que ele quer, como ele quer, finjo ser alguém que não sou. Lá eu vivo com medo, com medo (SARA).*

Sara vive de “aparências”, representando em sua própria casa, teme ser surpreendida pelo marido que poderá perceber o quanto ela finge ser alguém que na verdade não é. Por outro lado, sabe que se for autêntica, se for ela mesma não será aceita e inclusive poderá ser agredida fisicamente como foi em outros momentos, [...] *ele não pode nem me vê sorrindo [...]. Não pode ser ela mesma.*

*Não quero voltar para o mundo, para aquela vida, não quero virar uma alcoólatra, drogada e prostituta como era antes de casar com ele, quero viver a vida que levo hoje, mas com outro homem, que eu goste dele, não com meu marido. Mas tenho medo (SARA).*

Nesse momento a questiono se sem o marido voltaria a ser alcoólatra, drogada e prostituta? Sara, fala do medo do que ele pode vir a fazer, que a justiça não vai dar segurança, mesmo com a existência da lei. *No dia a dia, vou ter que me defender só, ele vai vir atrás de mim.* O medo consciente é do que o marido venha a fazer.

Na sequência relembra o que a mãe fez um dia, num misto de admiração e reprovação, um anseio em querer ser como ela, e uma angústia por ter ficado, sente-se culpada por ter ficado. O discurso referente à mãe vem sempre permeado por ares de bondade, heroísmo, ou mesmo vítima, em nenhum momento faz menção pejorativa no que concerne a conduta de Lia.

Em seguida, lembra que a madrasta foi forte e persistente ao ficar, pensando nos cuidados, e na segurança das crianças, principalmente da pequena Sara. É como se aos poucos, a mãe com ares de santidade fosse comparecendo em seu discurso com um deslocamento do lugar imaculado, de heroína, chegando a ficar no mesmo lugar que a madrasta malvada, que bate, mas foi quem ficou para cuidá-la.

Hoje verbaliza que não vai embora para não repetir o feito da mãe biológica, gostaria de ter a coragem dela, mas não quer deixar as crianças, no entanto, as crianças que teme deixar, são aquelas de terceiros, que toma para si e que assume, mas que tem um cuidador. Responsabiliza-se por filhos alheios, numa repetição do assujeitamento, como fez sua madrasta.

O ciclo de repetição perdura durante as sessões, assim como a percepção do aprisionamento, que a cada dia, segundo Sara, fica ainda pior, ao que ela identifica como sendo o fator propulsor de seu adoecimento.

A cada dia tenho estado mais presa, agora até para ir no portão é difícil, ele quer saber o que tanto faço no portão, mas se fico dentro de casa dormindo também é complicado, pois ele quer saber se não tomei meus remédios, se fico na TV reclama, se vou pro computador, fica bisbilhotando, quer saber com quem estou teclando. Tem hora que eu dou risada, ele fica atrás de mim olhando para as conversas, mas ele nem sabe ler (risos). Tem vez que eu estou pesquisando sobre as roupas, nem sempre é conversa com alguém. (SARA).

É como se a cada vez que cede às exigências do marido, acreditando ser o caminho, percebe que ele apresenta novas exigências de forma cíclica que se repete. Levando Sara a verbalizar no final da sessão, mediante ao descontentamento de retornar para casa para seu aprisionamento - Sara me olha fixamente e diz: *É tenho que ir embora dormir com o inimigo.*

## **5.2.1 Análise**

### **5.2.1.1 Máscara da Feminilidade**

No decorrer do processo psicoterápico, a dificuldade de Sara em identificar aquilo que tem como sonho, um anseio, vai aos poucos sendo desvelado, logo que iniciam as sessões, não relata algo que faz menção a si, seus desejos e suas vontades, o que quer para si. Está sempre se referindo aos desejos do outro, a ela o que compete *é uma vez prostituta, sempre prostituta*, foi [...] *jogada nessa vida.*

Sara sempre manteve um posicionamento de assujeitamento frente às experiências que vivenciou, com uma passividade masoquista diante da vida, presente em seu discurso desde o momento em que é deixada com o pai, e vê a mãe partir, toma para si essa *culpa*, o que repete na relação com a madrasta, na qual vive com temor [...] *tinha medo que ela fosse embora, por isso não contava nada*, bem como quando *é jogada na vida.*

Quando analiso a relação objetal originária experienciada por Sara, percebo um misto de sentimento negativo, desprezo e uma idealização do objeto primevo. Os relatos por ela apresentados, falam em ser levada ainda no ventre da mãe, como fuga da relação amorosa violenta, no entanto, ser deixada com o agressor, vivenciar uma infância e pré-adolescência, permeada por agressões, ser violentada, sofrer abusos e maus-tratos, a remete a uma imagem idealizada do objeto original, que comparece num entrelace com ser desprezada, experimentar a própria sorte diante do desejo, e das necessidades do outro.

A pulsão, na busca por satisfazer-se, encontra seus olhos, sua boca, sua voz e seu rumo na dialética do discurso amoroso. No entanto, a preleção amorosa, não recobre somente o que é compreendido como os belos gestos ou as belas e doces palavras, mas também os mais odiosos e estúpidos gestos (VALDÍVIA, 1993). [...] *foi ai, nesse lugar que conheci meu marido, bêbado como eu, drogado como eu, só não se prostituía. Não poderia ser coisa boa*



*né!* Sara casa-se e toma para si um discurso de que acreditava na possível mudança ou transformação do marido, uma vez que, era conhecedora do comportamento violento e agressivo do mesmo.

Ao acreditar na mudança do outro, compreendo o discurso de Sara, diante da parceria amorosa numa perspectiva narcisista, que desvela sua necessidade, na busca por preencher suas faltas. No entanto, recorrendo à Freud (2006 [1905]) é possível afirmar que tais faltas jamais serão preenchidas. O sujeito busca no outro preencher sua falta que toca na ferida narcísica, repete numa busca em um estado que fantasia ser de plenitude.

Ao tomar essa busca numa perspectiva Freud-lacanianiana concernente ao regime do desejo, de um gozo não-todo, em que somente uma parcela da pulsão obterá satisfação, o desejo será posto como a expressão dessa falta de satisfação absoluta, o que remete a uma busca incessante de novos objetos, na tentativa de obter esta satisfação almejada e jamais alcançada. Nesse sentido, o amor pode ser pensado como aquele que tem uma participação especial, na função de estabilizar a relação sujeito-objeto. Ou seja, o amor vem tentar preencher a falta que no campo do desejo jamais será preenchida.

Freud (1920 [2006]) considera que a vida é uma tentativa de retorno ao passado, ao estado original inorgânico, ao estado do qual afastou, mas esforça-se por retornar. O que o permitiu afirmar que no interior do ser há um movimento em direção à vida, uma espécie de ânsia em querer voltar ao momento da imobilidade, uma tentativa de regresso ao estado original. O retorno ao inanimado é inerente ao ser vivo, “Se tomarmos como verdade absoluta que tudo o que vive morre por razões internas [...] seremos então compelidos a dizer que o objetivo da vida é a morte” (FREUD, 1920 [2006], p. 49).

Para Freud (1920 [2006]) a pulsão de morte deve ser entendida como uma tendência ao inorgânico, como redução completa da tensão, um retorno da substância viva à inanimada. O caráter compulsivo repetitivo da pulsão desvela a busca por um momento anterior, um retorno à redução completa de tensão, o nirvana.

Nessa perspectiva, ela tenta justificar a conduta do marido, racionaliza seu comportamento promíscuo, inclusive deixando em dúvida questões referente à sua libido, na ânsia em dizer que o que ele faz seja de fato por amor, já que *ele é brocha*, persegui-la e

cercear sua liberdade pode ser entendido como uma manifestação desse amor que teme perdê-la, e não mais como uma atitude a ser repudiada por ela.

Freud (1914b [2006], p.83) em seu texto “*Sobre o narcisismo: uma introdução*” discorre sobre libido do ego e libido objetal, em que considera “Quanto mais uma é empregada, mais a outra esvazia. A libido objetal atinge sua fase mais elevada de desenvolvimento no caso de uma pessoa apaixonada, quando o indivíduo parece desistir de sua própria personalidade em favor de uma catexia objetal,”.

Entendo que há maior investimento libidinal no objeto, e quanto mais Sara investe no mesmo, mais se esvazia, vazio o ego torna-se dependente, ou seja, quanto mais ela investe no outro, mais dependente torna-se desse outro, o marido. No decorrer do processo psicoterápico, constrói vários elementos que justificam sua dependência, num primeiro momento os filhos, mais tarde o neto e a filha adotiva, o financeiro. No entanto, percebe que, dentre eles o único que permanece é o medo, mesmo sabendo que se mantiver uma distância de três metros longe dele, conseguirá proteger-se, considerando que o mesmo é deficiente físico e não consegue correr, o que me autoriza pensar em um medo que permeia o âmbito da fantasia, o homem objeto de suas projeções – forte viril, violento, mas que tem dificuldade de deambular.

Logo, sua escolha pode ser pensada como uma inclinação sexual por pessoas que se assemelham àquele que protege e cuida, conforme mencionado em Freud (1914b [2006]), quando situa o desejo por pessoas que se aproximam àqueles que ofereceram cuidados e proteção à criança.

*[...] eu havia aceitado me casar para ter alguém que cuidasse de mim, mas isso nunca aconteceu sempre tive que me virar roubar fruta nas árvores [...].*

Casa-se pensando em ter um marido que se assemelha ao que compete a função do cuidador, aquele que iria protegê-la, no entanto, o que vivenciou, contraria a tal competência, *sempre tive que me virar*, essa fala comparece com certa frequência em seu discurso. Diante de uma autoanálise no *setting* conclui que muito cedo teve que exercer o autocuidado, no momento em que dependia do outro para ser cuidada, foi o período em que era abusada sexualmente pelo pai contrariando suas expectativas.

Para Sara a figura masculina ocupa um lugar valoroso em sua vida psíquica como um significante de algo que não se desfaz. O lugar concedido ao homem mantém uma íntima

ligação com o lugar daquele que protege que cuida, o que a sustenta presa numa relação permeada pela constância de diversas formas de violência.

Não sabe nomear o que sente pelo marido, *às vezes ódio, desprezo, ou mesmo consideração por ele cuidar de mim*. No entanto, o que ela identifica como cuidado, é uma atenção que lhe é dispensada somente quando ela está muito ruim *entrevada da coluna, ou com crise de pânico*, que ele a despensa algum cuidado, como levá-la ao médico, ou buscar os remédios na farmácia, mas inclusive cabe a ela todas as despesas, acredita que o pouco que ele faz é para manter uma aparência. No entanto, esse é o lugar que ela reserva a ele, como cuidador.

Sara percebe o marido sob a óptica de sua fantasia criada em torno do objeto amoroso, o que a impede de ver que os cuidados por ele dispensados poderiam ser facilmente substituídos por um prestador de serviços. Ou seja, ir à farmácia comprar o remédio.

No entanto, ao adoecer, caracteriza ser o sintoma das perversões do marido, que a impede de fazer o tratamento, busca criar situações para que ela saiba de seus envolvimento amorosos, chantageia ou mesmo ameaça-a diante de qualquer menção de sair de casa. É como se houvesse uma necessidade em mantê-la doente, para então “cuidar”, percebo como um dos recursos que ele desenvolveu, com o decorrer do convívio conjugal, para tê-la dependente, ou o discurso que ela se apropria para justificar sua permanência ao lado de seu esposo.

Sara diz ter nojo do marido, não sente desejo por ele, *ter relação sexual é um sofrimento, tenho nojo dele, acho que é isso que me adoecer, ter que ficar com alguém que você tem nojo é muito difícil*. Chama-me a atenção quando verbaliza – *tenho nojo e você tem nojo*, questiono quem tem nojo? Ao que ela responde ser um *jeito de falar*, falar de si na segunda pessoa, com certo distanciamento – *ficar com alguém que você tem nojo*.

Sua fala desperta dúvida concernente ao sofrimento de estar ao lado desse homem, desejo e repulsa, qual sentimento? Ficar com alguém com quem *você* tem nojo. Teria implícita, a necessidade de rejeitá-lo, ele que a trai com outras *mulheres de bar*? Algo que assemelha ao que um dia ela foi, no entanto, hoje é uma mulher casada, respeitada, mas depara-se com o marido que deseja *a mulher de bar*. Poderia aqui remeter-me à mascarada? Pensar a mulher na qual ela se transformou para ter um homem, nega sua pulsão libidinal,

para ser respeitada, protegida e cuidada por esse homem, no entanto depara-se com a falta, investe e encontra-se faltosa, com o agravante de não poder viver a vida de antes.

Sara ao ouvir as conversas do marido com as supostas amantes, fecha-se, desencadeia um período de enclausuramento, sem se relacionar com qualquer um dos membros da casa, aceita sem questionar as proibições de ir às sessões de psicoterapia, chegando a verbalizar que tem vontade de desistir de tudo, inclusive do tratamento. Observo a manifestação da pulsão de morte, a inércia como uma forma passiva de lidar com o que vislumbra ser impossível. No entanto, esse é o período em que ela é cuidada por ele, é quando não se faz necessário brigar para fazer o tratamento, ele vai à busca de ajuda profissional, confirmar os horários das sessões.

O que o marido consegue fazer por ela, parece ser o suficiente quando se está acostumada a valorizar algo que seja menos dolorido, como quando criança, aprendeu, numa postura que lembra uma relação masoquista, a contentar-se com as surras da madrastra ao tratamento dispensado pelo pai.

Freud (1905 [2006], p. 150) ao discorrer sobre o par de opostos – sadismo-masiquismo, “reconhece que o masiquismo não é outra coisa senão uma continuação do sadismo que se volta contra a própria pessoa, que com isso assume, para começar, lugar do objeto sexual”. O masiquismo é na verdade o sadismo contra o próprio sujeito autor da ação, de forma compulsiva, repete a dor contra si mesma, anula-se e assujeita-se ao outro numa compulsão à repetição que referenda à pulsão de morte, colocar-se em situações incertas, insegurança que atende ao que o marido espera.

Freud (1924 [2006],) identifica que o:

[...] sadismo primário - é idêntico ao masiquismo. Após sua parte principal ter sido transposta para fora, para os objetos, dentro resta como um resíduo seu masiquismo erógeno propriamente dito que, por um lado, se tornou componente da libido e, por outro, ainda tem o eu (self) como seu objeto (p. 182).

Sob o domínio da pulsão de vida, parte da destrutividade é lançada para fora, almeja a satisfação ao livrar-se de tal parte. O organismo através da musculatura expulsa elementos da destrutividade, por outro lado, ou paralelo, a outra parte que não foi arremessada para fora, permanece no interior do organismo, como um resíduo, como resquícios da agressividade. É justamente esse resíduo que vai constituir o masiquismo original.

Para Freud (1924 [2006]) em ambas as pulsões tratam-se “de um relacionamento entre ego e o superego [...] o que está envolvido é uma necessidade que é satisfeita pela punição e pelo sofrimento” (p. 186).

Sara conta que:

*Sempre foi assim, com o tempo só tem feito piorar, é como se ele gostasse de me ver mal, para então me cuidar, se me vê sorrindo, tenta me bater, me humilhar. Ele acha que se estou feliz, é porque tenho outro homem, pois ele não me deu nenhum motivo para sorrir. E deveria mesmo ter outro homem pois ele é brocha (SARA).*

Numa perspectiva do masoquismo feminino Freud (1924 [2006]) observa que:

Os desempenhos da vida real de pervertidos masoquistas harmonizam-se completamente com essas fantasias, quer sejam os desempenhos levados a cabo como um fim em si próprio, quer sirvam para induzir potência e conduzir ao ato sexual. Em ambos os casos – pois os desempenhos são, no fim das contas, apenas uma execução das fantasias em jogo – o conteúdo manifesto é de ser amordaçado, amarrado [...]. A interpretação óbvia, à qual facilmente se chega, é que o masoquista deseja ser tratado como uma criança pequena e desamparada, mas, particularmente como uma criança travessa (FREUD 1924 [2006], p. 179).

Observo Sara numa relação que se assemelha à contribuição freudiana acima referendada, como se desejasse ser cuidada como a criança desamparada que um dia foi, travessa para ser “protegida” pela madrasta, até quando cuidada era por meio da punição.

Percebo que pulsão de morte permeia o comportamento da paciente, como se buscasse viver perigosamente, não consegue romper com o marido, no entanto, comporta-se de forma a deixá-lo inseguro, provoca-o no que concerne sua virilidade. Dessa forma, prevalece na relação com o cônjuge a supremacia dos investimentos narcísicos, obedecendo ao modelo que vai ao encontro à concepção do amor na psicanálise.

Viver perigosamente em situações permeadas pelo sofrimento é uma constante na vida de Sara, que repete com um teor de periculosidade que intensifica, como se a cada repetição a experiência dolorosa de outrora passasse a significar com menor intensidade. Diante da repetição de experiência dolorosa que se intensifica, acredito ser pertinente pensar as contribuições de Freud (1920 [2006]) ao considerar que a compulsão à repetição quando se

orienta pela pulsão e se opõe ao princípio de prazer, assume uma aparência de força ‘demoníaca’, de força avassaladora,

Soler (2005, p. 33) considera “Se a mulher se inscreve no par sexual apenas por “se deixar desejar”, sua posição como parceira do desejo masculino deixa na obscuridade a questão do seu desejo próprio que condiciona esse consentimento.” Sara consente a seu marido todas as solicitações e imposições que ele possa lhe fazer, verbaliza sentir-se prisioneira em sua própria casa, por não poder atender a suas necessidades, a seus desejos e ao próprio anseio – *Só queria sair para dançar, ficar no meio das pessoas, ser feliz*. No entanto, ela se priva de viver sua sexualidade, considerando que o marido, comparece em seu discurso como *brocha*, ela se abdica de viver sua sexualidade como gostaria, em função do desempenho do mesmo. Deixar na obscuridade seu próprio desejo em função do desejo do seu marido, o que presentifica em seu discurso:

*A cada dia tenho estado mais presa, agora até para ir no portão é difícil, ele quer saber o que tanto faço no portão, mas se fico dentro de casa dormindo também é complicado, pois ele quer saber se não tomei meus remédios, se fico na TV reclama, se vou por computador, fica bisbilhotando [...]* (SARA).

Aos poucos Sara vai cerceando sua liberdade, a cada exigência imposta pelo marido, ela cede. Sem percepção de menor chance de mudança, repete a postura diante de tais imposições.

A necessidade de ser amada, desejada comparece em sua fala quando faz referência a seus medos, o medo de que [...] *ele vai vir atrás de mim*, ao mencionar as ameaças do marido diante das tentativas de separação. Embasada em suas fantasias de ser perseguida pelo marido, atravessada pelo desejo de ser amada, Sara mantém-se assujeitada a uma relação, a qual não pode ser ela mesma, vive fingindo, vivendo a vida do outro, o qual, não ama.

Lacan (1966a [1998], p. 701) ao versar sobre a demanda de amor que reduz o desejo à demanda, diz que “que é para ser o falo, isto é, o significante do desejo do Outro, que a mulher vai rejeitar uma parcela essencial da feminilidade, nomeadamente todos seus atributos na mascarada. É pelo que ela não é que ela pretende ser desejada, ao mesmo tempo que amada”. Sara molda-se ao outro, seu marido, ao que espera e deseja concernente a seu papel, como condição para ser amada.

[...] em casa tenho que pensar o que falar, vivo tensa, lá eu vivo a vida do marido, o que ele quer, como ele quer, finjo ser alguém que não sou. La eu vivo com medo. “Esta é a máscara da alienação primordial ao Outro” (MARCOS, 2011a, p. 278).

Ao fingir ser alguém que não é, poderia inferir com base em Lacan (1966a [1998]) que Sara reveste-se de uma máscara da feminilidade, “Fazer semblante de mulher, revestir-se de suas aparências, seria então uma maneira tortuosa de poder dizer da masculinidade inerente a ela” (GRANT, 1998, p. 5). Sara assume uma posição feminina como uma máscara para dissimular a masculinidade que lhe é inerente? “Feminilidade é da ordem do uso de uma máscara – máscara de aparência feminina”. Essa autora (1998, p. 4) versa sobre a saída para a feminilidade pelo lado do *ter o falo*, na qual aborda a feminilidade como mascarada, em que pela via da estrutura edípica: a feminilidade fala de um ser não se sujeita totalmente à castração.

O discurso de Sara sinaliza sua concepção de liberdade, para ela ser livre é ser puta – feminina e vaidosa como as mulheres do bar que atraem seu marido. No entanto, se escapa do mando do marido, depara-se com o não feminino, o que comparece nas mudanças visíveis em seu estereótipo – corta os cabelos bem curto, começa a vestir roupas com caráter unissex, troca a sandália pelo tênis, vai aos poucos abandonando o que a remete à feminilidade, a sensualidade. Feminino é ser mulher, puta, frágil e dominada, ser livre é ser homem.

Lacan (1972-1973 [1985]) situa o sujeito feminino como aquele que tem acesso a outro gozo, fora da lógica fálica; o gozo do outro ou gozo feminino “não pode ser dito, é rejeitado naquilo que subsiste entre os ditos, a título de indizível, de fora da linguagem”. (ANDRÉ, 1998, p.254). Dessa forma, as mulheres têm acesso a um modo de gozo real, que escapa ao domínio do significante, altamente destrutivo, pelo excesso da pulsão de morte diante da falta de modulação simbólica.

Percebo que Sara queixa-se de sentir-se aprisionada ao relacionamento conjugal, sufocada, sem *poder ir e vir*, o que a adocece. Mas ao mesmo tempo necessita do marido, de ser cuidada e protegida por ele, já que *uma vez prostituta sempre prostituta*, fala de forma repetitiva, sobre seus medos, teme voltar a ser [...] *drogada, prostituta e alcoólatra*. Ou seja, o marido de Sara desempenha o papel de controlá-la, é aquele que domina que controla, que dita às leis, enquanto compete a ela obedecê-lo, permitindo que seu homem funcione como um Supereu, do qual ela poderá se queixar (SOLER, 2005).

No entanto, penso que o homem significa para ela cuidado e proteção, algo que ela projeta e espera desse homem. Por outro lado, este homem, não necessariamente, atende a tal projeção, o que não interfere em uma mudança de significado.

Segundo Lacan (1956-1957 [1995]) o supereu surge como uma instância cega e repetitiva. E como tal desvela-se ao mesmo tempo como a lei e a sua destruição. Nesse sentido, é possível perceber que a liberdade não conhece outro limite senão à morte. A liberdade almejada e ao mesmo tempo temida por Sara denuncia suas expectativas no que concerne ser livre e o que fazer com essa liberdade, poder ir e vir, não necessitar ir contra sua natureza. Compreendo como se ela temesse ser livre e poder optar o que fazer, mas ser responsável por tal opção.

Sara teme a liberdade, teme o novo, o desconhecido, sempre viveu aprisionada, primeiramente pelo pai, depois o cafetão (aliciador) e até o momento o marido. Ter autonomia, ser livre é algo que desconhece. Estaria fazendo referência a uma liberdade em que seu mestre é a morte, seria esse o temor? Fantasia ser cuidada, protegida diante de qualquer ameaça, ou perigo, quando na verdade verbaliza estar *dormindo com o inimigo*, ele é quem representa ameaça a vida dela. Seria então uma fantasia de proteção, ou a proteção na máscara da feminilidade?

Nesse sentido, se tomar o amor na perspectiva da devastação atravessado pela pulsão de morte, é possível apreciar um amor sem limite, vinculado à dificuldade que a mulher tem de delimitar o outro, um amor como o gozo feminino, ilimitado, amor devastação, que necessita do outro para preencher sua falta. “Se, mais do que outro, tal amor se gaba de ser o que dá aquilo que não tem, [...] se esmera em fazer no tocante àquilo que lhe falta.” (LACAN, 1960b [1998], p. 744). Diante dessa necessidade, obsevo a repetição, como se a pulsão, ao repetir almejasse o retorno na busca por preencher essa falta.

Diante do aqui exposto, observo que a clínica surge como espaço que permitiu perceber o lugar que Sara ocupa e como as implicações desse lugar, de suas relações de vínculos repetem na transferência, a postura da madrasta ao assumir os filhos do marido, comparece de forma repetitiva no discurso de Sara ao justificar sua permanência na relação amorosa devastadora por não querer abandonar as crianças como fez sua mãe. Tal repetição desvela a posição passiva que ela assume na relação com outro, e espera que o outro faça por ela, que cuide.



Na devastação a menina defronta-se com o que há de irrepresentável no gozo materno. A questão do gozo entra em cena, não como experiência de prazer, mas como busca incessante de repetição, como algo da vida amorosa que vai além, que excede e permanece como da ordem do excesso, do sem limite (DRUMMOND, 2011).

Sara deseja o lugar de ser cuidada, ainda que para isso tenha que suportar os abusos, humilhações, e ameaças. E fantasia que seu desejo se realize quando se encontra enferma. Experiência abusos, agressões e humilhações em nome de um sentimento que configura um tipo de desígnio narcísico, é aquela que tudo suporta no intuito de ser acolhida.

Grant (1998) considera que diante do verdadeiro vazio o sujeito encontra máscaras que tem como função recobrir estes vazios, o que autoriza fazer a associação entre mulheres e semblantes, tomando o semblante como “algo cujo objetivo é o de velar o vazio, vazio que presentifica no real do corpo em parte dos seres humanos e que aponta para a castração” (GRANT, 1998, p.7).

Nesse sentido, reporto-me à Grant (1998):

A estrutura parece recobrir a demanda que emana da posição feminina enquanto tal. É como se fosse necessário primeiro haver o reconhecimento da posse do falo para, depois, o sujeito dar aquilo que não tem e, neste movimento, ser reconhecida como mulher (GRANT, 1998, p. 6).

São várias as tentativas de romper com o marido, no entanto, sempre frustradas, ela tenta, mas demonstra-se estar vinculada e presa ao marido, ao lugar que ela ocupa ao lado dele, lugar que se reconhece como protegida e cuidada, arrisca a própria vida em nome desse lugar. Seria o lugar que se sente segura por usar a máscara da feminilidade? Grant (1998, p. 7) diante da designação lacaniana da mulher como não-toda no gozo fálico, considera que “Uma parte está fora, fora da linguagem e é esta, talvez, a função da máscara: recobrir esta inconsistência, este vazio que está para além do gozo fálico”

Entretanto, em outros momentos relata estar com ele por temê-lo, descreve um sujeito altamente agressivo, dependente dela, que a ama, incondicionalmente, capaz de fazer qualquer coisa, caso ela o abandone, vive em função de ameaçá-la de morte se ela pensar em deixá-lo ou em se envolver com outro homem. Nesse momento ela para, pensa, sorri e verbaliza, como posso temer tanto assim um cara que sequer consegue andar, correr nem pensar. Mas logo corrige:

*Ele é muito traiçoeiro, todas as vezes que tentou me matar, ele me enforcava dormindo, eu acordava em meio pesadelo, sempre tinha alguém em casa que me socorria, um parente alguém assim. Naquela época eu já pensava o quanto ele é doido, depois de um dia de trabalho, cansada, com dois filhos para cuidar, o homem queria me matar? É mesmo doido, Dr<sup>a</sup> e porque eu ainda fico com ele? [...] Eu venho aqui toda semana, me faz bem, mas às vezes me faz mal, eu vejo o que me adocece, sei onde está o problema, mas não consigo mudar, e por quê? Já quis muito que ele morresse (SARA).*

Numa relação devastadora, em que o amor é atravessado pela pulsão de morte, é possível apreciar um amor sem limite, vinculado à dificuldade que a mulher tem de delimitar o outro, um amor como o gozo feminino, ilimitado, amor devastação, que busca incessantemente preencher sua falta. Diante dessa necessidade, observo a repetição, como se a pulsão, ao repetir almejasse o retorno na busca por tamponar essa falta.

Observo que ela deseja mudança, mas espera que a psicóloga lhe dê respostas, as quais já têm, mas resiste em acessá-las, ou ainda, numa postura passiva deseja que ele morra, assim ficaria livre. É notório que a paciente assume uma passividade masoquista.

Ela evidencia de forma radical, a pulsão de morte como uma tendência para o retorno ao estado de não vida, numa característica de traição de si mesmo, anterior à vida, o que pressupõe a passagem pela morte. Ritual pela ação da pulsão de morte.

Quando Sara percebe a construção da cena familiar, adocece fisicamente, trava a coluna, o que a impossibilita dar continuidade ao tratamento. Como consequência de tal adoecimento, percebo uma pulsão suicida que comparece primeiramente em suas ações e mais tarde, na clínica, em seu discurso que conta das tentativas de suicídio:

*Quando fico assim não quero mais nada, daí sei que os remédios da Dr.<sup>a</sup> são fortes, pois se tomo eles como ela disse, já fico meio assim, imagina se tomar em excesso, daí é o que faço, tomo um cinco de uma vez, ou as gotas, as gotinhas de doido como meu veio diz, é só tomar e pronto, fico dias dormindo, às vezes não levanto nem para comer. Esses dias tudo fica bom, ele fica satisfeito (SARA).*

A clínica desvela histórias que trazem à tona a discórdia fundamental do amor. A história da paciente em questão desenrola-se por cenas que se repetem na relação transferencial no *setting* psicoterapêutico, fazendo emergir a pulsão de morte permeada pelo

sentimento de autodepreciação quando Sara persiste com um discurso autodestrutivo, seguido de relatos de pensamento suicida no período em que fica enclausurada.

Desta maneira, percebo a repetição das relações de passividade diante da dor, ao perceber que a psicoterapia por si só não vai fazer por ela, o que ela não está disposta no momento a fazer. Espera em um período de ausência nas sessões, que eu tome o lugar de cuidá-la diante das proibições do marido, desculpa-se diante do choro como se tentasse amenizar um descontentamento, como se sua atitude fosse suficiente para constranger-me.

A repetição é esse trabalho fundamental da pulsão de morte que realça insistentemente algo inassimilável à cadeia simbólica, traumático, que determina o movimento do desejo. [...] *parece que fui criada para ser submissa, para viver com medo, antes era meu pai e minha madrasta, vivia com medo da morte, agora o Marido.*

Segundo Freud (1914b [2006]) o narcisismo é o tipo de escolha objetual mais evidente nas mulheres, realizam suas escolhas objetuais de forma narcísica, pensando o que ela é, o que ela foi e o que gostaria de ser na repetição do ideal próprio de si mesma. Pensando no que Sara gostaria de ser, e que a mantém aprisionada a uma parceria amorosa devastadora, retomo sua fala quando menciona: *Ex-prostituta, ex-drogada, e hoje com um nome, mas sem vida.* Como se numa perspectiva narcisista, desejasse mais o nome de mulher casada, mesmo que esse desejo lhe roube a própria vida, a ter que viver uma vida, na qual lhe fosse necessário limitar sua própria liberdade. A droga, o álcool e a prostituição são como fantasmas a ameaçar sua liberdade.

No entanto, pensá-la numa perspectiva de *Ex-prostituta, ex-drogada, e hoje com um nome*, remeto-me à Grant (1998) ao discorrer sobre o ser falante submetido à ordem fálica, que autoriza entender a mulher enquanto ser falante, mergulhada na cultura tem um nome, uma identidade –ser a fulana, casada. O que Lacan (1975-1976 [2007], p.233) menciona ao considerar que “[...] se a libido é apenas masculina, a querida mulher, não é senão de lá onde ela é toda, quer dizer, lá onde o homem a vê, não é senão de lá que a querida mulher pode ter um inconsciente. [...] que lhe serve para fazer falar”.

Freud (1930-1929 [2006]) em *O mal-estar na civilização* versa sobre a função do álcool, da droga e do sexo para tamponar o sofrimento. Sara, por diversas vezes, verbaliza no *setting* o quanto era sofrido submeter-se a algo indesejado, mesmo considerando-se

libidinosa, ter que submeter à relação sexual com desconhecido em muitos momentos era algo repugnante, mas considerava-se sem opção, o álcool e a droga lhe serviam de bálsamo em meio ao sofrimento. No entanto, as contribuições freudianas autorizam pensar que inclusive o sexo ocupa esse lugar, a função de tamponar.

Mesmo diante da colocação de que a psicoterapia às vezes lhe faz mal, Sara segue repetindo nessa busca, desloca-se de forma significativa, toma consciência dos papéis que buscou desempenhar. No entanto, permanece, atendendo suas necessidades em companhia amorosa e devastadora.

No final da sessão Sara me olha fixamente e diz: *é tenho que ir embora dormir com o inimigo.*

A escolha do filme que serviu de inspiração para a escolha do nome dessa paciente, foi feita há aproximadamente seis meses antes dessa sessão em que no discurso de Sara comparece essa analogia com o referido filme, desvelando sua forma passiva de assujeitar-se.

## **Eva**

### **5. 3 Devastação como forma de relacionar-se**

#### **5.3.1 Amor e dor na relação mãe-filha**

Eva é a mais nova entre as duas filhas do casal Pedro e Adriana. Aos 29 anos, mãe de um filho adolescente, encontra-se em seu terceiro casamento. Quando iniciou a psicoterapia, residia com a mãe – Adriana, o padrasto, o marido – Marcelo e seu único filho, buscava aprender como lidar com o que lhe era doloroso – as colocações dos policiais diante da sua dor. Chega à clínica após ter vivenciado inúmeras situações de violência doméstica em seus três relacionamentos conjugais. Com certa frequência recorria à delegacia, registrava tais fatos, e retorna para o contexto de violência, queixava-se de não perceber qualquer tipo de mudança, esperava pelo outro, a instituição, através de um registro de BO que fizessem algo por ela.

No entanto, após cada ida e cada retorno da delegacia, ao chegar a casa, percebia que as mazelas de outrora, repetiam com a mesma assiduidade e às vezes com maior intensidade. O núcleo familiar era sempre rico em conflitos, os quais, passava as sessões relatando, a discórdia presente entre os dois opostos, de um lado sua mãe, a irmã – Ilda – e o cunhado – Vilson, estes residiam em outro endereço, mas participavam ativamente das tomadas de decisões no núcleo de Eva. Do outro lado encontrava-se seu marido - Marcelo, o “agressor” que tinha seu papel confundido com o de “vítima” quando referendado às colocações de Adriana e de Ilda para com ele. Tais colocações presentificavam na rotina diária da casa, o rapaz vivenciava todo e qualquer tipo de constrangimento, desde sentar à mesa no momento das refeições, quando tinha a quantidade de alimento que se servia devidamente fiscalizado pela sogra, até mesmo o horário em que ia se deitar.

Por diversas vezes Marcelo exigiu de Eva que queria mudar-se da casa de sua sogra, ao que ela ia prontamente decidir junto à sua mãe. Tal decisão era protelada amparava-se na argumentação de que se o casal mudasse de residência, os “cuidados” de Adriana para com a filha ficariam restritos, não podendo mensurar o teor das agressividades que ela iria vivenciar estando privada da presença materna. *Eu ficava perdida, ele queria mudar, minha mãe não deixava, daí ele brigava, dizia que não tinha nada que ir falar com ela, mas ela é minha mãe.*

O relato de tais cenas comparece com frequência nas primeiras sessões, até que Eva muda-se sozinha inicia um novo momento em sua vida, no qual se vê diante da possibilidade de ter consigo as rédeas de sua vida, algo que nunca havia experienciado.

Eva relata ter indícios de sua aceitação, de como foi recebida no contexto familiar desde seu nascimento. Relembra de ver os familiares contar de que sua mãe esperava um menino, já que a primeira filha era uma menina, entretanto veio Eva, que vivenciou várias resistências por parte da mãe, em construir vínculos. O pai foi aquele que desempenhou o papel de cuidador em seu primeiro ano de vida, acordava no meio da noite, fazia a maternagem. Com o passar dos dias essa presença vai ficando esporádica, a partir do segundo ano, lembra-se de fatos específicos, de cuidados e afagos nos fins de semana.

*Lembro que nos finais de semana ele nos levava a um parque, como se fosse para um piquenique, o passeio todo era agradável, ia olhando pela janela da kombi vendo as árvores e as casas passar. Chegava lá era ele quem ficava na minha volta, me cuidava (EVA).*

São poucas as lembranças que tem do pai, mas todas a remete a uma sensação de coisas boas, fala com carinho, com brilho nos olhos sobre ele.

Seus pais se separam quando ela ainda era criança, por volta dos cinco anos de idade. Passaram-se vinte anos sem que tivesse alguma notícia. Lembra que sentia falta dele, mas a mãe sempre fez questão de deixar claro o quanto ele era ruim. *Você não lembra, mas seu pai nunca valeu nada. Não sei por que, mas não me lembro do que foi que ele fez, para não valer nada, o que eu lembro é diferente do que ela conta, não entendo.*

Eva lembra-se da falta, *é como se minha mãe gostasse mais da minha irmã e ele de mim, daí mudamos fiquei só.* Com o passar das sessões percebe, que ainda que ele fosse ruim para sua mãe, não necessariamente o era para ela, e ao ficar só com tal distanciamento sente

falta de alguém, de ser acolhida, algo que a mãe não o fez, não da forma como o pai fazia, ou como Eva gostaria de ser acolhida.

Em outros momentos relembra dos passeios que faziam juntos, em que mesmo o pai estando por perto, sentia-se muito só, mas não raro era surpreendida por ele que vinha em seu auxílio, saber por que estava daquele jeito.

*Na verdade quando mudamos perdi o pouco que eu tinha.*

Ela traz poucas lembranças da infância longe do pai, lembra ter sido diagnosticada com problema nos nervos e por isso nunca aprenderia nada na escola. *Minha mãe dizia que eu não ia dar em nada. Acho que ela tinha razão.* Em seguida remete-se as conquistas de sua irmã, de como era inteligente e de tudo que alcançou.

Sua fala vem acompanhada do relato da vida profissional de sua irmã, formou-se em direito e exerce a profissão em um órgão público do poder judiciário, algo que verbaliza ser motivo de muito orgulho para sua mãe.

*Minha mãe sempre fala que minha irmã foi longe, sempre foi muito esforçada e determinada, não deixava que fizessem com ela o que eu deixo que faça comigo, sempre soube o que queria já eu não, sempre perdida, sem saber o que quero, deixo todo mundo fazer o que quiser comigo, sou uma boba. Mas eu nem sei fazer diferente (EVA).*

Sua pré-adolescência foi permeada por conflitos, sentia-se fora do contexto familiar, com frequência tinha as “crises dos nervos”, iniciou-se o tratamento com os psicofármacos, algo que veio prejudicar ainda mais em seus estudos. *Os remédios me deixavam mal, ficava meio grogue, ia para escola, mas não entendia nada, por isso nunca consegui terminar meus estudos como a Ilda.*

Lembra ainda que até em relação ao casamento da irmã a mãe fez planos, o marido de Ilda, um moço de posses com nome respeitado no meio social, alguém com características condizentes ao papel social da mesma, um homem com tais quesitos estaria em condições de proporcioná-la a vida que acreditava ser merecedora. A aproximação do casal, a interação até o desfecho que resultou no casamento, foi tudo cuidadosamente pensado e articulado por parte de Adriana.

Por outro lado, Eva em meio a sua solidão e sensação de abandono, foi vivendo sem fazer escolhas, sem objetivo prévio, passava os dias ouvindo as reclamações de sua mãe, não se sentia em condições de distanciar-se da mãe, mas também nem sabia o que fazer para ela nada foi planejado, e quando tentava fazer algo, era barrada pela fala da mãe. Um namorico aqui outro acolá, até que estava grávida, momento em que Adriana volta-se para a filha, em rompantes de agressividade e insultos, questiona a procedência de tal gestação ainda na adolescência.

*Minha vida virou um inferno, já não era boa, conseguiu ficar pior ainda. Quando minha mãe soube da minha gravidez ficou muito brava, mas ficou mais brava ainda quando soube que o pai do meu filho (Gregório) era um peão, que era pobre e ainda tinha problemas nos nervos como eu. Foi horrível, depois ainda descobri que ele tinha matado uma pessoa, fiquei com medo pelo meu filho.*

Nesse período Eva pensou em cometer suicídio, mas ficou só em pensamento. Tinha uma rotina diária de insultos, incertezas e críticas, queria ter o filho, mas sabia que não tinha como sustentá-lo, sentia-se obrigada a viver na casa de sua mãe. Sua relação com Gregório era permeada por temor, por ela e pela criança, temia aproximar-se de Gregório, sabia que ele iria rejeitar ajudá-la estando morando na casa de Adriana. Por outro lado morar com ele não tinha a menor possibilidade, *ele nem tinha casa, ia morar onde?*

A rotina turbulenta de Eva só foi acalmar-se quando soube o sexo do seu bebê:

*[...] sabe minha mãe sempre quis ter um filho, as brigas acalmaram quando ela soube que era um menino, aí ficou diferente comigo, fazia as coisas que eu gostava, cuidava de mim, assim que o bebê nasceu deu logo um jeito de colocar como dependente dela, é que eu não tinha como pagar plano de saúde para ele, na época foi melhor assim (EVA).*

Com a postura de sua mãe em aceitar a gestação, e participar ativamente dos cuidados, Eva vislumbrava uma calma, uma possibilidade de constituir uma família como a da irmã. No entanto, seu enredo evoluiu de forma diferente. Inesperadamente ela se viu na casa de sua mãe, com o marido e o filho, repetindo o tratamento outrora vivenciado, porém, agora com um agravante o marido também a maltratava.

*Minha mãe me humilhava o dia todo, dizia o que eu tinha feito da minha vida, acabado com minha vida, não por causa do bebê, mas pelo meu marido. À noite o Gregório chegava e ficava bravo comigo quando eu dizia que queria sair dali, dizia*



*que eu sabia que ele era peão, e que não tinha nada para me oferecer, e que fiquei com ele porque eu quis (EVA).*

O tempo passou, os relatos de Eva repetem-se cenas de violência física, psicológica, o assujeitamento, vivenciava maus-tratos por parte do marido, com certa frequência era agredida por ele à noite, e no dia seguinte pela mãe, ou o contrário, era agredida por um por ter-se deixado ser agredida pelo outro. Ela que já havia sido diagnosticada com problemas nos nervos, tinha seu quadro clínico agravado a cada dia.

*As agressões só paravam quando as crises começavam, é como se uma coisa puxasse a outra. Até que um dia me separei, na verdade, foi por imposição da minha mãe e da minha irmã, aquilo não era bom pro meu filho.*

Cedo ainda verbaliza a dificuldade em tomar decisões, quando o faz é motivada, ou mesmo pressionada pela mãe, algo que é recorrente em sua vida. Nesse momento sua mãe argumenta respaldando-se no bem estar da criança, referendando ao que seria bom para ele. As tomadas de decisões são iniciadas e motivadas por terceiros, não o faz por ela.

Há quinze anos, aproximadamente, vivencia violência conjugal, sempre recorrendo ao suporte da DDM, com o passar dos anos foi percebendo que o que ela esperava deles, não iria conseguir.

*Eu ia lá falava o que tava acontecendo, e eles não faziam nada, fica tudo do mesmo jeito, sabe isso cansa.*

Eva encontra-se há dois anos em acompanhamento psicoterápico, o qual veio por iniciativa própria, após *sentir-se na “lama”*.

No final de 2010 quando Eva chegou ao – CAM, relatou a última agressão vivenciada pelo seu terceiro marido, Marcelo, com o qual estava vivendo maritalmente há dois anos, e em processo de separação há quase um ano. Tal fato serviu-lhe de motivação para que buscasse o suporte psicoterápico, após perceber suas limitações em lidar com a violência, e ainda, que a função esperada pela DDM não era atendida, inicia-se desde então um processo autopercepção, que ainda não lhe era consciente, mas foi o propulsor do movimento que a leva para a psicoterapia.

Após verbalizar durante a sessão que se sentiu motivo de *chacota para os policiais*, por estar a quase um ano tentando se separar, e ainda assim estar vivenciando violência, o que a fez recorrer à ajuda, além dos registros de BO. Há aproximadamente um ano Eva registra o BO, iniciam-se os procedimentos que lhe concede, por determinação judicial, uma medida protetiva<sup>16</sup> na qual consta a necessidade do “agressor” manter-se afastado da “vítima” por, no mínimo cem metros, fato que perdura no máximo uma semana, e com seu consentimento, o rapaz retorna ao convívio familiar.

Ou seja, a determinação judicial é desrespeitada por Marcelo que atende ao pedido de Eva e retorna para casa, dando início à nova cena do mesmo enredo com os mesmos personagens.

Eva ri da própria dor ao relatar o fato, entre risos e mágoa, de si e do Marcelo, vai tomando consciência ao verbalizar, o que de fato lhe aconteceu, o riso dá lugar as lágrimas. Mas, percebo que o que de fato a magoou foi a reação dos policiais ao vê-la caída na “lama”, sente muita mágoa pela forma como eles a trataram, como motivo de piada.

*De pensar que fui eu que fui atrás dele, é que eu não consegui, quando fiquei sabendo que ele estava se divertindo, fui lá, mesmo tendo a medida, eu fui lá. Daí ele veio de encontro comigo, e no meio da rua me bateu, cai machuquei meu pé e ele me jogou com a cara na lama. Fiquei lá caída, sem conseguir levantar, toda suja na lama e com dor no pé (EVA).*

Mesmo estando a quase um ano tentando se separar de posse de várias medidas protetivas, Eva vai atrás de Marcelo, desconhece o motivo que a levou, *acho que é porque ele estava meio sumido, tinha parado de me procurar, nem ia a casa para pegar as roupas, na verdade estava só na festa.*

A repetição na violência acontece com uma similaridade na sequência dos fatos, ou seja, primeiro ela relata ser agredida fisicamente pelos mais diversos motivos, desde uma camisa mal passada, a comida mal aquecida, até o questionamento quanto ao horário que o mesmo retornou para casa na noite anterior. Após tal fato recorre à DDM registra um BO, recebe a medida protetiva, ele afasta-se, após uns dias ela vai atrás, entra em contato com o mesmo, pede que ele retorne para casa, ou ainda, ele cria situações para aproximar-se, *ele dá um jeito de ir lá em casa para pegar uma muda de roupa, fica na volta, depois vai embora, ou*

---

<sup>16</sup> Refere-se à medida protetiva segundo a lei 11.340/2006 (BRASIL, 2006).

*fica mandando recado por algum conhecido, diz que me ama, pede perdão e diz que quer voltar.*

Tão logo o casal harmoniza-se, retomam o convívio diário, reinicia novos episódios de violência. Toda a rotina repete-se com algumas nuances de novidades, com um teor de agressividade além do vivido no episódio anteriormente.

*Parece uma coisa é só ele voltar para dentro de casa que começa tudo de novo, não entendo o porquê. Só que às vezes ele fica ainda mais agressivo.*

No entanto, antes do episódio que desencadeou a busca pela psicoterapia, Eva percebeu algo diferente com relação às outras vezes, [...] *ele estava meio sumido [...]*, o que a motivou ir certificar o que estava acontecendo.

Marcelo havia parado de procurá-la, não se colocava em situações que os aproximasse, como outrora. Há um mês havia ficado detido por uma noite na delegacia, justamente por ter ido até ela. Diante da renovação dessa última medida protetiva, o oficial de justiça o comunicou e orientou sob a necessidade de permanecer distante dela, caso contrário estaria desrespeitando o juiz que a concedeu.

Entretanto, como foi Eva quem se aproximou de Marcelo, coube a ela penalidade por solicitar uma ferramenta da justiça, e depois ignorá-la. Ela foi considerada, segundo aos trâmites da justiça, como aquela que desrespeitou uma ordem judicial, tendo sua solicitação cancelada.

Observe como vai sendo delineado seu enredo. Eva busca a psicoterapia motivada não pela agressão deferida por Marcelo, mas sim, por aquela causada pelos policiais, a dor física que sentia no pé, caracteriza-se secundária se comparada ao que sentiu diante do fato de ter sido “exposta” por quem deveria cuidá-la. A justiça, com os elementos dos quais dispõe, penaliza-a após o ocorrido. Eva era acostumada a ser violentada pelos ex e atual marido, agredida pela mãe e pela irmã, aqueles com quem constituiu vínculo, no entanto, desperta em sua fala algo diferente concernente ao papel do Estado, como se suas expectativas com relação a ele perdurasse, ainda diante das buscas frustradas que a leva à dor como decorrência da postura dos policiais.

*Me senti um lixo, caída com a cara na lama, e eles lá rindo de mim, sabe isso é muito humilhante.*

Eva sente falta do Marcelo, fala do quanto ele é bom para ela, do quanto foram felizes juntos, e que se não fossem às interferências de sua mãe e de sua irmã, talvez tivesse dado certo, *porque ele é uma pessoa boa, não deixava faltar comida dentro de casa, se preocupava, cuidava de mim.* No entanto, ela morava com sua mãe, que era a provedora do lar, e quanto aos cuidados, não consegui identificar ao certo o que é ser cuidada, penso que falta-lhe uma referência quanto a ser cuidada, de quando foi de fato cuidada?

Eva tinha estreita relação com o pai, a pouca lembrança que tem de receber afeto refere-se a esses momentos em que ele esteve presente, algo que não durava nem uma hora, em datas comemorativas. Sempre interrompidos pela mãe. O pai de Eva pareceu estar sempre ausente, como espectador, fora da cena que se desenrola entre mãe e filha. Em muitas situações ela passa como invisível aos olhos da mãe, há um não encontro. *Minha mãe sempre esteve muito ocupada com minha irmã.*

O discurso de Adriana quando referenda conquistas, fatos positivos e bem sucedidos, tem como personagem principal Ilda, ao versar sobre os planos, realizações, sonhos a protagonista continua sendo Ilda. Em outras palavras, o discurso no qual Eva comparece são os que contam como enredo principal, situações de desagradados e fracasso que culminam com as expectativas de insucesso, projetadas pela mãe.

Esporadicamente o pai comparece em seu discurso no *setting* terapêutico. As vagas lembranças referem-se a momentos frustrados em que ele tenta protegê-la dos insultos da mãe. Às vezes acabava acalentando-a após ter vivenciado uma situação de violência, mas não conseguia impedir que tal fato acontecesse. Dava limite à mãe diante de tais atitudes de violência e agressividade. O pai acalentava, mas não consegue evitar as agressões da mãe.

*Por várias vezes minha mãe me agredia, às vezes meu pai estava em casa, falava para ela não fazer aquilo, mas ela nem dava ouvidos, ficava era brava com ele, e se ele tentasse interferir, capaz que apanhava junto. Tinha vez que nem ele e nem eu sabia porque ela batia (EVA).*

As agressões eram recorrentes para com Eva, o mesmo não ocorria com Ilda, não há lembranças de episódios semelhantes vivenciado por ela.

As crises vividas na adolescência, somada as expectativas da mãe quanto ao seu futuro, desvela algo que a desagrada, o que Adriana apregoeou aconteceu.

*Conclui o ensino médio, mas de nada me adiantou, hoje não consigo nem um trabalho, nem marido nem nada. Todo emprego que eu consigo, parece uma coisa, ou minha mãe diz que não está bom, enche de defeitos até eu sair, ou desistir, ou acontece alguma coisa e a pessoa me manda embora. Lá no frigorífico era assim, como eu era grande trabalhava em um setor onde a maioria eram homens, praticamente só eu de mulher nesse setor, virou um inferno, as mulheres viviam amolando a faca e dizendo que iriam me pegar, acabei sendo demitida por causa delas (EVA).*

Cada vez que Eva fica desempregada, necessita da ajuda financeira da mãe, e não raro da irmã. Tais ajudas vêm perpassadas por ofensas, humilhações um discurso que a deixa em condições desfavoráveis, sente-se limitada até para defender-se das ofensas que lhe são proferidas.

*É você não dá nada na vida mesmo, sempre soube que você não ia a lugar algum, que ficaria sempre dependente de mim, olha no que deu.*

A rotina de entrar e sair de determinado trabalho é frequente em sua vida, há momentos em que sai por interferências da mãe, após identificar que tal função não lhe seja compatível, em outros não consegue harmonizar-se com a patroa, com o chefe, sempre existe alguém a perseguindo. Algo que não consegue exemplificar, os relatos que trás de tais perseguições são vagos, inconsistentes.

*[...] ia tudo bem em meu trabalho na casa daquela mulher, até que um dia ela disse que eu deveria limpar melhor as áreas, que deveria levar o lixo, ficou pegando no meu pé, queria que eu fizesse um monte de coisas. Daí eu pedi para sair, minha mãe disse você não precisa passar por essas humilhações não (EVA).*

Nos primeiros dias em que Eva fica desempregada a mãe lhe enche de mimos, auxilia-a financeiramente a pagar suas contas, o mesmo acontece após períodos de agressões por parte da mãe. Como se fosse um acalento diante de um desagrado, fato que se repete com certa frequência.

A mãe sempre aponta seus fracassos, vive enfatizando o desfecho negativo que sua vida tomou quando comparado ao da irmã – muito bem sucedida profissional,

financeiramente e pessoalmente. Ao contrário, Eva persiste para se manter em um emprego, às vezes de doméstica, e ainda assim, não consegue o que envergonha a família, inclusive seu filho que hoje, por determinação judicial, vive com a irmã de Eva. Tal fato ocorreu no momento em que ela já estava em acompanhamento psicoterápico.

Observa-se que a separação entre mãe-filha encontra obstáculos e dificuldades cada vez maior quando ela tenta desvencilhar-se da mãe, a mesma encontra algum motivo para mantê-la vinculada por algum motivo – financeiro, emocional.

*Parece que minha mãe precisa me ter por perto, para ter com quem brigar, com meu padrasto se ela fala alguma coisa, ele sai e deixa ela falando sozinha, com minha irmã, ela nem é doida de falar algo, também nem tem o que falar, então sobra pra mim, daí ela descarrega tudo em mim, acho que por isso que ela me quer por perto (EVA).*

Começa tornar-se consciente o tratamento que lhe é dispensado por parte da mãe, como se a mesma necessitasse manter alguém por perto para direcionar algo que aos demais não seria permitido, um sai e a deixa falando só, com a outra nem pode falar. Coube a Eva esse lugar, que é recompensado pelos mimos e pelo auxílio financeiro sempre que ela necessita. E ainda, quando não solicita os préstimos da mãe, Adriana busca criar motivos para que ela permaneça nesse lugar.

Eva constituiu uma casa, na qual morou por dias, período em que Marcelo tentou reconciliar-se, mas ela percebia que o que sentia por ele já não era suficiente para manter um relacionamento, com o passar das sessões começa a perceber o quanto se aproxima de rapazes que querem explorá-la, tentou envolver-se com outros, mas a mãe a alertou sobre a má índole dos rapazes. Algo que Eva não identificava, mas como sua mãe havia mencionado algo, era melhor desistir.

Seus três casamentos não deram certo, pois a mãe não permitia que morasse só com o marido, mantendo-a morando em sua casa. Uma dinâmica familiar que desvelou-se de forma insustentável com o passar do tempo, o campo de interesse de três gerações distintas aflorou-se com o convívio. Eva e sua mãe ocupavam o lugar central em sua história, o marido, o filho e o padrasto eram personagens secundários.

O filho de Eva compareceu em seu discurso de forma calorosa e intensa no período das decisões judiciais referente ao seu destino. Algo que a mobilizou intensamente, queria

enfrentar a mãe, a irmã e a justiça para tê-lo por perto, mas concomitantemente acreditava ser incapaz de tamanha responsabilidade, desvela-se um conflito interno concernente a sua credibilidade enquanto mãe.

Diante da percepção de Adriana, o melhor para o pré-adolescente é estar em um lugar seguro, estável emocionalmente como a casa da tia, o que se concretizou por determinação judicial. Apesar de com certa frequência não sentir-se capaz de exercer a maternagem, Eva ficou muito sensibilizada com a decisão, como se alguém estivesse lhe assegurando de sua incapacidade de prover o filho, de não conseguir ser mãe, há que alguém faça por ela.

Com o passar dos dias o mesmo foi afastando gradativamente, chegando a recusar a falar com ela quando foi à escola procurá-lo, *acho que meu filho tem vergonha de mim, na escola recusa a falar comigo*. Eva não se vê em condições de lutar na justiça pela guarda do filho. Sua irmã e sua mãe hoje compartilham a guarda do menino.

*Me dói muito, desde que elas tomaram meu filho de mim, sinto ele muito longe, hoje eu vejo que ele já tem vergonha de mim. Também não tenho profissão como minha irmã, e nem o dinheiro que elas têm para dar as coisas para ele, e ainda sou gorda e feia, também (EVA).*

Durante as sessões, Eva, rompe com o marido, vai morar só, mas a distância física não foi suficiente para que a relação mãe e filha tivesse outro direcionamento. Tenta romper com sua genitora, mas recua quando confrontada com as questões do mundo adulto como pagar as contas, a inconstância nos locais de trabalho acarreta lhe instabilidade financeira, aos 29 anos não consegue prover seu próprio sustento, algo que é massificado no discurso materno.

As relações de assujeitamento na vida de Eva repetem com certa frequência, inclusive diante de outras figuras femininas, além da mãe e da irmã, como com as amigas.

*Estava tudo certo para ir para festa, emprestei minhas coisas para ela e fui me arrumar na casa dela, fomos, chegou lá ela ficou com o cara que eu estava afim, depois foi embora e me deixou lá sozinha, disse que era pra ficar esperando, mas nem voltou ou ligou, tive que vir embora a pé de madrugada, ainda nem fui lá pegar minhas coisas (EVA).*

Coloca-se diante de vínculos que a explora e manipula. Assujeita a situações de desagrado em função das amizades, no final acaba sempre *decepcionada, eu esperava que dessa vez fosse diferente, mas acho que tenho o dedo podre inclusive para as amizades*.

### 5.3.2 Análise dos Dados

#### 5.3.2.1 Devastação no amor e na dor

*Com açúcar, com afeto, fiz seu doce predileto  
pra você parar em casa.*

**Chico Buarque**

A partir dos excertos apresentados anteriormente, percebo que o discurso de Eva desvela a relação entre mãe e filha como aquela que diante da perspectiva de avançar, há um recuo simultaneamente, quando a filha anseia-se por desvencilhar-se da mãe, acaba sendo envolvida por ela e permanece num lugar que perdura desde muito cedo.

*Eu tento mudar para minha casa, casar, trazer meu filho para perto de mim, criar meu filho, mas sempre que tento, não consigo, minha mãe acaba vendo defeito em tudo, acha que sozinha eu não consigo. [...] eu também acho. Nem pensa em deixar meu filho ficar comigo, os maridos ou namorados nunca presta, desanimo (EVA).*

No decorrer das sessões observo aos poucos que Eva toma consciência do lugar que ocupa na relação mãe e filha, percebe que a mãe a quer por perto, por isso manipula, interfere e posiciona-se diante das escolhas da filha, sempre de forma desaprovadora, com descrédito. Algo que tem um peso singular em sua vida capaz de influenciar em seu consentimento em perceber e aceitar permanecer nesse lugar – como se consentisse ser objeto do desejo, da falta materna, quando a mãe se vê só, aproxima-se da filha, faz agrados, mimos que a convence em ficar.

Diante dessa percepção remeto-me à Freud (1931 [2006], p. 233) ao considerar que para a menina “seu primeiro objeto de amor foi a mãe”, ligada em sua pré-história, e ao se tornar mulher, fará suas escolhas amorosa tendo como modelo a relação dela com o pai, “O marido de tal mulher destinava-se a ser o herdeiro de seu relacionamento com o pai, mas, na realidade, tornou-se o herdeiro do relacionamento com a mãe” (FREUD, 1931 [2006], p. 39). A inflexível ligação de Eva com sua mãe comparece de forma repetitiva em seu enredo, por



diversas vezes tenta romper, mas é enredada pelo discurso materno que a mantém no lugar de assujeitamento.

Eva inicia sua vida conjugal, perpassada pela presença e implicações de Adriana. Investe e recua, diante da possibilidade de tornar-se independente da mãe, o cônjuge e o trabalho presentifica como a possibilidade de concretizar essa tentativa, mas não se sustentam. A falta de uma profissão serve de obstáculo para enraizar-se, constituir vínculo profissional, concomitantemente o marido comparece como personagem secundário, como fundo na cena de sua vida, e as raras vezes que saem desse lugar, tem uma postura que assemelha a de sua mãe.

Observo que há relacionamento em que o marido é o herdeiro da relação dela com a mãe. Tal herança pode ser capaz de afetar o modo como essa mulher se posiciona na relação com seu parceiro amoroso, numa combinação de amor e dor.

Eva encontra-se ligada à mãe, movimenta-se em direção a conquistar sua autonomia, mas retrocede diante do menor obstáculo. *Tive que voltar para a casa da minha mãe, minha energia foi cortada.*

Eva chega à vida de Adriana, frustrando-a diante da expectativa de ter um filho, algo que perdura na relação entre as duas até a fase adulta, quando aquela finalmente tem um filho, algo que foi calorosamente recebido por Adriana, o filho que ela não teve, lhe chega através de sua filha mais nova. Não tarda, e consegue tê-lo judicialmente para si, primeiro como dependente, e depois com a guarda compartilhada entre ela e Ilda – tia da criança.

Nos primeiros anos de sua infância teve a presença do pai, sempre regada pela interferência da mãe, mas lembra-se de ter sido um período curto, porém, muito bom, entretanto, logo o casal separa-se e o convívio com o que tinha de bom fica comprometido, privada dos afagos e da proteção do pai, ainda tinha que se esforçar para lembrar que ele *não vale nada, seu pai nunca valeu nada*, o que perdura são as lembranças boas e uma autocobrança em ter que identificá-lo como ruim.

É no momento da intervenção da Lei – do pai privador, que a mãe separa-se de seu objeto fálico e a criança de seu objeto incestuoso. Tal afastamento é possibilitado mediante os efeitos produzidos pela lei veiculado no discurso da mãe, o que é denominado por Lacan (1957-1958 [1999], p. 166) como metáfora paterna, a qual “[...] concerne à função do pai,

como se diria em termos de relações inter-humanas”, ou seja, ela opera o significante, pelo qual o desejo bruto da mãe é simbolizado pela intervenção do significante do Nome-do-pai.

O pai tenta comparecer como privador, tenta separar Adriana de seu objeto fálico, mas tal tentativa é frustrada, tem seu papel limitado à interferência da mãe em não permitir que ele aproxime da filha, num primeiro momento como lei, cuidador mais tarde com as relações totalmente cortadas dada a distância física.

O que veicula no discurso materno não é a função do pai enquanto lei, ou capaz de produzir os efeitos da lei, mas uma preleção que danifica sua imagem, um lugar que o denigre como pai. A simbolização do desejo materno fica comprometida por não haver a intervenção do significante do Nome-do-pai. Inicialmente o pai, e mais tarde o padrasto são personagens secundários em seu enredo, sua fala não ecoa, nas cenas que desvela história da vida de Eva, eles são sempre o fundo, participam apenas como coadjuvantes.

Diante da função do pai, observa-se, se a menina não afasta da mãe em direção ao pai, ocorre o que é denominado por Lacan como o fracasso da metáfora paterna – “da possibilidade de articular claramente o complexo de Édipo e seu móbil, isto é, o complexo de castração” (LACAN, 1957-1958 [1999], p. 185), Eva não se afasta de sua mãe em direção ao pai, permanece na posição de fetiche do desejo da mãe, que a toma como seu objeto único, seu falo. Tal permanência é perceptível nas tentativas da mesma em desvencilhar-se da mãe, ora em direção ao marido, ora em direção ao trabalho, mas permanece como a única que fica para ser o depositário das mazelas maternas. O padrasto a deixa falando sozinha, com Ilda ela nem se atreve falar, resta-lhe a filha “única como objeto único da mãe”.

Ela se encontra *assujeitada* ao desejo desse outro, presa em se fazer objeto do desejo materno. A mãe numa postura que repete, faz dela esse objeto, desagrada e agrada-a, assume uma dinâmica que mina sua autoconfiança, desestabiliza-a argumentando ser ela incapaz de exercer a maternagem privando-a da companhia do filho. Por outro lado, protege e sai em sua defesa diante da menor possibilidade de ser explorada no contexto do trabalho. Percebo que tanto uma situação quanto a outra, Adriana desacredita na autonomia da filha em lidar com as intempéries do mundo adulto, de forma grosseira ou com aparência de zelosa denuncia a falta de confiança e de credibilidade em Eva.

Não raro Eva chega às sessões desestabilizada e desacreditada em si, com uma imagem denegrida, autopunitiva. *Ela tinha razão, eu nunca ia dar em nada mesmo.*

As crises dos nervos tem início na infância, mas intensificam na adolescência. Para Aberasture e Knobel (1981) a adolescência é um período em que o sujeito vivencia crescente consciência e conhecimento do “eu”. Momento do nascimento da independência, da adaptação progressiva aos núcleos sociais. O que denuncia as crises como um sintoma do conflito entre o processo de desenvolvimento de Eva e a postura de sua mãe em cercear sua liberdade, ou mesmo a possibilidade de conquistá-la.

Eva coloca-se em situações de depender financeiramente da mãe, as ajudas sempre vêm permeadas de muita humilhação e desprezo. É como se Eva buscasse ser vista no olhar materno, no lugar de filha, não alcança sua independência financeira, nem se vê capaz de ter uma profissão, sinaliza uma fase adulta que ainda lhe é inacessível.

Numa perspectiva lacaniana a mãe apresenta-se como o outro, a criança persiste em saber se foi desejado ou não, busca no desejo da mãe um lugar para se situar no desejo do outro. Observo que Eva tenta encontrar-se no desejo materno, um lugar para se situar, saber se foi desejada ou não, mas o que encontra é uma fala perpassada por frustrações, expectativas negativas e o desejo do filho homem tão esperado e que ela não foi.

Lacan (1957-1958 [1999]) considera os elementos do Édipo freudiano, para reformular a questão da relação primordial à mãe, nos seguintes termos – trata-se de tornar o ser amado ou não, em que ele busca no desejo da mãe um lugar para se situar no outro:

Não se trata da simples apetência das atenções. Do contato ou da presença da mãe, mas da apetência de seu desejo.

A partir dessa primeira simbolização em que se afirma o desejo da criança esboçam-se todas as complicações posteriores da simbolização, na medida em que seu desejo é o desejo do desejo da mãe (Lacan, 1957-1958 [1999], p.188).

Considerando o excerto lacaniano acima mencionado, percebo que se o desejo de Eva é o desejo do desejo da mãe, e as expectativas de Adriana concernente a seu futuro são as de que ela fracasse que *não vai dar em nada*, Eva segue repetindo nesse lugar de fracasso, o lugar do desejo da mãe, fracassada permanece na condição em ser objeto, assujeitada.

Na busca por saber o que orienta o desejo da mãe, o sujeito procura encontrar aí o seu lugar. “[...] esse desejo do Outro, que é o desejo da mãe e comporta um para-além. Só que para atingir esse para-além é necessária uma mediação, e essa mediação é dada, precisamente, pela posição do pai na ordem simbólica” (LACAN, 1957-1958 [1999], p.188). Eva tem sua relação com o pai permeada pelos anseios da mãe no que concerne a relação do casal, desde muito cedo percebeu que os conflitos pertinentes aos genitores eram estendidos à relação com as filhas, mesmo nos momentos em que o pai tenta aproximar-se, tem sua tentativa interrompida pela mãe.

Eva apresenta-se como uma pessoa com dificuldade de diferenciar-se da mãe, fala de si a partir do discurso materno, *Eu sou assim mesmo, minha mãe sempre fala isso, que eu não tenho jeito mesmo, [...] eu sou assim, minha mãe fala que eu sempre fui desse jeito e que por isso não posso sair de perto dela, eu até tento mas acabo voltando, acho que ela tem razão.*

Os maridos de Eva raramente posicionam-se como provedor, frequentemente desfrutam ao que ela possa lhes oferecer o que na verdade é o que sua mãe possa lhes proporcionar. Há momentos em que Eva coloca-se na condição de fazer por eles o que não conseguem fazer por ela. [...] *tenho que comprar roupas para ele senão não podemos ir aos lugares que minha mãe vai. Só que quando ele fica bravo rasga tudo, as coisas dele e as minha também, só não as da minha mãe. Ele sabe onde mexe.*

Realiza os afazeres domésticos, passar, cozinhar, cuida do marido e espera que ele faça por ela, perdoa suas infidelidades, espera por horas, noites que ele possa voltar, mas o que ocorre são afagos, pedidos de perdão, seguido da repetição de episódios de agressividades. A canção de Chico Buarque – Com Açúcar, Com Afeto – ilustra o lugar ocupado por Eva na vida de seus cônjuges, dedica-se e permanece nessa condição em uma relação que não lhe é recíproca.

Para Lacan (1972-1973 [1985]) a mulher ocupa uma posição na fantasia de um homem, a qual denomina de encarnação do objeto *a*, é o semblante do desejo inconsciente, da falta. Mas o que ela busca é uma identificação na posição de ser amada. Eva busca a identificação de ser amada, inicialmente, pela mãe, e mais tarde nas parcerias amorosas, busca encontrar-se, e depara com a falta.

O anseio por ser amada leva a mulher do deslumbramento à devastação, lugar que o homem ocupa tanto como um quanto outro na vida de uma mulher. A vida conjugal de Eva revela o lugar que o homem como uma devastação, coloca-se de forma repetitiva diante do outro numa condição de assujeitamento. Deseja ser amada, mas o que recebe, o retorno de seus investimentos contém muito pouco de afago ou carinho, são atitudes de agressividade física, psíquica, emocional, as mais diversas faces da violência. Devastada repete o lugar de assujeitada.

Eva, ao envolver-se emocionalmente com aqueles que vieram a ser seus maridos, coloca-se na condição de doar-se, de ser aquela que esta para suas necessidades e para seus anseios, presenteia-os, realiza os cuidados domésticos como uma esposa exemplar, oferece sua casa, sua vida. Mas, eles não estão dispostos em doar-se na mesma proporção, a cada início de relacionamento depara-se com exigências feitas pelos rapazes das quais discorda, mas aceita por temer perdê-los. Perder algo que está em vias de ser conquistado. Observo-a com autoconceito negativo, desde o início da relação faz concessões que a contraria para ter o Outro por perto.

Lacan (1975-1976, p. 101) afirma que “Um homem é para uma mulher tudo o que vocês quiserem, a saber, uma aflição, [...] É uma devastação.” Quando um homem é uma devastação para uma mulher ele reacende nela o sem limite do gozo feminino.

A violência, na maioria das vezes surge em situações nas quais a referência de limite fica comprometida. Eva se coloca na condição de fazer *qualquer coisa por amor*. No entanto, seus relacionamentos acontecem de forma avassaladora, um homem passa por sua vida como *um trator, eles são como trator que passam tratorando tudo, sem deixar nada de pé, e eu me entrego, me deixo levar, quando percebo já estou lá sendo feita de boba novamente*.

Não consegue limitar-se e diferenciar da demanda do Outro. Diante da menor frustração, lança-se em situações de risco, joga-se e o outro a devasta. *Na briga que ele me machucou, eu estava lá preparando a comida pra ele, e ele veio me bater por nada, bateu e saiu, daí eu fui atrás ver o que ele queria e pedi pra ele voltar, que eu perdoava*. Não raro Eva saía atrás do marido, algo que repetiu em seus três relacionamentos, mesmo sendo agredida ia pedir que eles voltassem, pois ela os perdoava.

Jogar-se em situações de riscos, estar para o outro repete não só com o vínculo materno e nas parcerias amorosas, como também na relação com a irmã e com uma amiga, porém, em proporções e intensidade diferente.

Com o passar das sessões, Eva percebeu que existem outras formas de se relacionar além da devastação, e ainda, a pensar o lugar que ocupava, e suas implicações na relação com o Outro. Inicialmente, Eva repete através da relação transferencial, no espaço analítico, a postura semelhante que assumia com o Outro, esperava que a psicoterapeuta regulasse e controlasse sua vida como era de costume. Os atrasos iniciais, a espera por respostas que lhe dissesse o que fazer e como fazer, que ligasse lembrando-a dos acordos terapêuticos, que a punisse por descumpri-los. *Você não vai brigar por eu ter faltado semana passada?*

Eva foi aos poucos percebendo que poderia tomar sua vida para si, a princípio chegava correndo, esbaforida, suada se justificando pelos atrasos, aos poucos fui percebendo a construção de um vínculo. Não só comigo, mas também com a clínica, chegava cedo, sempre produzida, raramente faltava e se fosse necessário, fazia questão de agendar outro horário. Tal mudança, observada na clínica, se estendeu a sua vida de forma mais abrangente. Mudou-se para sua casa, rompeu definitivamente com seu ex-marido, *hoje consigo passar por ele na rua sem me desequilibrar, o vejo, não sinto nada e vou embora, mas se for necessário falar com ele, eu falo, não tenho medo de ficar tremendo como era antes.*

Consegue se ver nos novos relacionamentos, com um mês de namoro *percebo que meu novo namorado quer me manipular, dizer o que devo fazer e me explorar, como os outros, hoje vejo e tenho consciência, mas ainda não sei o que fazer.* Espera que eu diga o que fazer, mas paralelo começa a perceber que ela pode fazer suas escolhas, mas tudo isso ainda lhe é muito angustiante, saber o que quer e o que deseja, e responsabilizar-se por suas escolhas, é algo que ainda demanda muito de Eva.

Fica feliz, e verbaliza seu contentamento em conseguir se perceber não só nas parceiras amorosas, bem como na relação com a mãe, com a irmã e mesmo com as amigas. No que refere a permanecer assujeitada a amiga e a irmã, tem descoberto caminhos que lhe permite afastar-se quando ainda não lhe é possível enfrentar, com relação à mãe, oscila em pequenos e discretos enfrentamentos e o assujeitamento que ainda comparece de forma devastadora. No entanto, não lhe é ignorado, percebe que repete e de qual lugar.

Eva tenta construir novos vínculos, entretanto o que perdura é o assujeitamento à mãe, não consegue romper com o vínculo materno. Devastada, Eva parece não metaforizar a falta, e fica presa na demanda da mãe como fetiche. Ela tem dificuldade nas relações de troca, em colocar seu corpo nas trocas amorosas, nas parcerias e na maternidade.

A filha deverá deslocar-se da posição de preencher a falta materna. “Se a mãe não se divide pela troca fálica, se ela é toda mãe, permanece o único objeto da filha única. A criança pode permanecer na posição de fetiche da mãe, ou converter-se num dejetivo” (DRUMMOND, 2011, p.8). Eva permanece na posição de falo da mãe, de preencher sua falta, às vezes se converte de fetiche a dejetivo na relação com a mãe. Algo que pode ser vislumbrado na cena em que ela passa parte do dia sentada no banco em frente à casa da mãe, em meio a um temporal, esperando que a mesma a receba, o que só veio ocorrer no final do dia. Molhada e com fome, Eva tem que permanecer na área externa da casa, ela e o cachorro. Dentre os insultos que a mãe a deferiu, o que mais a marcou foi a ordem para que ela não abrisse a geladeira.

Aos 29 anos, com fome, frio e molhada, ela acata a ordem da mãe, permanece ali esperando enquanto ouvia a mãe discorrer sobre suas frustrações em tê-la como filha e repetir todos os demais insultos que presentifica em seu discurso.

A filha busca cuidados básicos da fase primária, ser acolhida e nutrida pela mãe, algo que não foi suficientemente suprido enquanto bebê, e perdura na fase adulta, a indisposição da mãe em alimentá-la, repete uma ausência. Para ser alimentada, nutrida deve primeiro assujeitar-se a ocupar o lugar designado pela mãe – de objeto.

No entanto, no dia seguinte a mãe vai até sua casa com um presentinho. *Ela bate, e depois vem cuidar, sempre foi assim, só agora que eu vejo*. Esta fala de Eva foi quando ela estava há mais de um ano em análise.

Com o tempo, percebo que o diagnóstico outrora apresentado de que tinha um retardo mental, não se sustenta, não há nada respaldado por um profissional da área que sustente a fala de sua mãe. O que é notório em seu discurso presente na clínica, é que dentre as duas filhas, Ilda é doutora, tem uma vida aparentemente estável segundo os moldes burgueses, enquanto Eva é apresentada como alguém que necessita estar amparada constantemente pela mãe, algo que lhe é consciente, e que em determinado momento menciona querer distanciar-se, mas ainda resiste.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mulher que vivência violência no âmbito doméstico não raro é estigmatizada socialmente e criticada como alguém que realizou uma escolha – permanecer assujeitada à relações amorosas violentas. Entretanto, tomando como base o aporte teórico apresentados nas seções que antecede em consonância com os excertos dos casos aqui referendados, percebo que a permanência em tais envolvimento demanda algo que vai além de uma “escolha”.

*Minhas filhas me criticam, fala que eu gosto de ser mal tratada por meus homens, acho que ninguém gosta de ser mal tratado (Érica). Minha mãe fala que até parece que eu gosto de apanhar do marido, mas eu não gosto, nem dele e nem dela (Eva).* No entanto, com a evolução das sessões foi possível observar que elas não são agredidas somente nas parcerias conjugais, é uma condição de assujeitamento na relação com quem tem vínculo, o parceiro amoroso que a agride, desempenha um papel, uma função no contexto que ela está inserida. No entanto, é exatamente essa função que gera instabilidade, que desencadeia algo que vivenciava em relações antes do convívio com esse sujeito.

Observei que as mulheres na sua singularidade exemplificou o significado da violência, o lugar e o papel que ela desempenha na vida de cada uma, possibilitando elucidar as especificidades da mulher que a vivencia. A violência comparece na vida dessas mulheres não a partir das parcerias amorosas, mas sim muito antes, presentifica em seu discurso juntamente com as lembranças mais remotas de sua primeira infância.

A partir de sua dinâmica desvelada no *setting*, foi possível perceber os resquícios de fases pregressas de suas vidas que comparecem com intensidade modelando suas relações atuais.

O que é possível ser exemplificado com o enredo de Érica que desvela uma mulher com uma peculiaridade na forma de relacionar-se com o Outro, algo que repete em todos os vínculos, desde a postura diante de sua mãe concernente as questões de seu casamento até para com a neta, descrevendo os mais diversos tipos de violência.

Identifiquei que as pessoas que dela se aproximam, assemelham por irem se acomodando, usufruindo de tudo que ela possa oferecer, não só as coisas materiais até sua intimidade, inicialmente ela se aproxima por almejar ser cuidada e protegida, entretanto, inicia suas relações com aquele que dela necessita, coloca-se na condição de ser para o outro o que o outro não está disposto em ser para ela. Nessa busca anula-se por inteiro, almeja encontrar seu lugar no desejo do outro, priva de si, repete os vestígios da relação com a mãe, como aquela que diz sobre seus desejos e suas vontades, os quais Érica apropria almejando encontrar-se no desejo materno, como uma busca da medida do lugar que procura ocupar diante do Outro.

Observo no decorrer das sessões que ela doa-se por inteiro, vangloria-se de ser portadora de um amor que seja suficiente para ela e para o outro. No entanto, identifico em suas relações uma postura de barganha para ser “amada”, inicialmente pela mãe – casar-se diante de uma imposição, algo que repete nas parcerias amorosas, na relação com as filhas, com as amigas e até mesmo na relação com o Estado. A devastação comparece como uma insígnia que a mãe a colocou, herda uma forma de relacionar-se que a devasta, para ser “amada”, aceita pelo Outro, deve colocar-se numa condição de assujeitamento ao querer desse Outro.

Relata a perfeição de suas relações, o convívio com as filhas, com os maridos, que são por ela considerados homens bons, inquieto-me a pensar sua concepção de amor, bondade e perfeição ao se colocar na condição em dar algo que seu discurso revela-a como não tendo. Percebo como se tais conceitos estivessem deturpados, como se sua construção concernente aos mesmos revelasse bom e perfeito como algo que a devasta.

Adoece, logo tem “atenção”, ainda que depois seja agredida. É como se fosse portadora de um autoconceito empobrecido, fragilizado, se autodestruir para ser cuidada, uma compulsão, um gozo altamente destrutivo que revela o excesso pulsional através da pulsão de morte, considerando a auto destrutividade como uma das faces dessa pulsão.

Entretanto, somente uma parcela dessa pulsão obterá satisfação, o desejo é posto como a expressão dessa falta de satisfação absoluta, o que remete a uma busca incessante de novos objetos, na tentativa de obter a satisfação almejada e jamais alcançada. Repete as parcerias amorosas devastadoras, como se incansavelmente buscasse obter uma satisfação absoluta.

O sexto sujeito que comparece em seu discurso sinaliza essa compulsão à repetição atravessada por uma pulsão devastadora, numa perspectiva da pulsão de morte. Em liberdade condicional ele responde por dois crimes que referenda a um triângulo amoroso, devido a essa especificidade, ela o identifica como aquele que vai conseguir contê-la, *frear* seus anseios e sua sexualidade. Vai conseguir limitar seu gozo.

Com o passar das sessões conseguiu perceber o quanto se envolve em relações devastadoras, o quanto tem *um dedo podre* em suas escolhas, algo que a princípio identificava em suas parcerias amorosas, entretanto, hoje identifica que não se restringe somente a essas parcerias, revela um jeito de relacionar-se, de assujeitar-se a relação com o Outro.

Concomitantemente começa a levantar-se diante de algumas situações, o que outrora era restrito na relação com o cônjuge, com tempo e de forma mais esporádica, estendeu-se ao relacionamento com as filhas. Percebe a violência velada por parte das filhas, aos poucos tenta levantar-se, resignificar suas relações.

Com uma roupagem diferente, de outro lugar Sara protagoniza outra versão das relações devastadora. Vivencia violência desde sua primeira infância por ambos os genitores, num primeiro momento foi deixada por um e mais tarde violentada pelo outro. Sua história nos conta de alguém que costumava viver com o que lhe era menos doloroso, ou seria um sadismo contra si, diante do qual repete de forma compulsiva na dor, anula-se remetendo a uma pulsão de morte, em diversas situações deseja *desistir de tudo*.

Simultaneamente observo ao que Freud (1924 [2006]) denominou de masoquismo originário numa relação entre ego e superego, que tem sua necessidade satisfeita pela punição e pelo sofrimento de algo que *sempre foi assim, com o tempo só fez piorar*. Sara permanece repetindo na dor, em situações que busca acalantar diante do que lhe seja menos doloroso. Com o passar das sessões percebe o quanto acostumou a essa condição, e como encontrou recursos para lidar com ela, *hoje em casa não posso ser eu mesma, lá sou o que ele quer que eu seja, não posso sorrir, nem chorar, qualquer coisa que eu faço é porque estou envolvida com outro homem, [...]uma vez prostituta sempre prostituta*. Percebo como se em casa Sara necessitasse usar uma máscara, ser o que não é para não desagradar ao marido.

Com o decorrer das sessões observo que sua conduta repete-se periodicamente, algo que denuncia sua dinâmica interna, avança no processo psicoterápico, entretanto, diante dessa

evolução refugia-se, ausenta por um período ampara no argumento de que o marido a proíbe de ir às sessões, ou ainda por estar fisicamente impossibilitada de ir até a instituição. Como alguém que acostumou a vivenciar o que lhe é menos doloroso, que se anula diante do desejo do Outro, e refugia-se numa máscara que recobre o vazio, em não poder ser ela mesma em sua parceria amorosa.

Porém, a cada retorno, apresenta-se visivelmente diferente, são transformações que após dois anos em psicoterapia, denuncia algo que me chama atenção, a mulher que outrora chegava com características predominantemente feminina, numa feminilidade que lhe sobressaía, portando roupas e calçados leves, delicados, cabelos longos e bem cuidados. Com o decorrer revela-se com uma aparência masculinizada, cada vez com os cabelos mais curtos, roupas masculinas, sempre de tênis, o andar começa a ganhar um caráter distante da delicadeza que anteriormente lhe era peculiar.

É como se com o tempo ela fosse percebendo com certa elucidação seu lugar, sua máscara, entretanto, quando começa a desvelar, afasta-se das sessões, para depois retornar.

Sara almeja ser protegida cuidada, arrisca a própria vida em nome desse cuidado, do lugar que ocupa ao lado do marido, o lugar da feminilidade que aos poucos vai revelando-se como máscara, em não ser ela mesma, *aqui eu posso ser eu mesma*, aqui – no *setting* – ela vai aos poucos se despiando da leveza e delicadeza e assumido características contrárias.

Enfaticamente discorre sobre a necessidade de permanecer casada com seu *veio*, pois ele a cuida e a protege, algo contraditório para quem acorda em meio à noite e o vê com uma faca na mão, ou acorda sendo enforcada por ele. Ela é a provedora do lar, com certa frequência necessita proteger-se da violência deferida pelo marido. Quer proteção, mas permanece na companhia daquele que a agride. Qual a proteção e cuidado que ele exerce? A da máscara? Penso ser algo que ela necessita de um tempo maior para acessar. Desloca-se da dinâmica de outrora, num processo de autoconsciência do lugar que ocupa.

Quando caem os semblantes a devastação surge como uma forma de relacionar-se. Eva, a terceira paciente, discorre sobre uma relação que desvela o vínculo na fase pré-edípica, o qual denuncia o fracasso da metáfora paterna, ela permanece ligada à mãe, na condição de objeto/dejeto do desejo materno, presa à condição de estar para a mãe, assujeitada aos seus desejos e a seu querer.

Por vezes tenta desprender-se da mãe, relacionar-se em suas parcerias amorosas e nos ciclos de amizades, mas acaba repetindo a condição de assujeitamento ao Outro. Entretanto, às tentativas de romper, de sair do lugar que ocupa na vida da mãe são frustradas, perdura o papel da mãe na condição de quem não realiza troca, não fala de outro jeito do ser mulher, mantém a filha na condição de objeto de seu desejo e permanece na condição de mãe.

Com a privação do pai referendando a lei, a simbolização do desejo materno fica comprometida por não haver a intervenção do significante do nome-do-pai. Eva não metaforiza a falta, não se encontra no olhar materno, é enredada por relações de amor e dor com os resquícios da fase pré-edípica.

Com o decorrer das sessões Eva percebe o lugar que ocupa nas parcerias amorosas, amplia sua compreensão, movimenta-se lentamente da condição do objeto em tais parcerias, como alguém que inicialmente a desconhecia para aquela que discorda em estar nesse lugar. Apreende a posição que ocupa na relação com a mãe, porém, sem conseguir desvincular-se.

Diante dos dados aqui contemplados, os três casos desvelaram-me o significado da violência na perspectiva de quem a vivencia, a condição de assujeitamento revela-se como anseio em saber se foi amado, o lugar que ocupa na vida do Outro, como uma forma de relacionar-se. E ainda, auxiliou a clarificar as inquietações que surgiram no decorrer da edificação do presente trabalho.

Nesse sentido, percebo que as “escolhas” amorosas de forma narcísica revelam um desígnio do outro a partir do que foi, do que é, e do que gostaria de ser, embasada na demanda interna de cada uma; há um anseio em ser para o Outro o que nenhuma outra mulher foi ou será: estar na parceira amorosa com sua singularidade, por acreditar ser portadora de um amor único. Tal amor desconsidera a demanda do outro, se referenda em um auto bastar-se, *sei que ele não me ama, mas meu amor é suficiente para nós dois*, em ser para o outro o que ele não está disposto em ser para ela.

Dessa forma, ao doar-se sem ser correspondida, acredita ser portadora de um amor que seja suficiente para os dois. No entanto, se pensar essa dinâmica de doar sem receber na perspectiva da libido do ego e libido objetal, que quanto mais uma é empregada mais a outra se esvazia, quanto mais doa, mais se exaure, vazio o ego tornar-se dependente do objeto. Em outras palavras, acarreta uma relação de dependência ao objeto, da mulher que se doa ao seu

objeto amoroso. Diante de tal relação o sujeito repete compulsivamente almejando a satisfação, para tanto assujeita-se à violência, a relações devastadoras.

Repete na busca por uma satisfação experienciada na fase mais primitiva, por encontrar o objeto perdido, modelado segundo a experiência com o objeto originário, almeja reviver a satisfação que na vida pregressa imagina ter vivenciado na relação com o objeto amoroso.

Nesse sentido na busca por reencontrar o objeto da relação originária, a menina busca encontrar-se. Nessa busca, disponho pensar em o que desvela a autoagressão, ou mesmo o sentimento negativo para consigo perpassado pelo desprezo proveniente do objeto, recorri às contribuições lacanianas ao considerar que para a criança o que importa é saber se foi amado, o que almejou e identificou como desejo do outro que é o desejo da mãe. A menina busca encontrar-se no desejo materno, se ela não se encontra permanece no vazio, na busca por um significante que a defina como mulher.

Observo que as pacientes apresentam algo em comum na clínica, desvelam um enredo que denuncia um comprometimento dos vínculos objetais o fracasso da metáfora paterna. Há aquela que o pai não comparece na relação, há a que é privada do convívio e a que é responsabilizada ao “cuidado” paterno, do qual traz registros de dor e consternação. Concomitantemente, disponho pensar a relação com o objeto originário, observo que dada às devidas proporções, em sua peculiaridade, todas relatam o comprometimento de tais vínculos, estar na condição de objeto do desejo materno como Érica, em ser o falo da mãe – o que é experienciado por Eva, ou ainda vivenciar as consequências de ter sido deixada pela mãe – Sara.

O enredo da vida dessas três mulheres revelam mais do que episódios de violência doméstica, exemplificam o assujeitamento a relações devastadoras, que repetem de forma compulsiva sinalizando uma compulsão à repetição na perspectiva da pulsão de morte. E ainda aclaram os resquícios do pré-édipo, que em intensidade diferente, comparece em suas relações na fase adulta, delineando uma postura diante do Outro que foi modelada em sua pré-história.

Na busca por ser amada, desejada essas mulheres repetem um sem limite do gozo, do gozo suplementar, um gozo devastador. Almeja a simbolização do desejo materno, anseia pelo significante que a defina como mulher.

## REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A. KNOBEL, M. *Adolescência Normal*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

ABRAMO, Fundação Perseu. *Mulheres Brasileiras e gênero nos espaços público e privado*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2013. Disponível em: <<http://www.fpa.org.br/o-que-fazemos/pesquisas-de-opiniao-publica/pesquisas-realizadas/pesquisa-mulheres-brasileiras-nos-es>>. Acesso em: 20 jul. 2013

ABRAMO, Fundação Perseu. *Mulheres Brasileiras e gênero nos espaços público e privado*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2010. Disponível em: <<http://www.fpa.org.br/o-que-fazemos/pesquisas-de-opiniao-publica/pesquisas-realizadas/pesquisa-mulheres-brasileiras-nos-es>>. Acesso em: 26 Nov. 2012.

ANDRÉ, Serge. *O que quer uma mulher?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

A PROFESSORA de Piano. Produção do Michael Haneke. Áustria/França: Produtora, 2001, 1DVD (131 minutos).

ARAN, M. *O Averso do Averso*. Feminilidade e novas formas de subjetivação. Rio de Janeiro: Garamond. 2006.

AURÉLIO, B. H. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Português*. 3 ed. Curitiba: Positivo, 2004.

BEAUVOIR, S. O. *O Segundo Sexo*: a experiência vivida. Nova Fronteira, 1967.

BOURDIEU, P. (1998) *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome – MDS. *Lei 874/93, Lei Orgânica de Assistência Social - LOAS*. Disponível em <[www.mds.gov.br/assistenciasocial/loas](http://www.mds.gov.br/assistenciasocial/loas)> Acesso em: 19 jan. 2012.

\_\_\_\_\_. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome – MDS. *Sistema Único de Assistência Social – SUAS*. Disponível em <[www.mds.gov.br/assistenciasocial/suas](http://www.mds.gov.br/assistenciasocial/suas)> Acesso em: 20 jan. 2012.

\_\_\_\_\_. Presidência da República, Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. *Lei Maria da Penha Lei nº 11.340 de 7 de agosto de 2006*. Brasília: A Secretaria, 2006a.

\_\_\_\_\_. Presidência da República, Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. *Normas Técnicas de Uniformização – NTU*: Centro de Referência de Atendimento à Mulher em Situação de Violência. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2006b.

CHICO BUARGUE. *Com açúcar, Com afeto*. São Paulo: RCA Victor, p1966. 1 disco sonoro.

COLLING, A. M. *Rousseau, Condorcet e a questão do cuidado na educação superior*. Fazendo Gênero 9 Diásporas, Diversidades, Deslocamentos 23 a 26 de agosto de 2010.



CREPOP – Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas. *Referências Técnicas para a atuação do (a) psicólogo (a) no CRAS/SUAS* Conselho Federal de Psicologia (CFP). Brasília, agosto; 2007.

*Dicionário Larousse Francês-Português / Português-Francês*. Disponível em: <[www.4shared.com/file/QYON4G2i/Dicionario\\_Larousse](http://www.4shared.com/file/QYON4G2i/Dicionario_Larousse)>. Acesso em: 20 de maio de 2013.

DORMINDO com o Inimigo. Produção de Joseph Ruben. EUA: Produtora, 1991. 1 DVD (90 minutos).

DRUMMOND, Cristina. Devastação. *Opção lacaniana [online] nova série*. Ano 2. n. 6, p.1-14, Nov. 2011. Disponível em: <[http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero\\_6/Devastacao.pdf](http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_6/Devastacao.pdf)>. Acesso em: 12 de dezembro de 2012.

ELIA, L. A Transferência na pesquisa em psicanálise: lugar ou excesso? *Psicol. Reflex. Crit.*, Porto Alegre, v.12, n.3, 1999. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-7972999000300015&script=sci\\_arttex](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-7972999000300015&script=sci_arttex). Acesso em 10 de outubro de 2012.

FRAYSE-PEREIRA, J. A. Um parêntese para o olho: passagem a uma outra forma. In: JUNGUEIRA-FILHO, L. C. U. *Silêncio e Luzes: sobre a experiência psíquica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998, p. 33-43.

FREUD, Sigmund. (1895) Projeto para uma psicologia científica. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*, vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

\_\_\_\_\_, Sigmund. (1905 [1901]) Fragmento da análise de um caso de histeria. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

\_\_\_\_\_, Sigmund. (1905 [1904]) Sobre a Psicoterapia. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

\_\_\_\_\_, Sigmund. (1905) Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

\_\_\_\_\_, Sigmund. (1908) Sobre as Teorias Sexuais da Criança. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*, vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

\_\_\_\_\_, Sigmund. (1909) Notas sobre um caso de neurose obsessiva. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*, vol. XI. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

\_\_\_\_\_, (1914a) Recordar, Repetir e Elaborar (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II). In: *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas*, vol. XII. Rio de Janeiro: imago, 2006.

\_\_\_\_\_, (1914b) Sobre o narcisismo: uma introdução. In: *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas*, vol. XII. Rio de Janeiro: imago, 2006.

\_\_\_\_\_, (1915a) Os instintos e suas vicissitudes. In: *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas*, vol. XIV. Rio de Janeiro: imago, 2006.

\_\_\_\_\_, (1915b) O Inconsciente. In: *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas*, vol. XIV. Rio de Janeiro: imago, 2006.

\_\_\_\_\_, (1917) ‘Uma criança é espancada’ Uma contribuição ao estudo da origem das perversões. In: *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas*, vol. XIV. Rio de Janeiro: imago, 2006.

\_\_\_\_\_, (1920) Além do Princípio de Prazer. In: *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas*, vol. XVIII. Rio de Janeiro: imago, 2006.

\_\_\_\_\_, (1921) Psicologia de Grupo e a Análise do Ego/Estar Amando e Hipnoze. In: *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas*, vol. XVIII. Rio de Janeiro: imago, 2006.

\_\_\_\_\_, (1923 [1922]) Dois verbetes de enciclopédia. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

\_\_\_\_\_, (1923) O Ego e o Id. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

\_\_\_\_\_, (1924) O Problema Econômico do Masoquismo. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

\_\_\_\_\_, (1930-1929 [2006]) O Mal-Estar na Civilização. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

\_\_\_\_\_, (1931) Sexualidade feminina. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

\_\_\_\_\_, (1933) Feminilidade. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*, vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

\_\_\_\_\_, (1937) Construção em Análise. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*, vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

GARCIA-ROZA, L. A. *Acaso e Repetição em Psicanálise: uma introdução à teoria das pulsões*. 7 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

GARCIA-ROZA, L. A. *Freud e o Inconsciente*. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

GRANT, W. H. A Mascarada e a Feminilidade. *Psicol.USP*. São Paulo. v. 9, n. 2, 1998. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65641998000200010>>. Acesso em: 12 maio. 2013.

HERRMANN, Fabio. *Andaimes do real*. Livro primeiro. Método da Psicanálise. 2 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

\_\_\_\_\_, Fabio. *O divã a passeio. À procura do psicanalista onde não parece estar*. São Paulo: Editora Pedagógica Universitária, 1992.

\_\_\_\_\_, Fabio. *Uma aventura – A tese psicanalítica*. In: SILVA, Maria Emília Lino (da) (org.). *Investigação e Psicanálise*. Campinas: Papirus, 1993, p.33-43.

\_\_\_\_\_, Fabio. *Pesquisando com método psicanalítico*. In: HERRMANN, Fabio; LOWENKRON, Teodor (orgs.). *Pesquisando com método psicanalítico*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, p.43-85.

HERRMANN, Leda. *Sobre: Andaimas do Real – A construção de um pensamento*. In: HERRMANN, Fabio; LOWENKRON, Teodor (orgs.). *Pesquisando com método psicanalítico*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, p.269-277.

JAPIASSÚ, H. MARCONDES, D. *Dicionário Básico de Filosofia*. Ed. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro. 2001.

KEHL, M. R. *Deslocamento do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

LOWENKRON, T. *O objeto da investigação psicanalítica*. In: HERRMANN, Fabio; LOWENKRON, Teodor (orgs.). *Pesquisando com método psicanalítico*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, p.21-33.

Lacan, J. (1951). *Intervenção sobre a transferência*. In: *Escritos*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1998.

\_\_\_\_\_. (1956-1957) *Seminário IV. A relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

\_\_\_\_\_. (1957-1958) *Seminário V. As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_. (1966a). *A significação do falo*. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1998.

\_\_\_\_\_. (1966b). *Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina*. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1998.

\_\_\_\_\_. (1972-1973) *Seminário XX. Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

\_\_\_\_\_. (1973) *O Aturdido*. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2003.

\_\_\_\_\_. (1974) *Televisão*. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2003.

\_\_\_\_\_. (1975-1976) *O seminário, livro 23: O sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

MARCOS, C. *Mãe e Filha – Da Devastação e do Amor*. *TEMPO PSICANALÍTICO*. Rio de Janeiro, v.43. II, p. 269-284, 2011a. Disponível em:

<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-1138200800010](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-1138200800010)>.  
Acesso em: 12 jan. 2013.

MARCOS, C. Considerações sobre o feminino e o real na psicanálise. *Psicologia Estudo*. Maringá, v.16 n.1 mar, 2011b. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722011000100017>>. Acesso em: 04 maio 2013.

MEZAN, Renato. Que significa “pesquisa” em psicanálise? In: SILVA, Maria Emília Lino (da) (org.). *Investigação e Psicanálise*. Campinas: Papirus, 1993, p.47-59.

MILLER, A. J. Mulheres e semblantes II. *Opção Lacaniana [online] nova série*. Ano1. n.1, p. Março 2010. Disponível em: <<http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/Devastacao.pdf>>.  
Acesso em: 20 de maio de 2013.

NERI, R. *A Psicanálise e o Feminino: um horizonte da modernidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

NOGUEIRA, L. C. A pesquisa em psicanálise. *Psicol. USP*, São Paulo, v.15, n.1 -2, Junho de 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65642004000100013](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642004000100013)>. Acesso em 29 de abril de 2012.

PEREIRA, R. da C. *Direito de família: uma abordagem psicanalítica*. 2 ed. Belo Horizonte: Del Rey, 1999.

REA, Silvana. Considerações sobre transformatividade: aproximações entre artes plásticas e psicanálise. In: HERRMANN, Fabio; LOWENKRON, Theodor (orgs.). *Pesquisando com método psicanalítico*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, p.95-117.

SANTANA, S. S. *A Arquitetura do feminino. Fazendo Gênero 9* Diásporas, Diversidades, Deslocamentos 23 a 26 de agosto de 2010.

SOLER, Colette. *O que Lacan dizia das mulheres*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

SONATA de Outono. Produção de Ingmar Bergman. Suécia, Alemanha Ocidental e França: PRODUTORA, 1978. 1 DVD (99 minutos).

SOUZA, M. C. R. de. *Violência Contra Mulheres: uma questão de gênero – Montes Claros 1985-1994*. 258 f. Dissertação (Mestrado em História). Uberlândia, MG: Universidade Federal de Uberlândia. 2009.

VALDIVIA, O. B. A Linguagem Interminável dos Amores; *Jornal do Federal* Nº34; 1993.

## **APÊNDICE**

## 7.1 – CARTA DE APROVAÇÃO DO CEP/NUSAU

Fundação Universidade  
Federal de Rondônia – UNIR



Comitê de Ética em Pesquisa do Núcleo de Saúde – CEP/NUSAU

Porto Velho, 06 de julho de 2012  
Carta 031/2012/CEP/NUSAU  
Da: Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa  
Para: Edos Mônica da Silva Woheto  
Assunto: Parecer Ético  
CAAP: 04439212.1.0000.5300

Informo-lhe que o projeto de pesquisa de sua autoria *"A relação do feminino com a violência e a repetição"* foi aprovado em reunião do Comitê de Ética realizada em 05/07/2012. Por consequência, o estudo poderá ser imediatamente iniciado.

Outrossim, esclareço ainda que este Comitê deve ser informado do andamento da investigação, bem como receber cópia do relatório final em meio digital, quando de sua conclusão.

Atenciosamente,

Prof.ª Ms. Lucinda Maria Dutra de S. Moreira  
Coordenadora/Portaria 250 GR/2010

Prof. Ms. Lucinda M. Dutra de S. Moreira  
Comitê de Ética em Pesquisa NUSAU/UNIR  
Coord. Port. 250/GR/2010